ARQUITETURA

outubro, 1963



16

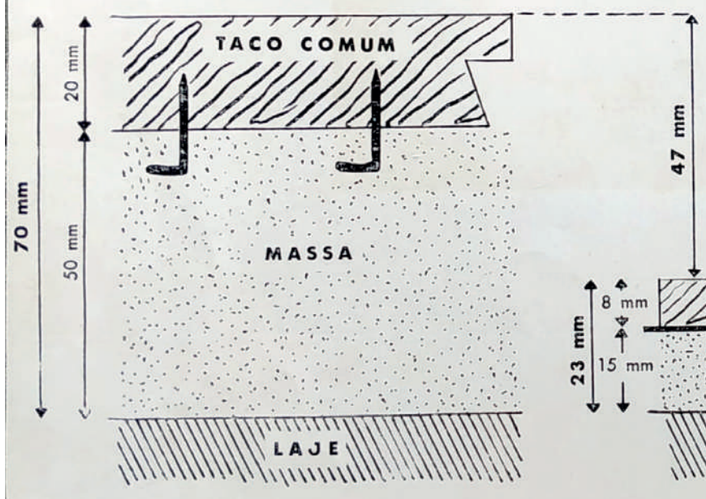
REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

PARKEX

... o parquet higiênico de classe superior !

PREPARAÇÃO DO PISO PARA **PARKEX**

E SUAS VANTAGENS



ECONOMIA
DO PÊSO DA CONSTRUÇÃO DE
60 a 80 kgs por m² de Piso

ECONOMIA
NA ALTURA DA CONSTRUÇÃO
50 mm por Andar

TAMANHO NATURAL

PARKEX S. A.

INDÚSTRIA DE PARQUET

RIO DE JANEIRO: RUA CANDELÁRIA, 9, S. 410 - TEL.: 43-7798

bernini s. a.

indústria e comercio

portas compensadas
lambris
compensados
fórmica
produtos eucatex
formiplac
chapas duratex

rua moncorvo filho, 25-27
vendas - 43 1090 - 43 2750
fábrica - 43 6882
contabilidade - 23 4225
endereço telegr.: "lambris"
rio de janeiro

Piso
de parquet
de luxo

fino
bamento

ARQUITETO

Esta é a Revista de sua classe, a SUA Revista, que lhe é entregue em sua casa todos os meses, sem lhe custar nada. Ela foi idealizada e está sendo editada exclusivamente para você, na intenção de criar um veículo para informá-lo e divulgar o seu trabalho. Para continuar a servi-lo, ARQUITETURA precisa de sua ajuda. Para continuar chegando às suas mãos todos os meses, ela precisa de que você a auxilie. Pense e veja que VOCÊ pode ajudá-la. Não fique indiferente,

AJUDE ARQUITETURA A SOBREVIVER

Instituto de Arquitetos do Brasil

Sêco
em estufa
propicia

arkex

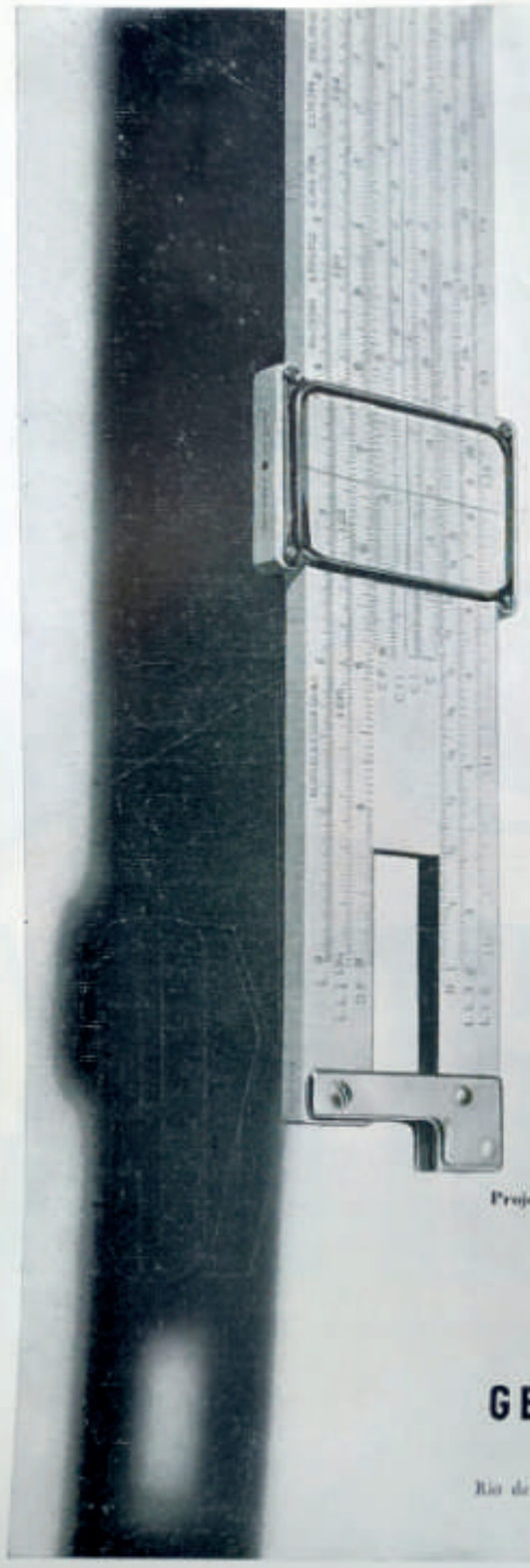
ESCRITÓRIO: RUA CANDELÁRIA, 9, s/ 410 - TEL. 43-7798 - RIO - GB.

Distribuidores RIO: FARIAS DE MELLO IMÓVEIS, LTDA.

Rua da Assembléia, 93 Gr. 1001 - Tel. 22-7251

RECIFE: INTERCÂMBIO MERCANTIL NORTE-SUL LTDA.

Av. Dantas Barreto, 507 - s/ 215 - Tels. 43454
43509



Seja qual fôr seu
problema de iluminação,
os engenheiros
luminotécnicos da G.E.
oferecem a melhor
solução
–sem ônus para você!

Sem qualquer compromisso ou despesa de sua parte, solicite a presença de um engenheiro luminotécnico da General Electric para estudar o seu problema de iluminação. Você terá, assim, a garantia de receber o melhor projeto de iluminação, em bases funcionais e econômicas.

Projetos de iluminação para

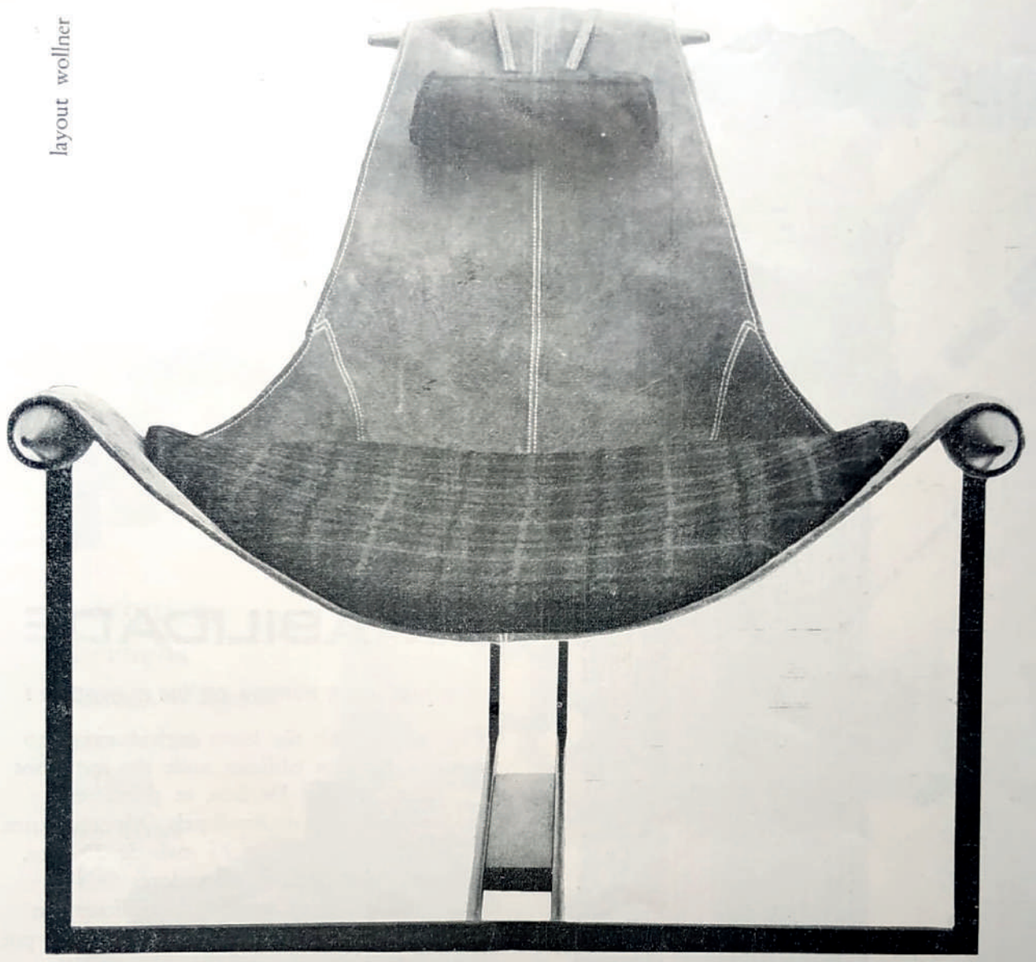
- escritórios
- bancos
- fábricas
- iluminação pública
- escolas
- hospitais
- edifícios
- oficinas
- ginásios esportivos
- repartições públicas etc.

GENERAL ELECTRIC

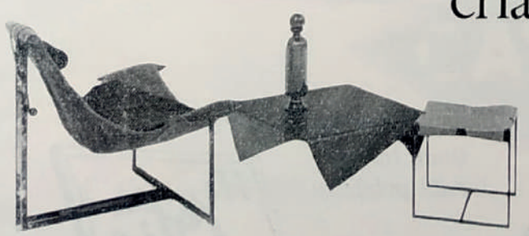
General Electric S. A.

Rio de Janeiro - São Paulo - Recife - Salvador - Pôrto Alegre
Belo Horizonte - Curitiba

layout wollner



criações plásticas
móveis l'atelier
criações práticas

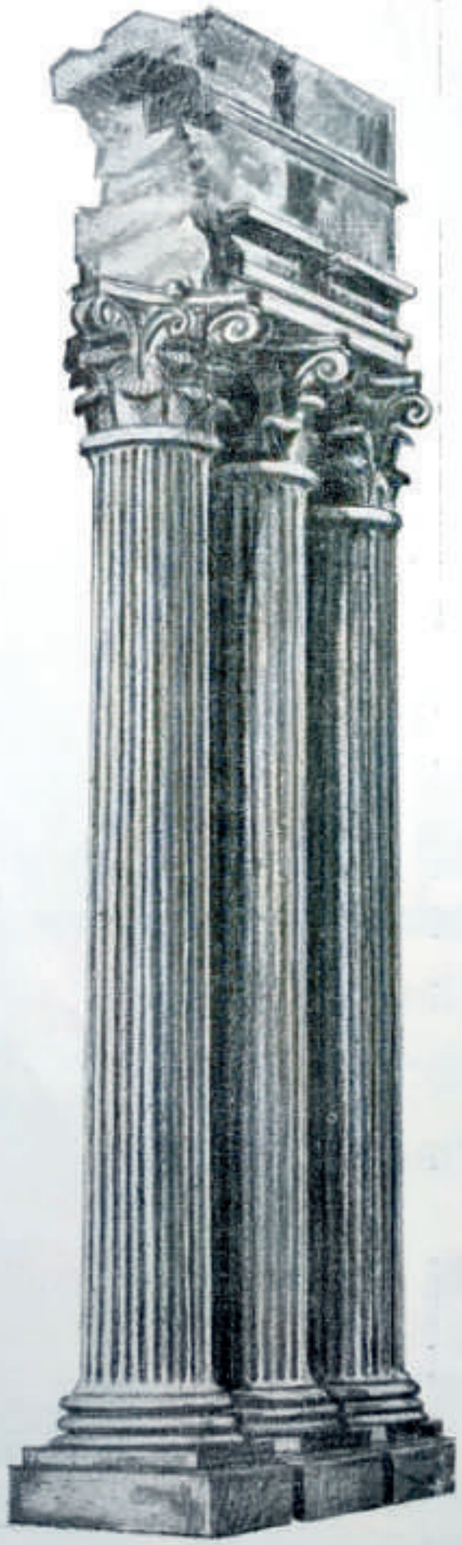


projetos e orientação artística
do arq. jorge zalszupin

rua hilário de gouveia, 57-a; copacabana rio de janeiro gb



móveis l'atelier
rua augusta 1791, conjunto nacional



DURABILIDADE

— É O QUE VOCÊ ESPERA DE UM ELEVADOR?

Os Elevadores Otis são feitos para durar tanto quanto os próprios edifícios onde são instalados — e duram mesmo! De fato, os primeiros elevadores instalados no Brasil pela Otis continuam em funcionamento, alguns há mais de 30 anos. Na maioria dos casos, os Elevadores Otis só deixam de funcionar quando os edifícios são demolidos (nos outros casos, são substituídos por Elevadores Otis modernos). Pense no que isso representa em economia e tranqüilidade para você. Pense, e você descobrirá porque os melhores edifícios são equipados com Otis — em todo o mundo!

Durabilidade
Eficiência
Segurança
Beleza

ELEVADORES OTIS S.A.
Onde tudo é de primeira... Há Otis

impermeabilizando há mais de 50 anos...



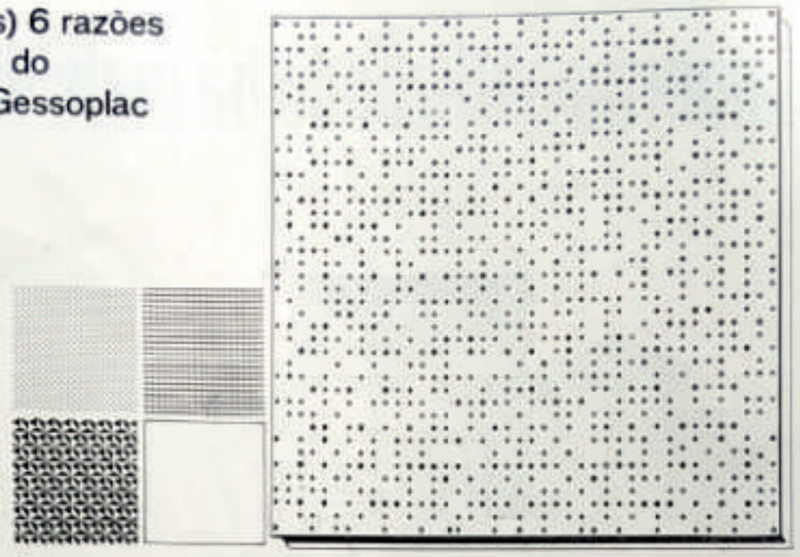
marquises
terraços
caixas d'água
sub-solos
calhas
piscinas
etc.

CAVO

COMPANHIA AUXILIAR DE VIAÇÃO E OBRAS

MATRIZ
FILIAL
FILIAL
FILIAL

Há (pelo menos) 6 razões para a escôlha do fôrro de gêsso Gessoplac



Na verdade, são incontestáveis as vantagens do fôrro de gêsso Gessoplac sôbre qualquer tipo de fôrro. Esta afirmação não é gratuita e baseia-se em razões sólidas. Veja:

1

O gêsso é um material que, com o passar do tempo, fica mais resistente. O fôrro de gêsso Gessoplac é, portanto, eterno. E é também removível e reaproveitável.

2

Material nobre e homogêneo de grandes possibilidades plásticas, nada pode superar o fôrro de gêsso Gessoplac quanto à aparência e possibilidades decorativas, resolvendo técnica e plàsticamente, os problemas de iluminação.

3

Uma outra característica do gêsso e, portanto do fôrro de gêsso Gessoplac, é a estabilidade e inalterabilidade do material: não empena, não racha, não abre fendas, não bicha. Dispensando enrugamento, não sofre também os efeitos de sua instabilidade.

4

O gêsso é incombustível. Poroso, submetido durante 15 minutos a uma temperatura de 750° (teste realizado pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas conforme certificado oficial n.° 222.315) concluiu-se que o fôrro de gêsso Gessoplac não se incendeia, que não houve produção de gazes combustíveis, não se observando também nenhuma elevação de temperatura.

5

O fôrro de gêsso Gessoplac, como se viu, é perfeito isolante térmico, poupando poroso, os aparelhos de condicionamento de ar. É também isolante acústico com grande coeficiente de absorção (certificado oficial do IPT n.° 12.677). Para a perfeita isolação térmica e acústica contribui também a manta de lã de rocha de que são revestidas as chapas.

6

Por ser eterno e reaproveitável, o fôrro de gêsso Gessoplac seria, só por isso, a melhor solução do ponto de vista econômico. Mas há ainda outros fatores que contribuem para a redução do seu custo: sendo incombustível, reduz a taxa de seguros e o custo de colocação (incorporado ao preço) é baixo, dada a rapidez com que se processa.



Formato das chapas: 0,60x0,60m.

As chapas são presas por meio de tirantes de arame galvanizado sustentados por pregos de aço fixados a revolver.

Suportes de alumínio na borda fixadora garantem uma fixação segura.

Colocação sob a responsabilidade do departamento especializado da Gessoplac.

GESSOPLAC

Rua Marconi 31 - 6.° andar
tel. 34 01 19 - São Paulo

REPRESENTANTES: Pôrto Alegre: HEISER & CIA. LTDA. — R. Vig. José Inácio, 311 — 9.° And. — S/ 913 — Galeria Rosário — Fone: 5092 — Cx. Postal 1878 • Rio de Janeiro: ENG.° CELSO PIRES LEHNEMANN — Av. Rio Branco, 131 — Grupo 2810 — Fone: 52-8292 • Campinas: WALDIR A. HEGRICH E CARLOS LIMA Rua Dr. Costa Aguiar, 986 — 6.° and. — S/ 605 — Fone: 5-5037 • Belo Horizonte: CYRANEL COMÉRCIO E REPRESENTAÇÃO — Av. Joaquim Leite, 604 — S/ 204



Há banheiros que não precisam de vidros Blindex

Mas, quando se trata de banheiros modernos, aí sim, os boxes Blindex são indispensáveis. Por que? Bem, uma das razões é que os boxes de vidro temperado Blindex evitam aquéle trabalho de enxugar o chão após o banho (simplesmente porque a água não consegue passar para o resto do banheiro). Esta já seria uma boa razão. Entretanto, os boxes Blindex oferecem outras vantagens. Por exemplo: são montados com chapas de vidro temperado, de alta resistência, possibilitando grande segurança contra choques ocasionais. Permitem lavagem muito mais rápida. E não rasgam, como as cortinas. Além disso, podem suportar uma pressão 5 vêzes maior do que a tolerada pelos vidros não temperados. Seu indice de flexibilidade é 8 vêzes superior ao dos vidros comuns. Precisamos dizer mais?



Stª LÚCIA CRISTAIS LTDA. INDÚSTRIA BRASILEIRA **BLINDEX**

São Paulo Vendas: Rua Tocantins, 96 - Tel. 52-6543 e 52-6438 — Rio Vendas: Av. Presidente Vargas, 642 - G. 505 - Tel. 23-9915

Exito absoluto!



Agradecemos aos nossos prezados clientes a preferência dada ao aço especial para construção

BARRA MANSA 5000

cujos índices de vendas superaram as nossas expectativas

Fabricantes
SIDERÚRGICA BARRA MANSA S.A.
Vendas
IND. E COM. METALÚRGICA ATLAS S.A.
Rua Rizkallah Jorge, 50 - 14.º e 15.º Andares
Fones: 32-3148 - 32-5146 - Rede Interna - S. Paulo

★ **ARQUITETURA** É LIDA E COLECIONADA MENSALMENTE POR 3.125 ARQUITETOS, OU SEJA TODOS OS ARQUITETOS BRASILEIROS NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO.

★ **ARQUITETURA** ATINGE MENSALMENTE MAIS DE 2.500 FIRMAS CONSTRUTORAS EM TODO O BRASIL (OU A TOTALIDADE DOS CONSTRUTORES DO RIO E S. PAULO).

★ **ARQUITETURA** ATINGE MENSALMENTE TÔDAS AS INDÚSTRIAS BRASILEIRAS LIGADAS À ARQUITETURA E À CONSTRUÇÃO.

Por estas três razões e ainda porque ARQUITETURA, pela sua regularidade, pelo seu padrão jornalístico, gráfico e redacional representa uma experiência nova e única em matéria de Revista especializada no país, anunciar em suas páginas é assegurar à sua mensagem publicitária uma penetração ideal, certa e garantida que nenhuma outra publicação pode oferecer.

EXPERIMENTE ANUNCIAR EM **ARQUITETURA**,

A REVISTA OFICIAL DOS ARQUITETOS BRASILEIROS



ARQUITETO HERBERT HIRCH

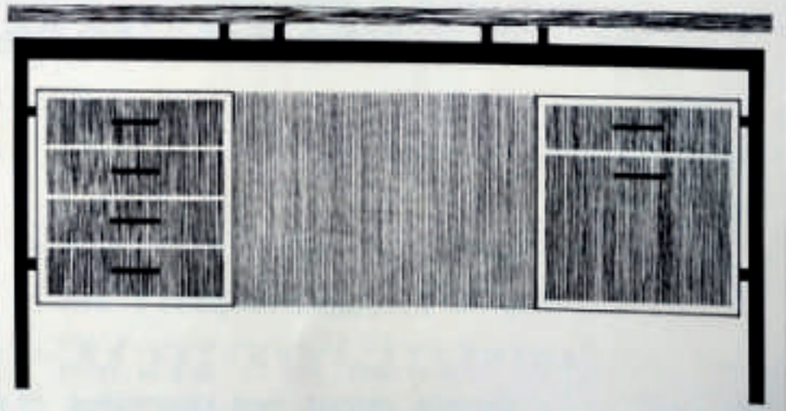
Fêz seus estudos técnicos e de marcenaria no Bahaus, em Dessau (Berlim). Desde 1930, projetista de móveis residenciais e de escritório para Christian Holzapfel; de aparelhos de rádio e TV para Max Braun; de móveis estofados para Wilde e Spieth e outros. Membro do Deutschen Werkbundes desde 1940. Presidente da União dos Desenhistas Industriais desde 1960. Membro do Conselho Alemão da Forma desde 1961.

Modêlo exclusivo. Projetado pelo arquiteto Herbert Hirch, para Holzäpfel, Alemanha. Trata-se de estilo de concepção contemporânea, dentro de uma nova linha funcional de confôrto e beleza. Sua produção no Brasil, pela Brafor, dá projeção internacional aos padrões nacionais de móveis para escritório. E a Brafor orgulha-se de ser das primeiras a trazer, para o nosso país, o que há de mais avançado na produção mundial de móveis para escritório.

BRAFOR
Holzäpfel

- CLASSE INTERNACIONAL EM MÓVEIS PARA ESCRITÓRIO

ESCRIVANINHA DA LINHA HOLZÄPFEL - BRAFOR





Tubos PVC - Sim!
e a Junta?

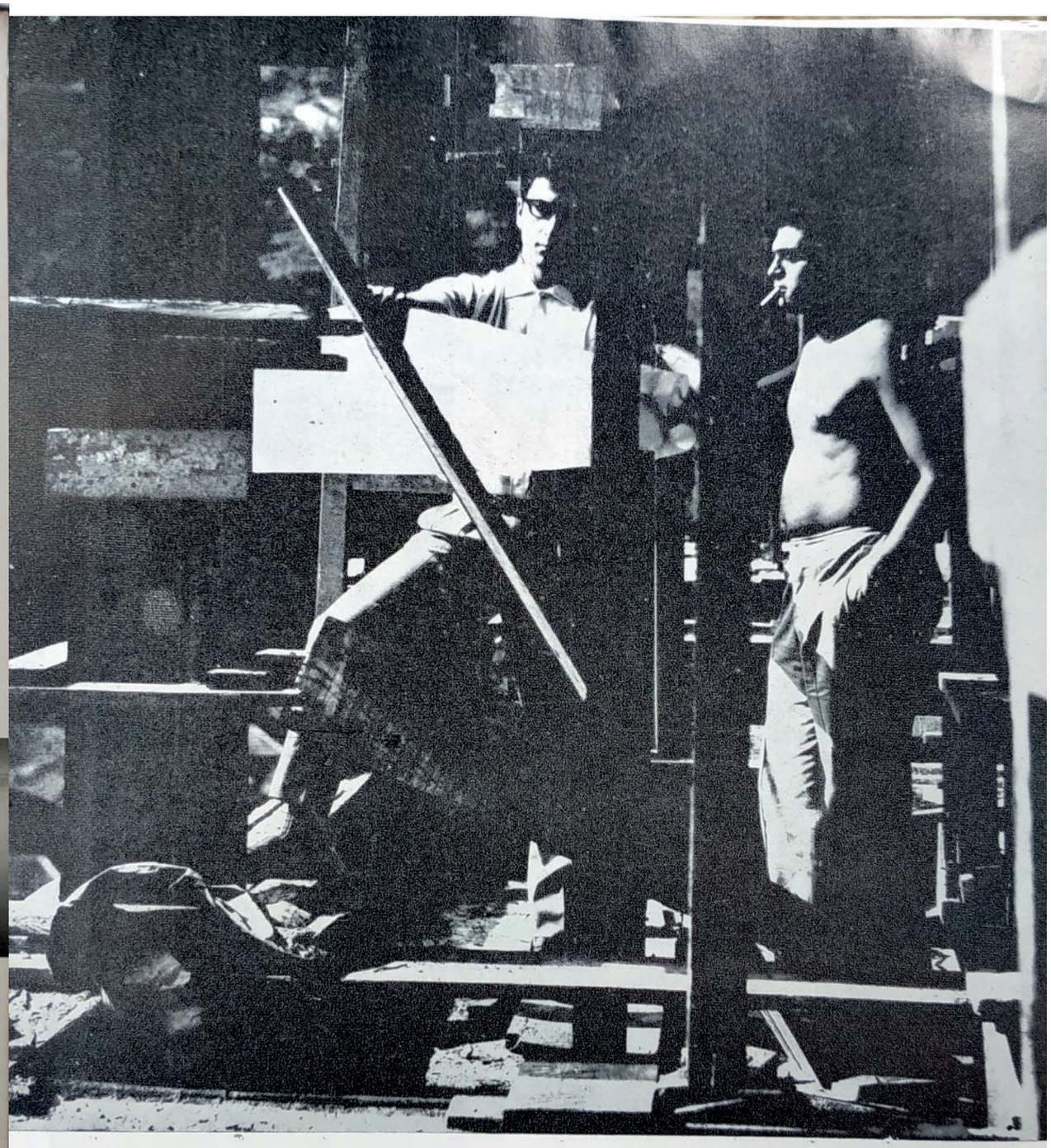
Todos conhecem as principais características dos tubos PVC - não enferrujam, não amassam, são mais leves que os de metal, são inatacáveis pela maioria dos agentes químicos, apresentam maior vazão, são econômicos, etc., vantagens que possibilitam aos Tubos PVC inúmeras aplicações nas indústrias, no campo, nas construções civis. Mas, e a Junta? Bem... em tubos PVC, o ideal é "Junta Soldada". **Junta Soldada** - é o ponto forte da tubulação: as paredes se fundem molecularmente na junção, formando um todo monolítico. **Junta Soldada** - é a estanqueidade total assegurada à tubulação não só no transporte de líquidos como até de ar comprimido. **Junta Soldada** - é a facilidade e a redução do tempo gasto nas instalações, pois dispensa o uso de ferramentas. Além dessas qualidades, os tubos PVC Rígido **Brasilit** Junta Soldada são fabricados seguindo técnica testada e aprovada em mercados internacionais; utilizando-se de matéria prima de alta qualidade, sem plastificante, que lhes garante rigidez e alta durabilidade; dentro de especificações e contrôles rigorosos indispensáveis à obtenção de um produto tècnicamente perfeito. Solicite-nos folhetos e utilize a nossa assistência técnica.

TUBOS PVC RÍGIDO "JUNTA SOLDADA"

BRASILIT

Conexões à vontade.

Revendedores Autorizados em todo o país.



QUEM ESPECIFICA?

O arquiteto não concebe coisas irreais. A sua concepção é material desde o primeiro traço. O traço, a linha são notações que correspondem a determinados materiais. É o arquiteto pois quem decide qual o material a ser empregado. Há diversos tipos de materiais e nem todos são conhecidos pelos arquitetos Será que êles conhecem o seu material? A melhor maneira que o senhor tem para tornar o seu material conhecido pelos arquitetos é apresentá-lo através das páginas de **ARQUITETURA**. A revista que todo arquiteto brasileiro lê e coleciona.

ITETURA

N.º 56 — Outubro — 1963

ficial do Instituto de Arqui- Brasil — Revista mensal do — Av. Rio Branco, 277, 501.

e da Redação: Mauricio Ro- sident; Affonso Reidy, Ed- ff, Ernâni Vasconcellos, Hen- L. Miedlin, Ivoro da Cunha Marcelo Roberto, Marcos Kon- itz, Oscar Niemeyer, Paulo Ribeiro, Paulo Ferreira San- tiago de Vasconcellos.

e de Direção: Affredo L. - IAB; Alvaro Pacheco; Mau- gueira Bastos - IAB.

e de Representantes: Alberto - IAB-RGS; Jorge Wilheim - Vital Maria Pessoa de Mel- B-PE; Affonso Roquetes Reis BA; Carlos Eugenio Hime - ; Almir Fernandes - IAB- ito Vianna - IAB-ES.

fe redator-chefe — Mauricio ra Bastos - IAB; secretário rcio L. Roiz - IAB; departa- de arte — Roberto Sambelli Dep. Fotográfico - Roberto

Pacheco.

radores: Claudius Ceccon - Ferreira Gullar, Carlos Diegues Cleber Ribeiro Fernandes, José ino Mesquita, Nélson Lins de Luis Miranda Corrêa, Arq. Vieira de Azevedo.

blicação é distribuída gratuita- a todos os arquitetos do Brasil, ções de ensino superior, asso- de classe e entidades culturais is e estrangeiras, professores de tura e engenharia de todo o centros acadêmicos, repartições s federais, estaduais e munici- ligadas à arquitetura, à engenha- à construção em geral, governos is, todas as firmas construtoras e S. Paulo, e de outros esta- ros de decoração, galerias de exposições técnicas.

ção da Editôra Artenova Ltda. ressores: Alvaro Pacheco e Ro- Alexandre Baumgart — Tres Agôsto, 6, grupo 201.

ão: IAB-GB — Av. Rio Bran- 7, grupo 1 301 — tel.: 22-1705, .

ibição e Assinaturas: RIO — 15 de Agôsto, 8 — Grupo 201 (11-2041); S. Paulo — REPRE- S — Rua 7 de Abril, 261 — ndar — tel.: 33-3512; Pôrto a — REPRENAES — Rua Cel. o 456 — 2.º andar — tel.: .

e aceita em Bônus e Vales ailleurs; preço do exemplar: (50,00); exterior — US $1; assi- 1 ano — Cr$ 2.400,00; exte- US $10; Número: 10.000 exem- .

ligos assinados são de exclusiva sabilidade dos seus autores.

ição e Impressão: Livraria ul Ramos, S.A. — Rua 7 de ço, 111, Rio.

Women's Hall of Residence, University of Leicester 1960 Arq.: Sir Leslie Martin, Trevor Dannatt, arq. associado.

SUMÁRIO

2 **Editorial**
Nossas Cidades

3 **Projeto**
Jóquei Club de Goiás
arq. Paulo A. Mendes da Rocha
João Eduardo de Gennaro

8 **O Problema da Habitação e os Arquitetos I**
Cajueiro Sêco, uma experiência em autoconstrução

14 **O Problema da Habitação e os Arquitetos II**
Habitação e Saúde

18 **Desenho Industrial**
Arquitetura e Desenho Industrial
arq. Flávio Marinho Rêgo

20 **Documentação**
Carta
arq. Marcelo Fragelli

22 **Crítica**
A arquitetura na Grã-Bretanha de hoje
Nikolaus Pevsner

25 **Galeria**
Artes visuais
Ferreira Gullar
Cinema
Carlos Diegues
Teatro
Cleber Ribeiro Fernandes
Literatura
José Guilherme Merquior
Música
Nelson Lins de Barros

33 **Humorismo**
Claudius

34 **Técnica**
Construções de Ar
arq. Witold Szolginia

35 **Destaque**

38 **Notícias**

40 **Cartas**

42 **Legislação**

44 **Bôlsa de Materiais**

Nossas Cidades

Uma pequena nota do jornal paraense "A Provincia do Pará" sôbre um anteprojeto de lei apresentado pelo vereador Alberto Nunes traz-nos de volta ao assunto que tem sido quase o tema constante dêstes editoriais.

O vereador AN está preocupado em salvaguardar a parte da cidade de Belém do Pará chamada Cidade Velha. Neste bairro estão localizadas construções de valor arquitetônico como o Convento do Carmo, a Igreja de Santo Alexandre, a Catedral de Belém, o Forte do Castelo e outros, levantados antes do século XIX.

A iniciativa do vereador é correta. Aos poucos, nossas cidades tradicionalmente coloniais vão perdendo suas características históricas e culturais ante o impacto de um brutal processo imobiliário. Muitos confundem êste processo especulativo com progresso.

Mas, na realidade, o que tem significado esta urbanização caótica? Quais são suas principais características? A resposta a estas perguntas não é difícil e está suficientemente à vista de qualquer um. Proliferação de agrupamentos de habitações anti-higiênicas, ou sejam, as conhecidas favelas, os mocambos, as malocas, as cabeças-de-porco, as hospedarias e tantas outras formas desumanas de morar. Uma acentuada congestão de todo o sistema urbano, que se reflete dia a dia com mais intensidade na carência e na precariedade dos serviços públicos e comunitários; no colapso do abastecimento de gêneros de primeira necessidade; no tráfego enervante que desgasta inútilmente o tempo e a saúde dos seus habitantes.

Estes aspectos têm, entretanto, relações bem mais profundas. Relacionam-se com a explosão demográfica, com o desenvolvimento industrial não planejado, com a estrutura agrária arcaica, com graves problemas sociais de aculturação.

Com efeito, grande parte das populações que vem engrossar os habitantes da cidade provém do campo, de onde foi expulsa pelas conseqüências de uma política agrária ultrapassada, e trazida a êstes núcleos urbanos pela forte atração exercida através do aspecto essencialmente centralizado de uma política não organizada de desenvolvimento.

E' fato sabido que estas populações, uma vez chegadas à metrópole, não conseguem se integrar plenamente no sistema cultural urbano. Como que acampam na periferia ou nos espaços vazios da cidade, instalando ali — num choque cultural impressionante — todo um sistema de vida de características essencialmente não urbanas.

Estes aspectos, relativamente recentes, vieram somar-se a uma política de colonização exclusivamente extrativa, que determinou uma distribuição demográfica realizada principalmente ao longo da costa. O aspecto extrativo da colonização pesou muito no caráter dos nossos núcleos urbanos. Êles não foram concebidos para uma vida que se instalava em definitivo. E, quando caminhavam para tal fim, mudanças bruscas no sistema econômico determinavam outros rumos que lhes eram muitas vêzes fatais. Acentuava-se, desta forma, o jeito de transitoriedade, marcando todo um conceito de vida urbana. Esta herança trágica é desagradável, nós a carregamos até hoje.

Terra não nos falta, mas, contraditòriamente, é cada vez mais sufocante a sensação de angústia de espaço nas cidades. Suas áreas crescem desmesuradamente, fracionando-se em pequenos lotes que comprometem definitivamente qualquer esperança de uso racional da terra seja para funções urbanas ou agrárias.

Uma falsa idéia de enriquecimento aparece na valorização trazida pela especulação. Os terrenos sobem de valor, mas êste valor é ficticio. Êle nada acrescenta ao potencial da região. Pelo contrário, é em grande parte das vêzes a mola mestra do empobrecimento e da miséria da região. Para valorização destrói-se o solo agricultavável, a paisagem, os sítios históricos e de valor turístico e todo o meio ambiente natural.

Tais fatos esboçados tão ligeiramente talvez não demonstrem com suficiente ênfase a significação que têm no futuro do país e de sua comunidade. Mas nós, arquitetos, sentimos a grande responsabilidade que nos cabe no planejamento territorial do país e estamos cada vez mais perplexos e estarrecidos ante a inação dos setores responsáveis pelos destinos do país.

Não basta querer preservar sítios históricos ou artísticos. E' necessário que se comece a criar uma mentalidade nova na conceituação dos problemas urbanos. Nesta tarefa, o papel do legislador estadual e municipal é de capital importância. A êles compete legislar sôbre a edificação e o uso da terra. Esta atribuição dentro do quadro caótico da urbanização brasileira, é de uma responsabilidade aterradora, pois, ao legislador municipal de hoje, os futuros habitantes de nossas cidades irão abençoar ou maldizer pelos seus acertos e desacertos. ■

Jóquei Clube de Goiás

Concurso de Anteprojetos para nova Sede Social

Arquitetos *Paulo A. Mendes da Rocha*
João Eduardo Genaro

O Jóquei Clube de Goias promoveu no início dêste ano um Concurso de Anteprojetos para sua nova Sede na capital dêsse Estado.

Os arquitetos Paulo A. Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro, radicados em São Paulo, foram os vencedores, obtendo como prêmio o desenvolvimento do projeto dentro da Tabela de Direitos Autorais do IAB.

O segundo prêmio coube a Ariel Veiga da Costa Campos — IAB — GO e o terceiro a Renan de Barros Oliveira — IAB — GO.

A Comissão Julgadora composta dos arquitetos Heitor Annes Dias Vignelli — IAB — DF; Jon Maitrejean — IAB — SP e Maurício Nogueira — IAB — GB, afirmou que o anteprojeto vencedor integra-se perfeitamente no terreno, através de uma utilização racional de sua área. Esta solução possibilitou uma clara diferenciação das diversas funções do programa, sem separá-las, criando, desta forma, a necessária continuidade espacial.

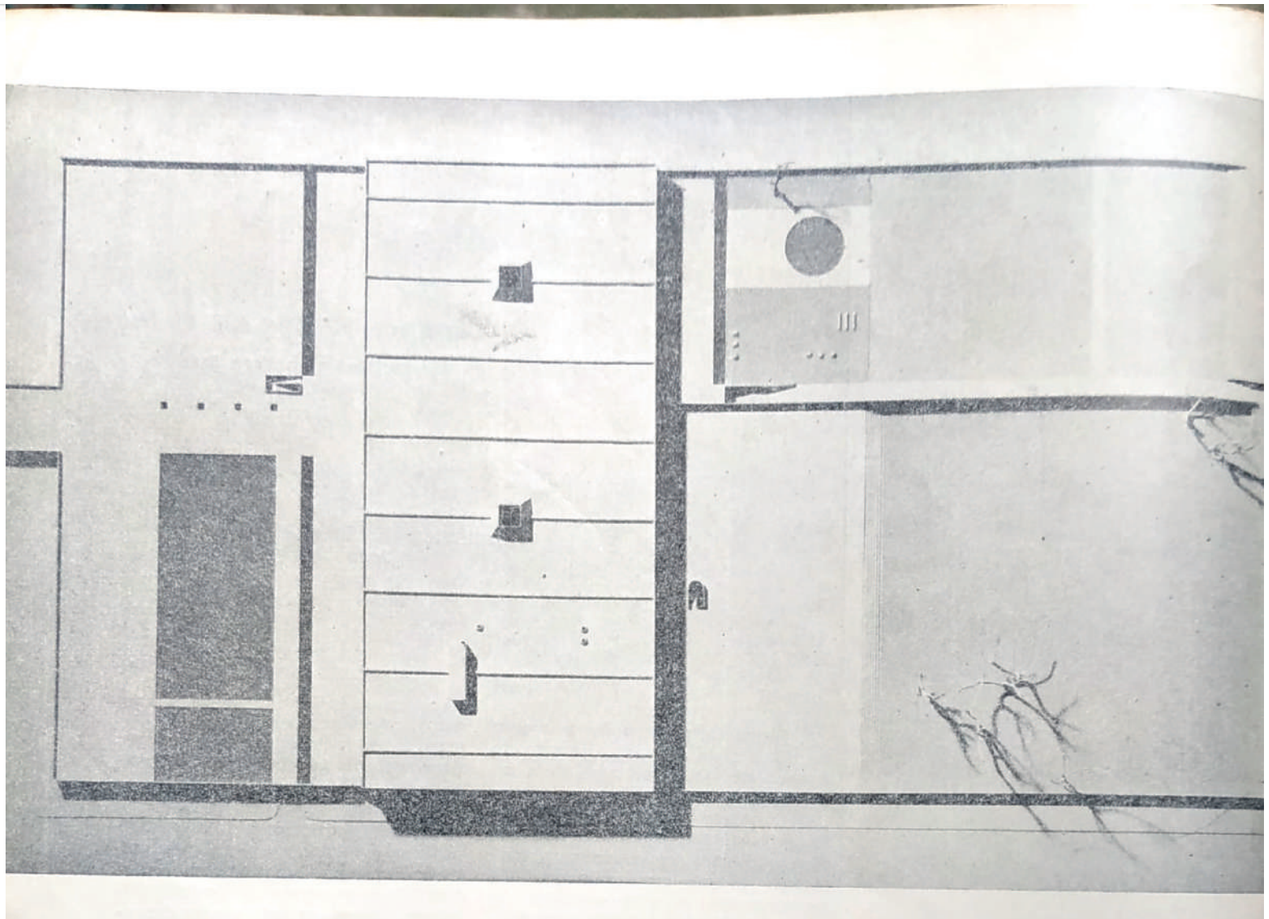
A solução arquitetônica é homogênea, permitindo, grande flexibilidade no uso dos espaços internos a par de integrá-los às áreas externas. Tal fato justifica o não cumprimento estrito de certos itens do programa. A Comissão Julgadora salienta a boa solução dos acessos (social e de serviço), mas espera que, na fase de desenvolvimento, será melhor resolvido, no acesso social, o tráfego de pedestres e veículos, a seu ver, no anteprojeto, pouco caracterizado".

Em seu memorial a Comissão Julgadora fêz questão de, "ao congratular-se com a entidade promotora do concurso", salientar a importância de concurso desta natureza, principalmente quando realizadas em áreas em franco desenvolvimento como é o caso de Goiânia. Estes concursos oferecem a oportunidade de uma efetiva participação do arquiteto na solução dos problemas culturais destas áreas, problemas êstes que no ver da comissão julgadora, devem ser enfrentados durante a fase de desenvolvimento, evitando-se sua transferência à estágios posteriores. As condições de expressão cultural são criadas pelo desenvolvimento e a arquitetura sendo uma das formas mais características da cultura de um povo, deve acompanhá-lo passo a passo.

Os arquitetos vencedores ressaltaram que, "Goiânia, cidade planejada especialmente para sede administrativa do Estado, transferida de Goiás Velho em 1937, não possui em sua parte central, e mais densa, áreas reservadas a clubes e demais locais de lazer. É muito oportuna, portanto, a preservação definitiva, do terreno de 20.000 m2 do Jóquei Clube, para tais finalidades.

Equipar êsse lugar, de 200 m de frente para a Av. Anhanguera, com as instalações que estão desde já previstas, no programa do Jóquei Clube de Goiás, é, de fato, medida das mais oportunas.

Uma rua foi aberta, perpendicular às duas frentes maiores unindo as avenidas e criando maior flexibilidade de acesso. O edifício liga duas áreas de utilização bem definidas: uma plataforma com as piscinas e um parque, prolongamento do salão de reuniões e de estar". *

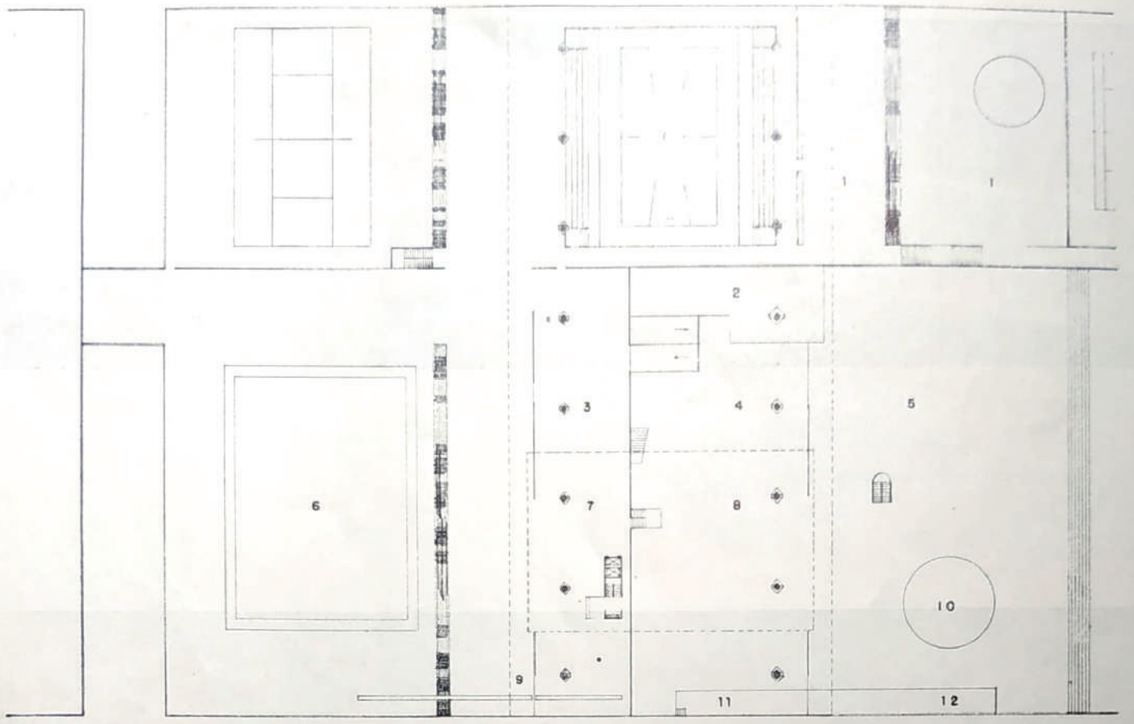


PLANTA 1 COTA 739,20

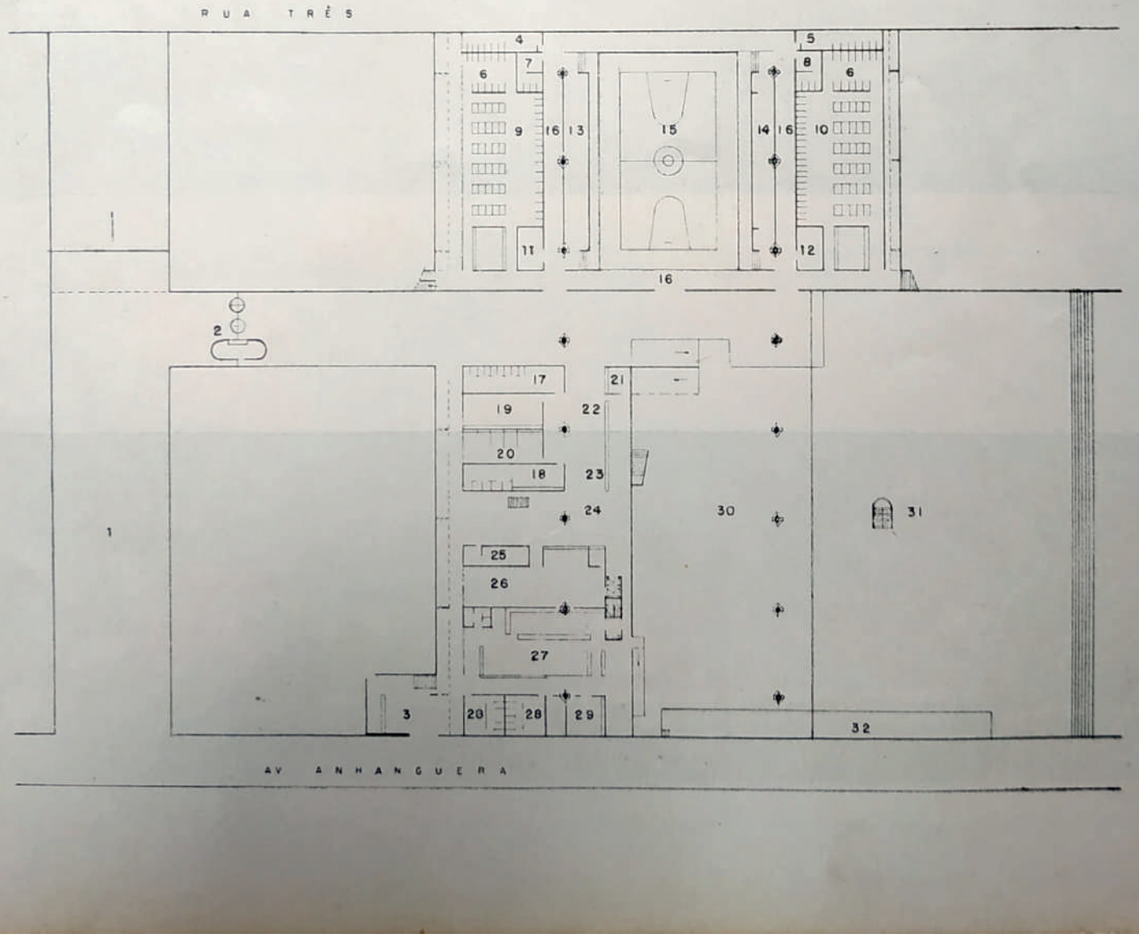
1 — Circulação veículos
2 — Portaria
3 — Portaria serviço
4 — Vestiário visitantes — senhoras
5 — Vestiário visitantes — homens
6 — Vestiário meninos
7 — Sanitário público — senhoras
8 — Sanitário público — homens
9 — Vestiário senhoras
10 — Vestiário homens
11 — Departamento médico
12 — Departamento esportes
13 — Depósito equipamentos
14 — Depósito geral
15 — Ginásio
16 — Circulação
17 — Sanitário homens
18 — Sanitário senhoras
19 — Barbearia
20 — Salão de beleza
21 — PBX
22 — Recepção
23 — Chapelaria
24 — Vestíbulo
25 — Sala de berços
26 — Secretaria — Tesouraria
27 — Copa-cozinha
28 — Vestiários serviço
29 — Lavanderia
30 — Salão de festas
31 — Páteo
32 — Orquestra

PLANTA 2 COTA 742,00

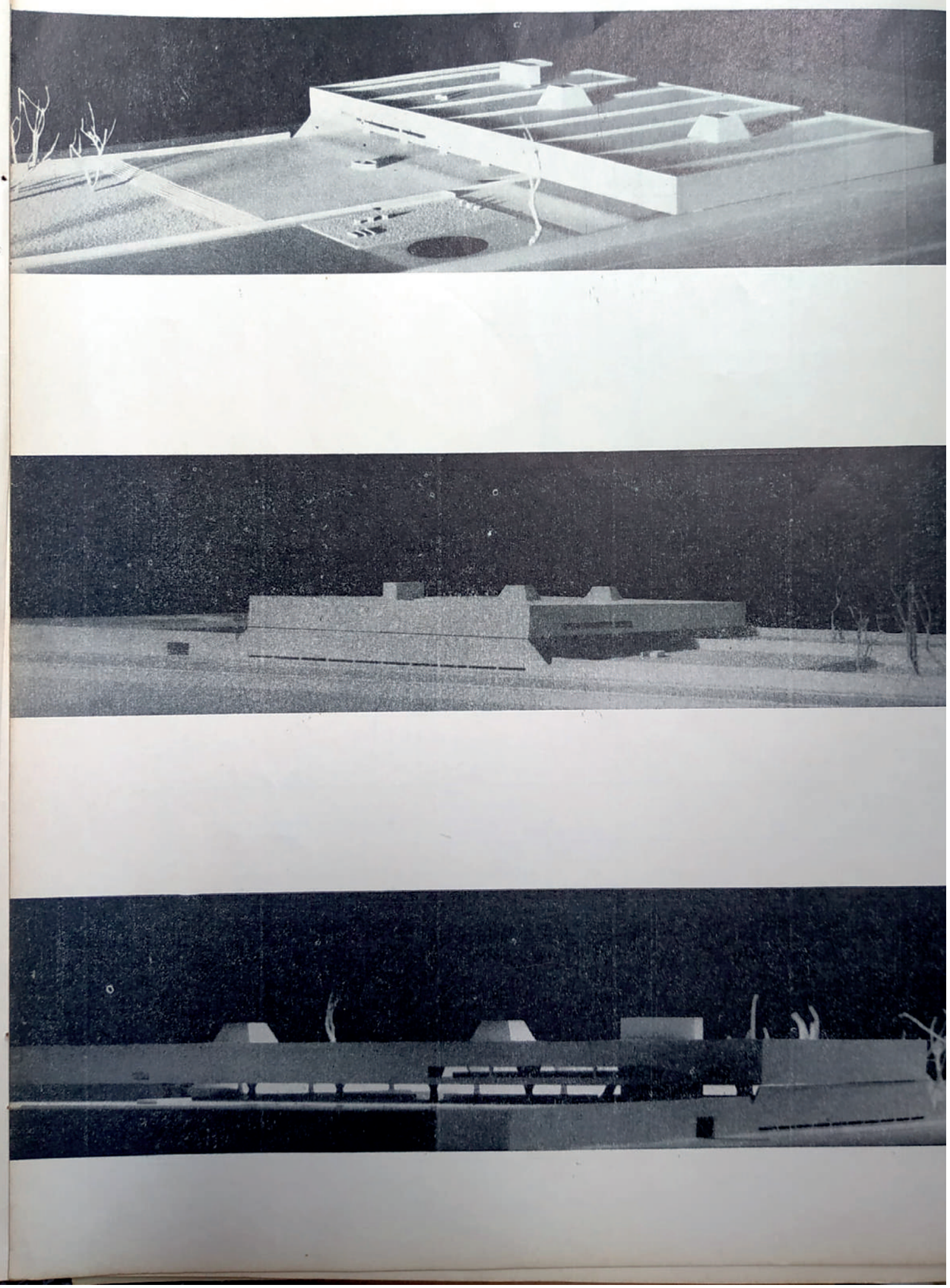
1 — Play Ground
2 — Vestíbulo vestiário
3 — Sala de estar
4 — Vestíbulo
5 — Páteo
6 — Piscina principal
7 — Varanda piscina
8 — Restaurante — salão de festas
9 — Bar
10 — Pista de danças
11 — Palco orquestra
12 — Orquestra

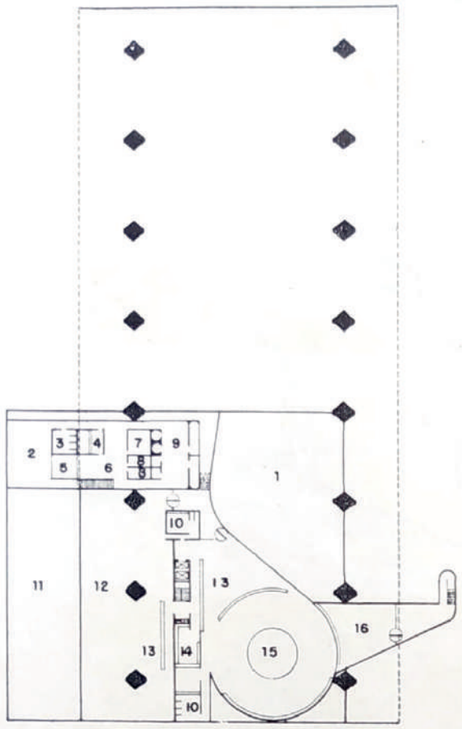


Planta 1



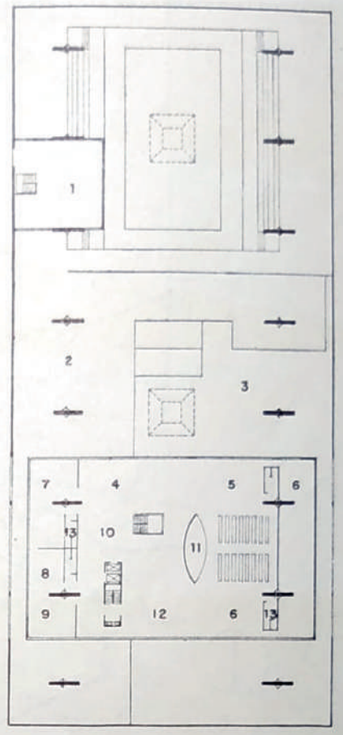
Planta 2





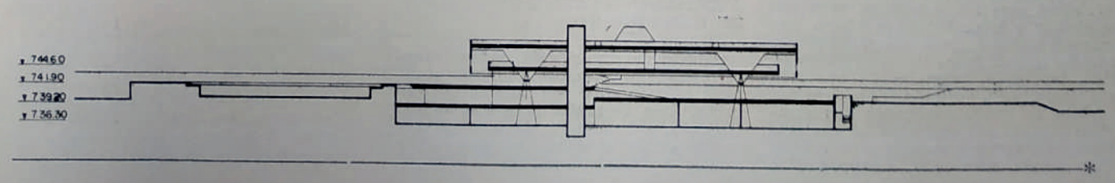
PLANTA 3 — COTA 736,30

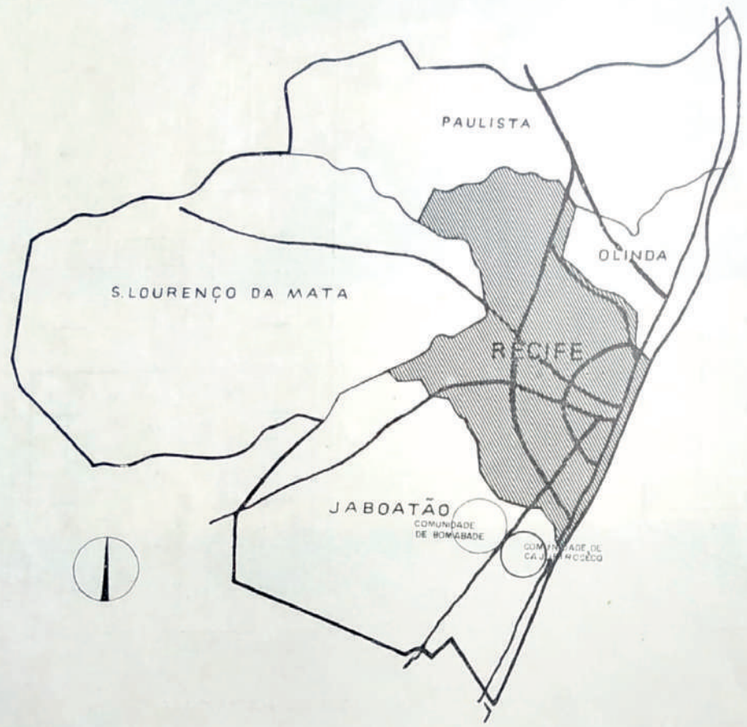
1 — Ar condicionado
2 — Repouso
3 — Vestiário
4 — Saúna
5 — Piscina
6 — Hall
7 — Vapor
8 — Massagem
9 — Duchas
10 — Sanitários
11 — Depósito — Mobiliário, equipamentos manutenção
12 — Bilhar
13 — Bar
14 — Copa
15 — Boite
16 — Orquestra



PLANTA 4 COTA 744,60

1 — Tribuna
2 — Vazio varanda estar
3 — Vazio salão de festas
4 — Leitura
5 — Estar
6 — Jogos
7 — Reunião presidência
8 — Diretoria
9 — Sala de reunião
10 — Secretaria
11 — Conferência — projeções
12 — Bar
13 — Sanitários





Cajueiro Sêco, uma experiência em construção

ARQUITETURA, em seu número 13, publicou, nesta seção, um trabalho intitulado: "A Política Social do Mocambo". Razões alheias a nossa vontade fizeram com que a matéria saísse sem nota introdutória e sem menção a sua procedência e autoria.

Voltando ao assunto, ARQUITETURA traz aos seus leitores os primeiros resultados concretos da política exposta naquele trabalho de autoria do arquiteto Gildo Guerra, presidente do Serviço Social Contra o Mocambo, *que contou com a colaboração do arquiteto Acácio Gil Borsoi, então diretor do Departamento de Construções do* SSCM.

A POLÍTICA DO MOCAMBO

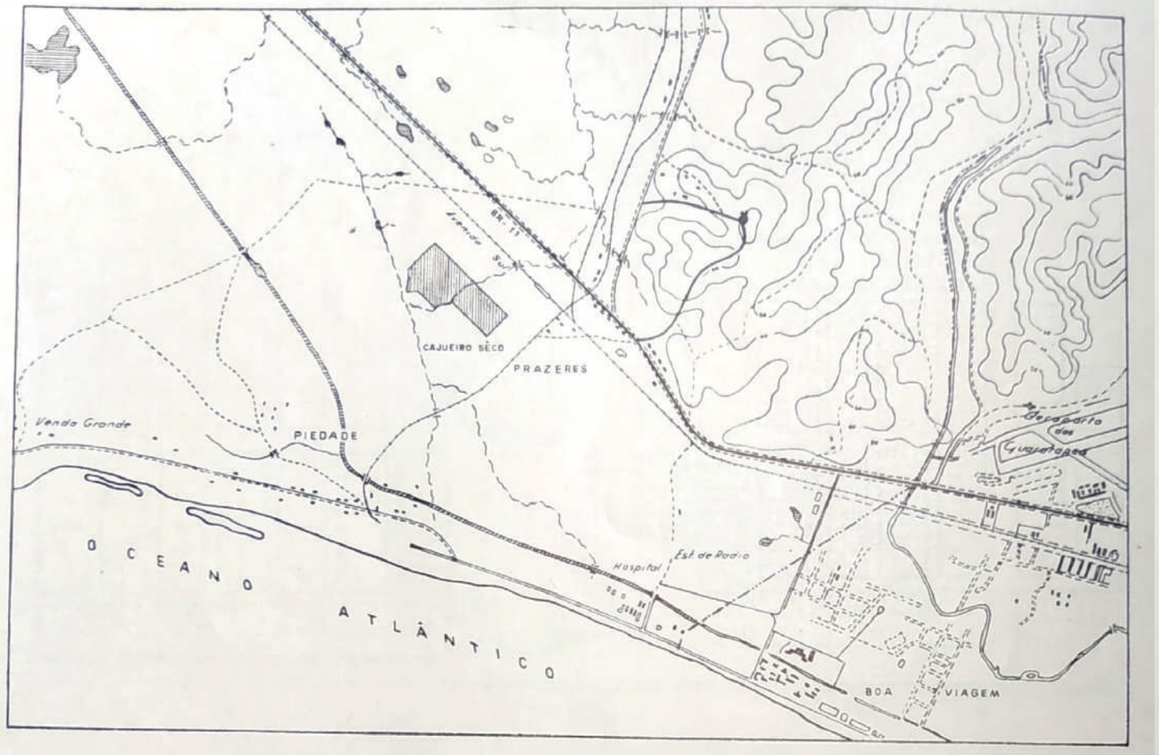
Flávio Marinho Rêgo, arquiteto participante da equipe que desenvolveu o projeto de Cajueiro Sêco, ao referir-se à política habitacional do Govêrno Miguel Arrais, afirma tratar-se de "**uma iniciativa corajosa e realista para encaminhar o angustiante problema humano e social de uma enorme e desesperada massa humana marginalizada. Essa iniciativa, primeira de seu tipo em nosso meio, segundo creio, foge aos moldes já tradicionalizados das soluções formais ou paternalistas que embora de flagrante parcialidade, permitem ampla utilização demagógica e eleitoreira. O plano do Govêrno Miguel Arrais, que poderíamos chamar de orgânico, não apresenta uma solução acabada para o problema e sim uma estrutura dinâmica, que dirigida da maneira correta, poderá potencializar tôdas as energias econômico-sociais latentes e realizar gradativamente a recuperação simultânea dos valôres sociais, políticos, econômicos, morais e artísticos do grupo humano atingido.**

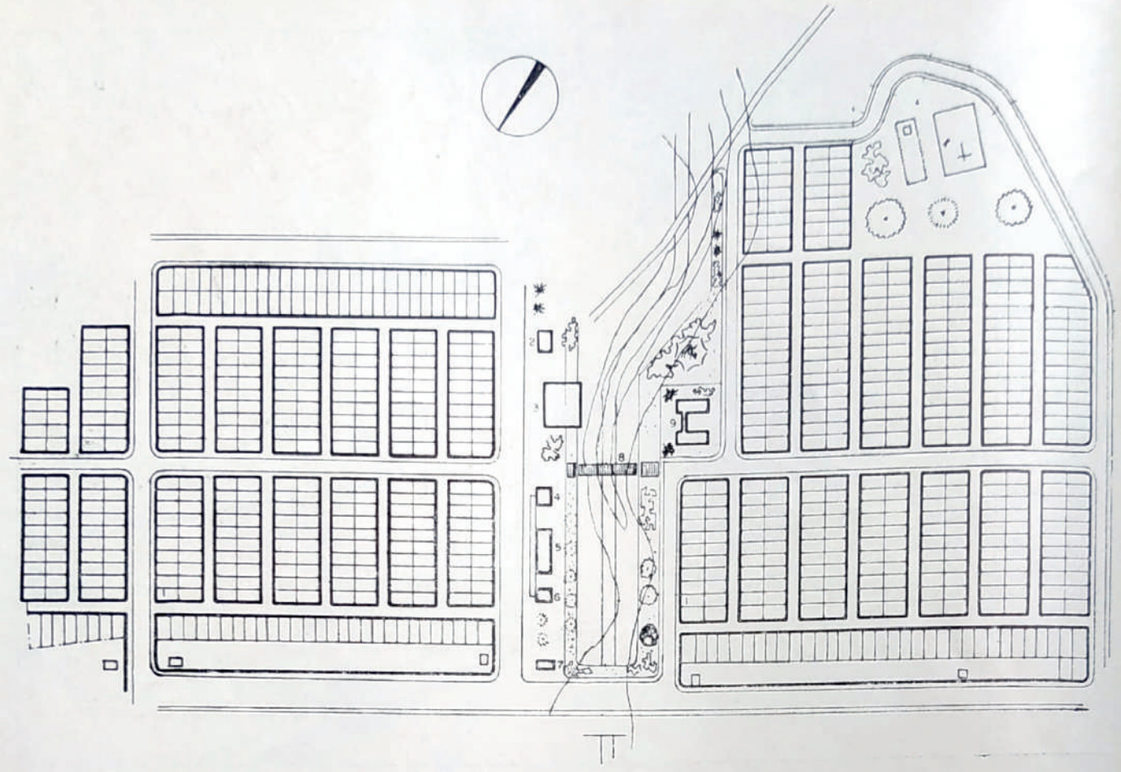
O resultado final refletirá a expressão de cada comunidade, seu índice de integração, cultural, artístico, econômico e político, comunidade essa já integrada então positivamente no contexto social.

O homem recuperado através da utilização de seu próprio esfôrço é um fator positivo de progresso o que não acontece com o protegido social, desfibrado pelo paternalismo que põe em evidência sua falência existencial."

A EXPERIÊNCIA PILÔTO DE CAJUEIRO SÊCO

A idéia da experiência, agora transformada em projeto-pilôto, foi motivada pela invasão dos Montes Guararapes, área tombada pelo Patrimônio Histórico e onde se realizou a restauração política nacional do domínio holandês, no século XVII.





Em fins do ano passado, um grupo aproximadamente de 2.000 famílias, vindas de diferentes subúrbios do Recife e de alguns municípios do interior do Estado, iniciou a construção de mocambos, empregando materiais, os mais diversos: palha, madeiras, capim, fôlhas de flandres, sacos, papelão. Essas invasões exprimem, não apenas a angústia do problema habitacional das classes pobres, porém, primàriamente, efeitos de causas econômicas. A estrutura agrária regional, ainda caracterizada pelo latifúndio e o sistema de plantação extensivo, à base da monocultura, é uma dessas causas. Outras, já apontadas em pesquisas e estudos socio-econômicos de Pernambuco e do Nordeste: o alto índice de crescimento populacional (à taxa de 4% a.a); a densidade habitacional elevada no Recife; o fluxo migratório das zonas rurais para os grandes centros urbanos — particularmente o Recife; a centralização dos serviços de assistência social (educacional, médica e hospitalar); o desemprêgo disfarçado na zona rural, principalmente na zona da mata, que contribui para a expulsão populacional dos campos para as cidades, em busca de melhores condições de sobrevivência.

Como agente ativo dessa invasão, registra-se a figura do chamado "industrial do mocambo". A invasão caracteriza-se, principalmente, pela desordem na ocupação dos terrenos e a falta de uniformidade nas construções e má utilização do espaço físico. O "industrial do mocambo" ou seu representante reclama uma posse ilegítima dos terrenos invadidos e faz a "marcação do chão", vendendo aos interessados os lotes irregulares.

A AÇÃO DO SSCM

Diante da necessidade de uma solução urgente para a remoção das famílias "invasoras", coube ao SSCM a tarefa de coordenar um programa de relocação familiar, aproveitando a oportunidade para a aplicação dos princípios diretores da nova política social do Govêrno.

Antecedeu à solução habitacional das famílias, a preparação de terrenos, urbanização da área a ser ocupada, marcação de lotes uniformes, arruamento e formação de superquadras e quadras.

A administração estadual estabeleceu um debate franco e um diálogo realista com as famílias, para a sua adesão às diretrizes da política social do mocambo. Constituiu-se um comitê integrado pelos representantes do grupo "invasor" e funcionários do **SSCM** que realizou a classificação dos futuros mutuários do programa de autoconstrução.

A orientação básica da Política Social do Mocambo é de ajustar o padrão de moradia ao nível do poder aquisitivo da população. Não se compreende que a um grupo social com poder mínimo de poupança seja favorecida uma habitação cara, que criará condições artificiais de vida, além de torná-lo desajustado, na comunidade. A abordagem do problema da habitação, na política atual do Govêrno, é feita sob critério realista, subordinando a ação do Estado a uma orientação de rentabilidade efetiva dos investimentos imobiliários e a uma perspectiva social.

Se se considera a habitação como bem de consumo — e, portanto, setor de investimentos estimulador de pressão inflacionária num país subdesenvolvido — os padrões de moradia são, portanto, relativos ao poder aquisitivo individual.

A experiência de **Cajueiro Sêco** revela que se está tentando pôr em prática uma "política coordenada ao nível de vida familiar" e subordinada à idéia de que a solução habitacional deve ser enquadrada no planejamento comunitário, à base da criação de um mercado certo de trabalho e do aumento do poder aquisitivo individual ou familiar, inclusive com a mobilização da fôrça de trabalho e dos recursos humanos ociosos ou inaproveitados.

O TERRENO

Nas proximidades dos montes Guararapes, localizada na linha Sul da R.F.N. e da B-225, no município de Jaboatão, adquiriu o **SSCM** uma área de 30 ha, denominada **Cajueiro Sêco**, pràticamente plana, na qual um pequeno movimento de terras permite a localização de 763 lotes populares, além de espaço útil reservado aos serviços comunitários. A ocupação dos lotes possibilitará a instalação de uma comunidade de 3.815 pessoas, à média familiar de 5 pessoas.

As ruas principais da área estão sendo revestidas com material argiloso. A construção dos serviços comunitários terá a vantagem de concorrer para o desenvolvimento de hábitos de vizinhança e coesão social dos grupos.

O plano de urbanização obedeceu à idéia de "plano massa" com um sistema rígido de superquadras e quadras, para permitir o espaçamento desejado na experiência de autoconstrução.

Os lotes populares medem 8m x 16m, e são locados aos interessados por meio de contrato, ficando a cobrança dos aluguéis (Cr$ 100,00 mensais) a ser feita pela organização comunitária local (**Associação dos Moradores do Cajueiro Sêco**).

O contrato de locação impede qualquer transferência de terreno, em decorrência da valorização imobiliária, não permitindo, ainda, o **SSCM**, qualquer construção para fins de aluguel.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

O mecanismo de assistência técnica está sendo estabelecido pelo Departamento de Construção do **SSCM**, em colaboração com os estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife. Um dos objetivos é a fixação de normas ou exigências mínimas para a autoconstrução. O Departamento de Construções, está no momento, executando os planos das casas a serem construídas e experimentando os métodos de construção a serem empregados, destacando-se entre êles um projeto de casa de taipa com estrutura pré-fabricada.

ASSISTÊNCIA FINANCEIRA

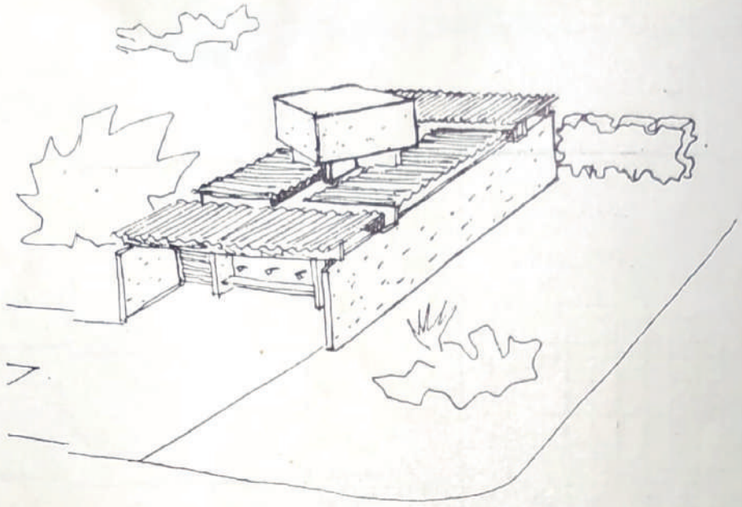
A assistência financeira é assegurada através de um pôsto de revenda de materiais de construção — pré-moldados e tradicionais. Os preços são baixos, porém ao nível do mercado, para evitar a especulação. A idéia é transformar, mais tarde, êsse pôsto em uma cooperativa central, dirigida pelos próprios mutuários.

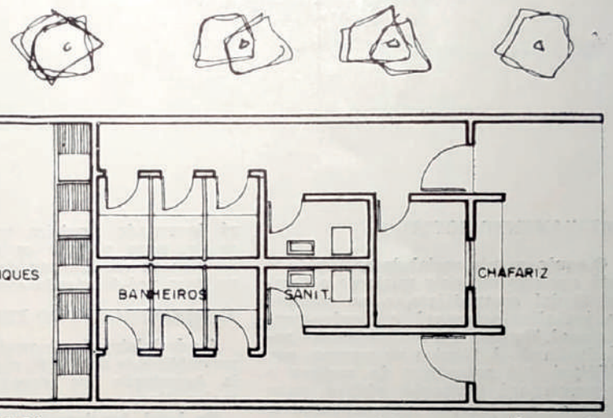
EQUIPAMENTO URBANO

O equipamento urbano inclui a instalação de serviços públicos básicos para a comunidade: água, luz elétrica pública, esgôto. Serão de responsabilidade dos órgãos estaduais, Departamento de Águas e Energia e Departamento de Saneamento do Estado, os quais terão a cobertura financeira dos custos.

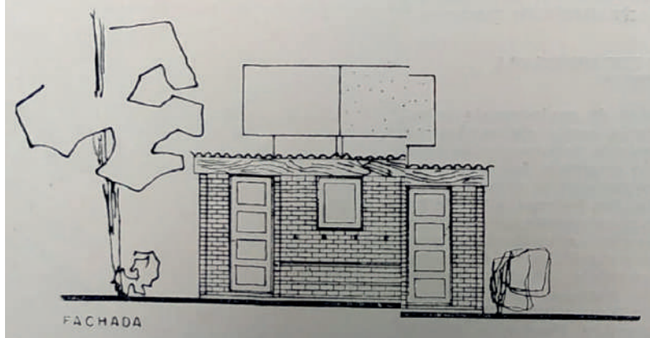
Até que sejam realizados os trabalhos definitivos de água e esgotos, serão construídos na primeira etapa do desenvolvimento do projeto: chafarizes, lavandarias, banheiros e sanitários públicos. Essas unidades estão no momento, limitadas em sua capacidade de atendimento, uma vez que se trata de uma experiência, que, em tôdas as suas fases, terá de ser analisada, ajustada ou modificada de acôrdo com a eficiência do seu funcionamento e com a maior ou menor receptividade da comunidade.

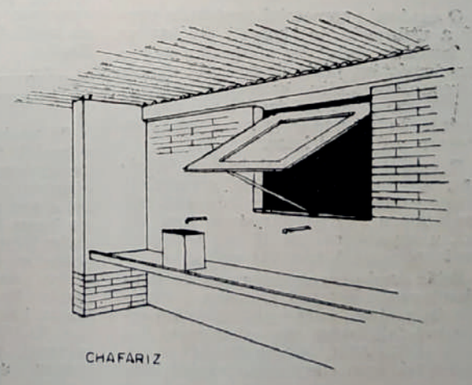
1 — Lotes de habitação
2 — Igreja
3 — Auditório
4 — Comércio
5 — Fábrica de roupas
6 — Oficina de sapatos
7 — Unidade sanitária
8 — Passagem
9 — Escola

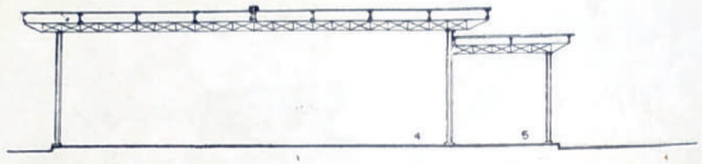


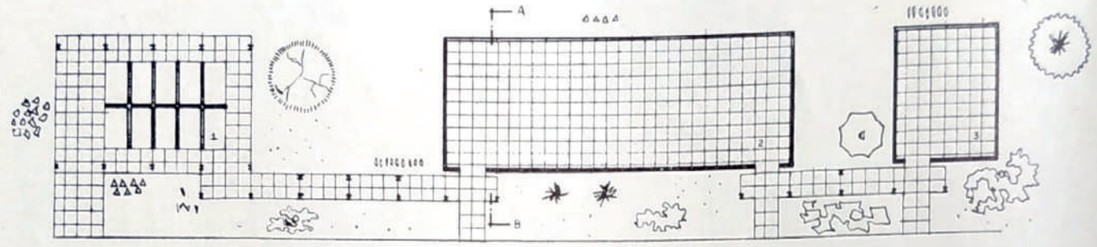


Comunidade de Cajueiro Sêco — Unidade sanitária









Conjunto de Comércio e Oficinas
1 — Comércio
2 — Oficina de roupas
3 — **Sapataria**
4 — Oficina
5 — **Circulação**

EQUIPAMENTO SOCIAL

O equipamento social da comunidade está apoiado em dois núcleos: o Centro Social comunitário, e as oficinas de trabalho artesanal e técnico-profissional. Um dos prédios projetados será destinado à fábrica de roupas, que utilizará 100 máquinas de costura e proporcionará ocupação efetiva para cêrca de 500 pessoas (400 mulheres e 100 homens), que serão distribuídas em turmas de 100, em 4 turnos de 4 horas cada um.

Prevê-se o funcionamento de uma sapataria, cuja produção será distribuida aos mercados de consumo ou através da interveniência do SSCM, ou por meio de um sistema cooperativo, que se estabeleça para a produção artesanal de tôda a comunidade.

O conjunto comercial projetado prevê a utilização de "boxes", destinados a farmácia, lojas de artigo de consumo doméstico, pôsto de revenda de gêneros alimentícios, barbearia e açougue. Estão previstas facilidades para a instalação de padarias na zona, com reserva prévia de lotes.

O equipamento social básico (oficinas, sapataria e conjunto comercial) compreenderá uma área de 468 m2, contando a oficina artesanal com 252 m2, a sapataria com 72 m2 e o conjunto comercial com 144 m2.

Estão sendo construídas escolas para atendimento a 1.200 crianças e adultos. Os projetos para estas unidades serão pré-fabricadas nas oficinas do Estado (DSE, APR, DER e SSCM) o que permitirá uma construção rápida. Será levantado também um pôsto de saúde, para abrigar os serviços que funcionam em caráter de emergência na casa pré-fabricada experimental.

ADMINISTRAÇÃO DO PROJETO

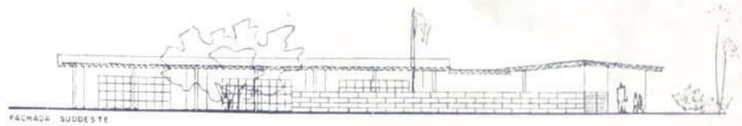
A administração do projeto é de responsabilidade do **SSCM**, coadjuvado pela Associação dos Moradores do Cajueiro Sêco.

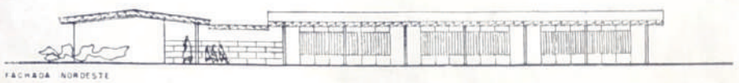
No local funciona um escritório do **SSCM**, encarregado da execução dos contratos de locação dos terrenos e da revenda de materiais, bem como do arquivo e do acêrvo da pesquisa de caracterização sócio-econômica levada a efeito com a colaboração de estudantes universitários do Recife.

As instalações comunitárias e a urbanização são de responsabilidade do Estado, por não ser admissível a sua cobrança ao mutuário, principalmente ao nível de habitante de mocambo do Recife.

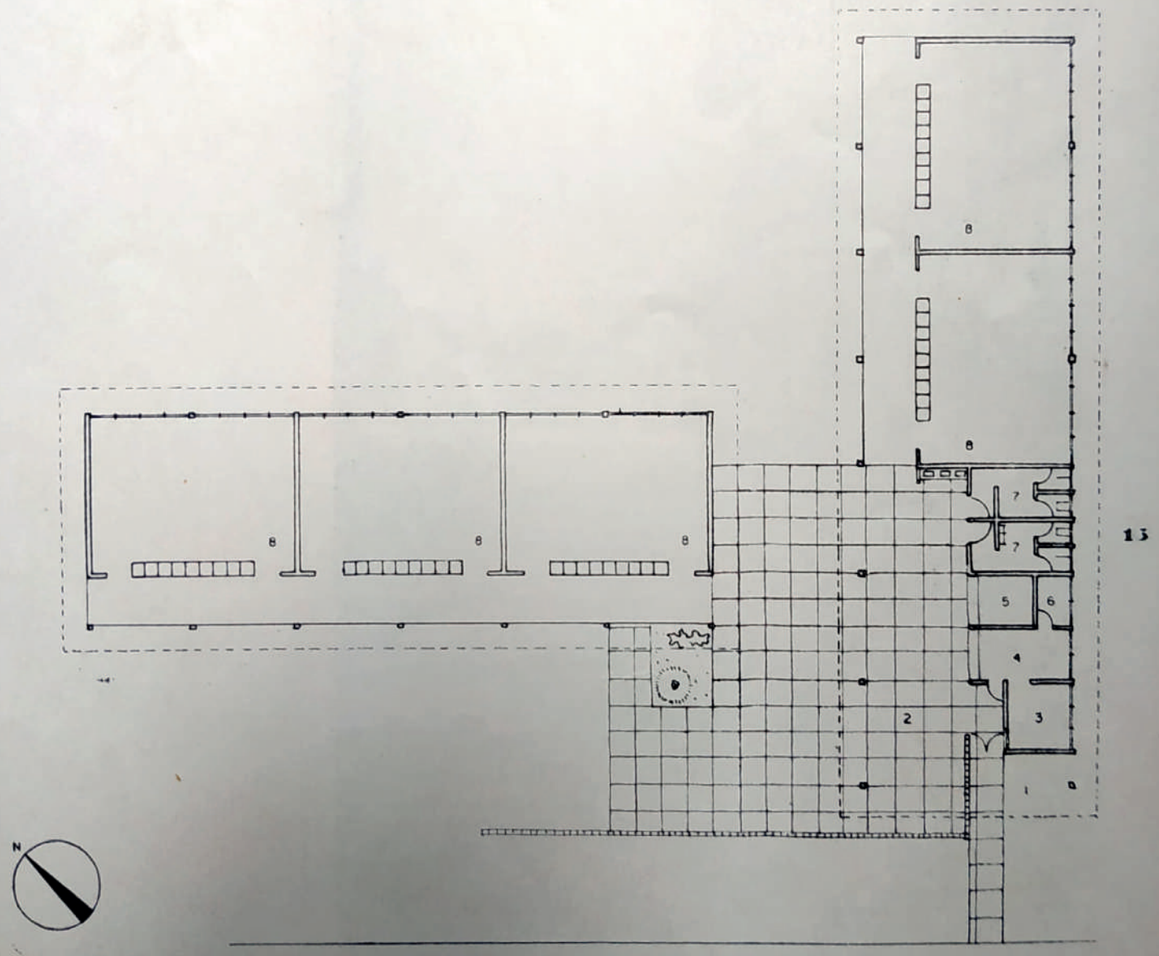
A EQUIPE ENCARREGADA DOS PROJETOS

Os projetos do equipamento urbano e social estão sendo elaborados pelo Departamento de Construções do **SSCM**, dirigido pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi e que conta com os arquitetos Mário Jorge Jardim Pedrosa e Flávio Marinho Rêgo como auxiliares. Colaboram ainda na equipe os seguintes universitários: Armando Holanda Cavalcanti, Maria Bernardete, Eneida Ferreira, Maria Lúcia Barbosa, Ana Albuquerque, Zenilda Evangelista, Cláudio Cavalcanti, Geraldo Persivo e Geraldo Gomes. *





Escola Primária:
1 — Acesso
2 — Recreio
3 — Diretoria
4 — Secretaria
5 — Cantina
6 — Arquivo
7 — Sanitário
8 — Sala de aula



13

14



foto: Arístides Barreto

Habitação e Saúde

A reunião dos especialistas em aspectos sanitários da habitação, celebrada em Genebra, na Suiça, por iniciativa da Organização Mundial de Saúde (OMS) teve por objeto a elaboração de um relatório sôbre a matéria e formular recomendações. O documento originário desta reunião foi recentemente publicado pela OMS como parte da série "Informações Técnicas".

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde se interessa, desde a sua formação pelos problemas sanitários relacionados com a moradia. A Conferência Internacional de Saúde, celebrada em Nova Iorque em julho de 1946, ao adotar a Constituição da OMS reconheceu que não seria possível **"alcançar para todos os povos o mais alto grau de saúde"** sem **antes atingir vários objetivos entre os quais o de "promover, com a cooperação de outros organismos especializados, quando necessário, e melhoramento da habitação e outros aspectos da higiene do meio".**

Em 1951, a Assembléia Mundial de Saúde reconheceu **"A importância capital de que se reveste o fomento da higiene e do saneamento do meio, bem como a preparação de planos urbanos racionais, planejamento rural e construção de casas, dentro de um programa de saúde pública.**

A OMS definiu a saúde como **"o estado completo de bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidades ou afecções".**

"O Comitê de Especialistas em Saneamento declarou em sua reunião de 1949 que do ponto de vista do saneamento a habitação era um elemento a mais do meio ambiente".

"A reunião que deu origem ao informe que estamos focalizando foi a primeira que a OMS convocou para estudo dos problemas sanitários da habitação, com a exclusão de quaisquer outros. Em 1937, 1938 e 1939, uma Comissão de Habitação da Sociedade das Nações promoveu reuniões e publicou relatórios sôbre questões relativas ao confôrto térmico, o ruído, a iluminação natural e artificial, o planejamento urbano, a contaminação da atmosfera, o abastecimento d'água, o tratamento das águas residuais e o tratamento dos dejectos de origem doméstica."

"Sob os auspícios da Comissão de Habitação da Sociedade das Nações, inúmeros países estabeleceram comissões nacionais de habitação e de salubridade com o fito de ajudar a execução do programa da Comissão, facilitar a coordenação das diversas atividades técnicas e sanitárias de caráter nacional e aproveitar e difundir os resultados da ação internacional, adaptando-os de maneira racional às características, necessidades e desejos de cada país."

Importância da higiene da habitação

O Comitê de Especialistas de Higiene da Habitação da OMS entende que a habitação coloca uma grande variedade de problemas relacionados com a saúde pública, o planejamento, a arquitetura, a engenharia, a economia, as tradições culturais e sociais a política e as ciências da conduta. **A casa é parte do meio ambiente na acepção mais ampla do têrmo e nenhum programa de saneamento poderá omitir os problemas da habitação.**

Nos países onde o fluxo migratório para as cidades é grande, conviria, segundo opinião do Comitê, empreender estudos especiais sôbre os fatôres econômicos, sociais e de qualquer outro tipo, capazes de acentuar o fenômeno. Êste deslocamento de habitantes quando acentuado, preocupa sèriamente as autoridades sanitárias de muitos países.

Numerosos especialistas na matéria estão convencidos de que a construção de moradias seria muito mais barata se a indústria de construção estivesse mais integrada ou se pudesse trabalhar em grande escala. A situação em muitos dos países subdesenvolvidos, apresenta os seguintes aspecos principais:

a) **No meio rural,** a maioria constrói por si mesma suas habitações em vez de confiar tal trabalho a operários especializados.

O problema principal, neste caso, seria o melhoramento dos métodos e das normas locais de construção, sem que isto viesse a aumentar, sensivelmente, o custo da moradia.

b) **Nas zonas urbanas** não existe na realidade uma indústria de construção organizada. Neste caso, o que se deve procurar não é o melhoramento dos métodos e sim a imediata organização de uma indústria de construção moderna e eficaz.

Relações entre a moradia e a saúde

A grande influência do meio ambiente total sôbre o bem-estar social e a saúde física e mental do homem é um fato indiscutível e universalmente aceito. A casa é parte dêsse meio e influi conseqüentemente sôbre o estado de saúde e sôbre o bem-estar da população.

A influência do meio residencial sôbre a saúde física do homem pode ser refletida de três formas:

1) Quando suas condições favorecem a propagação de doenças transmissíveis;

2) Quando não é capaz de satisfazer as necessidades fisiológicas ou quando impõe esforços excessivos ao organismo;

3) quando determina a freqüência de lesões traumáticas.

O Problema da Habitação no Mundo

Apesar das diferenças locais e regionais, o problema da habitação tem aspectos bem definidos e até certo ponto comuns a todos os países. Em muitos dêles o fenômeno da "explosão demográfica" deu lugar a um grande acréscimo nas necessidades de moradia. O Comitê da OMS, ciente de que a disparidade entre as necessidades e as disponibilidades de moradias é um problema universal, e não desconhecendo as dificuldades econômicas que entravam, na maioria das vêzes, um progresso rápido, recomenda a todos os governos que empreendam ou acelerem a execução dos programas indispensáveis à solução desta situação de emergência.

Outro problema de alcance mundial é o das condições de higiene das habitações existentes. Uma grande proporção dos edifícios habitados, no mundo inteiro, não reúnem as condições de salubridade necessárias.

Considerando que o estabelecimento de um meio residencial saudável é de fundamental importância para o bem-estar da humanidade e inclusive para a obtenção e manutenção da paz mundial, o Comitê da OMS recomenda aos países mais adiantados o aumento de sua ajuda às nações em desenvolvimento para a construção de moradias melhores e mais numerosas em lugares saudáveis, devidamente planejados e dotados de instalações e serviços necessários.

Resumo das Principais Recomendações

O Comitê de Epecialistas em Higiene da Habitação da OMS recomenda, em resumo, que seja dedicada especial atenção as seguintes questões:

1 — Revisão dos programas atuais de habitação de forma a verificar se os seus objetivos correspondem às necessidades de higiene do meio residencial;

2 — Medidas tendentes a assegurar a tôdas as famílias, quando o desejem, habitação independente;

3 — Importância do planejamento urbano, rural e regional para ordenação de meio residencial;

4 — Adoção de medidas mais eficientes no atendimento das necessidades de certos grupos especiais (população rural, anciãos, inválidos etc.) em relação a moradia;

5 — Formação mais intensa e mais completa do pessoal de saúde pública e outras especialidades em matéria de habitação e salubridade;

6 — Estabelecimento de um programa geral e sistemático de investigações sôbre higiene da habitação.

O Comitê recomenda em particular:

1 — Que se ajude os países em via de desenvolvimento a criar um meio residencial saudável para sua população;

2 — Que se instale no interior de cada moradia, ou pelo menos nos pátios quando êstes forem acessíveis, bicas de água potável e de bom sabor;

3 — Que se dedique maior atenção aos problemas de segurança doméstica e à prevenção de acidentes residenciais;

4 — Que o pessoal de saúde pública participe da planificação urbana, rural e regional;

5 — Que os planos gerais destinados ao desenvolvimento ordenado do meio residencial sejam revistos periòdicamente;

6 — Que os países que ainda não disponham de uma legislação completa sôbre habitação elaborem e promulguem leis destinadas a regular os serviços de saúde e habitação;

7 — Que sejam estabelecidas comissões nacionais de habitação e salubridade;

8 — Que a OMS intensifique suas iniciativas em matéria de higiene da habitação;

O informe acima resumido foi publicado pela OMS sob o número 225 da série "Informações Técnicas". Damos abaixo o índice de matérias do mencionado documento.

1. **Considerações Gerais**

a — Importância da higiene da habitação;

b — Relações entre moradia e saúde;

c — O problema da habitação no mundo;

2. **Critérios fundamentais de salubridade aplicáveis ao meio residencial**

a — Necessidades humanas;

b — Definição do meio residencial saudável;

c — Normas de construção aplicáveis à habitação;

d — Serviços e instalações;

e — Necessidades biológicas;

f — Medidas de proteção contra acidentes;

g — Princípios de planejamento urbano, rural e regional;

h — O planejamento urbano, rural e regional do ponto de vista da salubridade.

3. **Considerações sôbre o problema da habitação nas zonas rurais**

a — Necessidades;

b — Necessidades gerais da população rural em relação a moradia;

c — Necessidades especiais da população rural;

d — Considerações especiais sôbre habitação rural.

4. **Moradia para grupos especiais de população**

a — Pessoas de idade avançada;

b — Moradia para inválidos.

5. **Funções dos serviços de saúde pública relativos à habitação**

a — Atribuições dos serviços de saúde pública;

b — Funções legais e obrigações morais dos serviços públicos com relação à habitação.

6. **A ação da comunidade com relação à moradia**

a — Função do pessoal sanitário no desenvolvimento da comunidade;

b — Programas de ação coletiva.

7. **Formação do pessoal sanitário e de outras categorias de pessoal técnico**

8. **Pesquisas necessárias**

a — Pesquisas sôbre as necessidades biológicas;

b — Estudos epidemiológicos;

c — Problemas sociais e familiares;

d — Moradia para grupos especiais;

e — Serviços comuns;

f — Planejamento regional;

g — Problemas técnicos especiais;

h — Difusão e intercâmbio de informações.

9. **Medidas propostas**

a — Comissões nacionais de habitação e saúde;

b — Estabelecimento de programas centrais de saúde pública;

c — Programas nacionais de habitação;

d — Colaboração das Nações Unidas com os organismos especializados e com as organizações não-governamentais;

e — Outras atividades;

f — Publicações.

10. **Resumo das principais recomendações.**

(CINVA, fevereiro de 1963)

*



Arquitetura e Desenho Industrial

Arq. Flávio Marinho Rêgo

Considerada como criação de caráter artesanal, sentida por um artista na sua integral fabricação para a unidade final, a Arquitetura pessoal, resultado da ação individual do arquiteto através de uma equipe por êle dirigida e realizando à sua vontade, é hoje nos tempos da máquina, da produção em série, do produto industrial despersonalizado, pràticamente impossível. É evidente que ainda se podem realizar pequenas obras artesanais com pouca participação industrial e que ainda existem regiões de desenvolvimento precário situadas em época pré-industrial. Refiro-me às regiões atualizadas em que a presença da industrialização determinou profundas modificações. Nessas regiões, a antiga maneira artesanal de trabalho torna-se cada vez mais difícil senão impossível.

A substituição dos métodos de trabalho excessivamente rápida, decorrente de um desenvolvimento tecnológico vertiginoso, não permitiu, de pronto, a adaptação dos setores de trabalho e o perfeito entrosamento entre criação e produtores industriais. A substituição do homem pela máquina diminuiu a participação direta dêste e motivou o esvaziamento causado na Arquitetura, raramente aceito pelos arquitetos atuantes e envolvidos no processo moderno, mas de citação corrente nos meios saudosistas arcaizantes.

Muitos grupos de vanguarda, há décadas, vêm pesquisando e tentando readaptar a mentalidade dos vários setores de trabalho à nova forma da sociedade industrial. Grupos pioneiros como a Bauhaus e Escola de Ulm abrem caminhos e denunciam erros mas não são suficientes. Dada a complexidade e imprevisível diversidade da sociedade industrializada só o desenvolvimento de uma mentalidade coletiva e uniformizada dentro dos conceitos daquelas pesquisas pioneiras poderá devolver através da própria máquina, a contribuição daquela mão-de-obra, daquela participação humana de trabalho que a máquina suprimiu mas ainda não devolveu na sua integralidade.

Essencialmente a profissão de Arquiteto permanece a mesma, sua ação no entanto tem que se adaptar à época evitando a marginalidade.

Não se compreenderia que, pela evolução natural das sociedades com o seu conseqüente progresso tecnológico, uma profissão básica como a de Arquiteto se esvaziasse no seu conteúdo e perdesse em profundidade e capacidade criadora. A Arquitetura sempre foi capaz de conter todo o grau de evolução e desenvolvimento de determinada sociedade. Pelas suas ruínas, foram os estudiosos capazes de reconstituir civilizações que nos antecederam com tôdas as nuanças que as caracterizaram. Justamente porque a Arquitetura atual deverá conter todos os elementos da sociedade em que vivemos, com tôda a complexidade e variedade tecnológica, a antiga maneira de trabalhar, o antigo conceito de equipe, não mais pode prevalecer. Nenhuma equipe de homens, dentro do espírito passado, poderia reunir as possibilidades criativas e de realiza-

ção técnica da nossa época. Os participantes das equipes atuais não mais se conhecem ou podem se reunir em tôrno de uma mesa para discutir o **problema** a maneira medieval.

A indústria com a sua necessidade de produzir para um cliente anônimo, se antecipou, pela pesquisa e capacidade de previsão, à opinião e possibilidade do Arquiteto Mestre de Obra.

O Arquiteto atual já tem parte de sua motivação criadora conduzida pela propaganda, à utilização do produto industrial elaborado. O processo industrial, através da pesquisa, não só seleciona para a produção seriada, produtos e técnicas artesanais como também se antecipa na criação de novas técnicas, equipamentos ou materiais, exclusivos de sua possibilidade, que, oferecidos ao mercado através da propaganda, têm a fôrça e imposição dos materiais e técnicas tradicionais evoluídas pela utilização sucessiva e que eram o único material de trabalho do Arquiteto Antigo.

Hoje já é pràticamente possível construir uma casa ou edifício de vários pavimentos, apenas selecionando em um catálogo de materiais de construção, pré-fabricados e materiais industrializados.

O antigo material de trabalho, surgido de uma equipe que trabalhava em tôrno de um "Mestre", foi substituído pelo produto industrial, resultado da pesquisa de uma outra equipe anônima — a equipe industrial. O resultado final da obra, embora resultado da seleção do arquiteto autor do projeto, tem a participação compulsória de várias cabeças com a contribuição criadora dos Desenhistas Industriais e, às vêzes, é quase que totalmente determinada por técnicas de pré-fabricação industrializada, nas quais a contribuição criadora do Arquiteto permanece anônima. Êsse sentido coletivista que a produção industrial determina, permite que o Arquiteto Autor do Projeto, por mais individualista ou personalista que êle seja, fique inserido no contexto coletivo da sua época e que, sem o perceber, lance mão do auxílio de uma enorme equipe, que irá dar ao seu trabalho, as características de integração cultural, técnica e artística capazes de identificarem a sua época com sua evolução artística tecnológica, cultural e social.

Os arquitetos antigos selecionavam os membros de sua equipe; artistas, artesãos, técnicos e através de seu nível de conhecimentos e sensibilidade, chegavam juntos ao resultado final que era a possibilidade do canteiro de obra. Em tôrno da obra instalava-se ou existia a indústria e o Arquiteto atuava diretamente, ou através dos elementos da sua equipe de trabalho sôbre todo o complexo que contribuia para a obra. As modificações de métodos ou evolução técnica e formal, vinham lentamente através da evolução cultural dos grupos particulares, pela transmissão oral de mestres para discípulo. O arquiteto moderno, dada a enorme evolução na tecnologia e facilidades de transporte e informações, tem a sua disposição tôda a possibilidade técnica e industrial do mundo de hoje. Ao invés de dirigir, junto ao canteiro de obra, a produção dos produtos industriais necessários, contendo as características compatíveis com o uso particular ao seu trabalho, êle, modernamente, se limita a selecionar produtos industriais já elaborados, de várias origens e características. A sua possibilidade de atuar no produto é indireta e através de **Desenho Industrial**, contribuindo na criação de novos desenhos, métodos e técnicas de construção pré-fabricadas.

Bàsicamente o processo é o mesmo. Em lugar de influir no produto da indústria, objetivamente para uma determinada obra, como no passado (o que aliás ainda poderá ser feito hoje em alguns casos), como desenhista industrial, êle opera procurando enquadrar o seu trabalho dentro de uma necessidade múltipla, que irá atender a vários arquitetos, criando assim, com a circulação dos produtos, um intercâmbio de pesquisas que aos poucos tenderá a caracterizar tôda a produção industrial para a Arquitetura, que refletirá o nível criador e de possibilidade técnica da sociedade industrial. Devido ao intenso intercâmbio entre os países, à troca dos produtos industriais e todo um contexto de vida, padronizado pela própria ação industrial em todos os sentidos, temos uma tendência a uma uniformidade nas sociedades industrializadas. Compreende-se fàcilmente que com o constante desenvolvimento da indústria e uma conseqüente participação progressiva do produto industrial na obra de arquitetura, devem os Arquitetos participar efetivamente, atuando diretamente na criação industrial como **desenhistas**, conduzindo as pesquisas de produtos, técnicas e métodos industriais determinados à utilização na Arquitetura.

Quanto maior fôr a participação de Arquitetos no processo industrial, mais permanecerá próxima à Arquitetura a Indústria para a Construção.

O intercâmbio de produtos industriais para a Arquitetura, poderá ser uma troca de pesquisas de Arquitetos. Quanto maior fôr a presença do arquiteto mais unidade e conteúdo existirá na equipe anônima que colaborará para a construção da Arquitetura industrializada de nossa época.

O processo industrial é um processo coletivo e só representará integralmente as necessidades e nível cultural da sociedade, na medida em que dêle participarem os diversos grupos humanos que por êle são atingidos.

A Indústria só poderá conhecer as necessidades integrais dos setores que ela irá atender, na medida em que os especialistas de cada setor dela participarem diretamente.

O trabalho de pesquisa de opinião, que os industriais às vêzes desenvolvem para suprir a deficiência de informações diretas, poderá corrigir algumas deformações, suprir deficiências de previsão, baratear produção etc. mas, o grau de criação contido nos produtos industriais só se enriquecerá, efetivamente, com a participação direta dos profissionais do grupo ao qual se dirige o produto. Só a ação maciça dos **Arquitetos, como Desenhistas Industriais**, na produção dos produtos e técnicas para a construção e equipamentos, poderá dar ao produto industrial a característica de uma colaboração profissional, compensando a ação direta do antigo artesão arquiteto na obra. O trabalho indireto do arquiteto como desenhista industrial é o recurso natural para substituir através de uma compensação coletiva e multilateral a fiscalização e a orientação, que outrora era possível de ser feita pelo arquiteto indivíduo, diretamente no canteiro de obra e junto à indústria artesanal que para ela produzia.

A antiga tradição cultural de uso, na transmissão do detalhe e equipamento arquitetônico, foi hoje substituída pelo intercâmbio comercial de produtos e técnicas de uma indústria anônima e incontrolável. O discípulo que transmitia a lição de um mestre ou determinada utilização de detalhe, foi hoje substituído pela agência de propaganda que anuncia as características da imensa produção industrial. O conhecimento hoje em dia nada mais é que um empresamento comercial-industrial conduzido pelos interêsses financeiros e através de uma propaganda dirigida. O arquiteto para continuar trabalhando dentro da integralidade de sua profissão, tem que participar diretamente em todos os setores em que ela se fizer presente. A sua obrigação é a proteção da arquitetura em geral e em particular. Êle tem que lutar em sua defesa em tudo que puder atuar sôbre ela e a deformar. Sua função não pode estar meramente na prancheta de desenho, indiferente à motivação social dos programas, determinantes urbanísticas industrial para a construção. Daí vem a necessidade dêle participar da luta social e procurar influir na produção industrial, sem o que êle estará permitindo pela inação o esvaziamento da sua profissão. *

Carta de um arquiteto ou de como possuir autênticas obras helênicas na época da VI República Brasileira

NOTA DA REDAÇÃO: Ao recusar a execução de um projeto, por considerar as diretrizes que lhe impuseram contrárias às suas convicções, o Arquiteto Marcello A. Fragelli endereçou ao Sr. Almas Zaclt, Superintendente da firma construtora ZM Engenharia, Ltda., em 30 de junho p.p. uma carta, explicando a sua vênia e justificando a sua posição. Por constituir-se num documento que reflete a posição dos arquitetos brasileiros em geral, transcrevemo-la a seguir:

Prezado Sr. Zacit.

Atendendo à sua insistência para que reconsiderasse a minha recusa ao convite de sua firma para elaborar o projeto arquitetônico do Grande Templo Calvinista de Cuiabá, volto ao assunto, após muito refletir sôbre tôdas as objeções feitas pelo senhor e demais diretores, às razões de minha negativa.

Certo de que os meus argumentos não foram bem compreendidos pela direção da ZM, permito-me, inicialmente, reexpor com mais clareza os motivos de ordem prática que desaconselham, a meu ver, a adoção do "estilo grego romano", pedido pelo cliente.

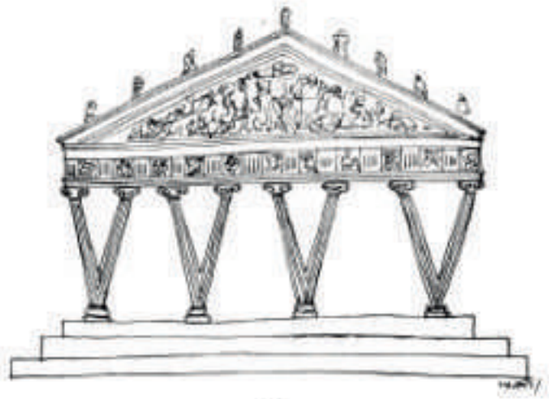
Estou convencido de que mesmo os grandes exemplos de Arquitetura construídos na antigüidade, muitos dêles com qualidades artísticas até hoje insuplantadas, sempre ficam a dever aos prédios de boa arquitetura atual, no que diz respeito ao atendimento às necessidades de confôrto do homem moderno. Evidentemente, o progresso trazido pela evolução dos conhecimentos do Homem nos trouxe um grande número de vantagens e comodidades que jamais poderiam se enquadrar, sem grandes prejuízos, nas proporções e no espírito das Arquiteturas do passado, as quais resultaram, é claro, das condições e dos recursos de suas épocas.

Daí me parecer inteiramente descabido erigir, em plena segunda metade do século XX D.C., um prédio despojado das vantagens proporcionadas pelas conquistas da inteligência humana.

Se bem que êste seguinte aspecto não me diga tanto respeito, acho oportuno chamar a atenção para as implicações psicológicas da escolha, para um prédio destinado ao culto, de uma cópia do passado, ao invés de uma obra de arquitetura. Julgo que isto pode dar ao público uma impressão desfavorável sôbre o nível cultural e a mentalidade da instituição, apresentando-a como algo de ultrapassado e bolorento. Ocorre-me, a respeito, o exemplo dado pelo Vaticano, com seu pavilhão na última Exposição de Bruxelas: quando muitos esperavam que a Igreja Católica fôsse mostrar um pavilhão confeitado em "estilo greco-gótico-romano" ou qualquer coisa semelhante, ela apresentou uma construção de linhas arrojadas, como dizendo: "Sou eterna, portanto não estagnei: nos primeiros tempos fui bizantina em meus templos; depois foi românica, depois gótica, barroca, estive, estou e estarei sempre dentro da época, ou à sua frente". Mesmo dentro da Igreja Católica de hoje, podemos notar que as ordens mais evoluídas, mais atualizadas, refletem na correta arquitetura de seus novos templos e conventos a constante evolução de seu pensamento. Verificamos que enquanto aqui perto, em Campinas, Jesuítas constróem uma nova universidade segundo arquitetura ultrapassa a descaracterizada, os dominicanos e beneditinos, conhecidos por sua posição de vanguarda dentro do pensamento cristão, seja aqui (Igreja dominicana das Perdizes, convento beneditino de Belo Horizonte) como na Europa e nos Estados Unidos, encomendam seus novos prédios a arquitetos como Le Corbusier (convento La Tourette, na França) e Marcel Breuer (Abadia de St. John, Collegeville, EUA).

O exemplo oferecido pelo cliente, dos prédios oficiais de Washington, antes me parece vir, permita-me insistir, em apoio de meu ponto de vista: aquêles prédios inteiramente desligados da cultura e das tradições do país e absurdamente divorciados da época, foram construídos quando não havia nos Estados Unidos uma arquitetura de boa qualidade e de características nacionais (não é, certamente, o caso do Brasil de hoje). Tais prédios merecem atualmente, quase todos, tamanho desapreço das esferas mais cultas norte-americanas, que até acréscimos hoje feitos em alguns dêles obedecem a linhas atuais, desprezando-se totalmente os seus "estilos" mascarados originais. Não tenho notícia de nenhum prédio erigido em qualquer capital norte-americana, nas últimas duas décadas, que não tenha sido projetado dentro da arquitetura contemporânea. Ainda no ano passado, procedeu-se a um concurso para o projeto do Franklin Roosevelt Memorial, em Washington e dentre todos os trabalhos classificados, nenhum dos quais apresentando qualquer compromisso com linhas da antigüidade, foi escolhido um trabalho de caráter inteiramente nôvo e que resultará, quando terminada a construção, algo de muito mais autêntico, vivo e monumental do que qualquer mausoléu "greco-romano" das vizinhanças.

No entanto, se ainda considera a ZM inevitável seguir, sem debate, a orientação formalística recebida do



cliente, e uma vez que tão pouca compreensão teve a minha recusa, tachada até que foi, de estrelismo e imodéstia, vejo-me forçado a acatar o pedido do senhor superintendente no sentido de que formulasse as condições por mim consideradas mínimas para a elaboração do projeto, dentro das indicações estilísticas do cliente:

1) Será escolhida uma época definida, para a arquitetura do Templo: — não me parece adequado, a uma firma do gabarito e do conceito da ZM, produzir obras híbridas, tais como as de "estilo greco-romano". Antes o grego puro, ou então o romano autêntico. Já que vamos ao encontro dos desejos do cliente, de construir algo de "digno, de antigo e duradouro", sugiro a escolha do grego, mais antigo que o romano e portanto mais experimentado e comprovado.

2) Para dar ao prédio o indispensável ar de autenticidade, sem o qual êle terá a inconsistente aparência de pavilhão de feira de amostras, evitaremos totalmente o emprêgo, visível ou mesmo escondido, de materiais modernos, como sejam, o concreto, o aço, o vidro e mesmo o cimento.

3) Também não serão tolerados sistemas de elevadores, de ar condicionado, artifícios elétricos de iluminação, assim como encanamentos hidráulicos e de gás, tubulações e aparelhamento sanitários, desconhecidos na Grécia do século IV A.C. e cuja presença num verdadeiro prédio de estilo seria o bastante para destruir-lhe irremediàvelmente a unidade formal.

4) Em conseqüência do exposto e sempre visando à autenticidade e pureza do prédio, proponho a elevação de suas paredes em blocos maciços de mármore, devendo a cobertura ser executada em telhas de barro de feitio manual, sustentadas por entablamento e vigamento de madeira, de acôrdo com o sistema da época.

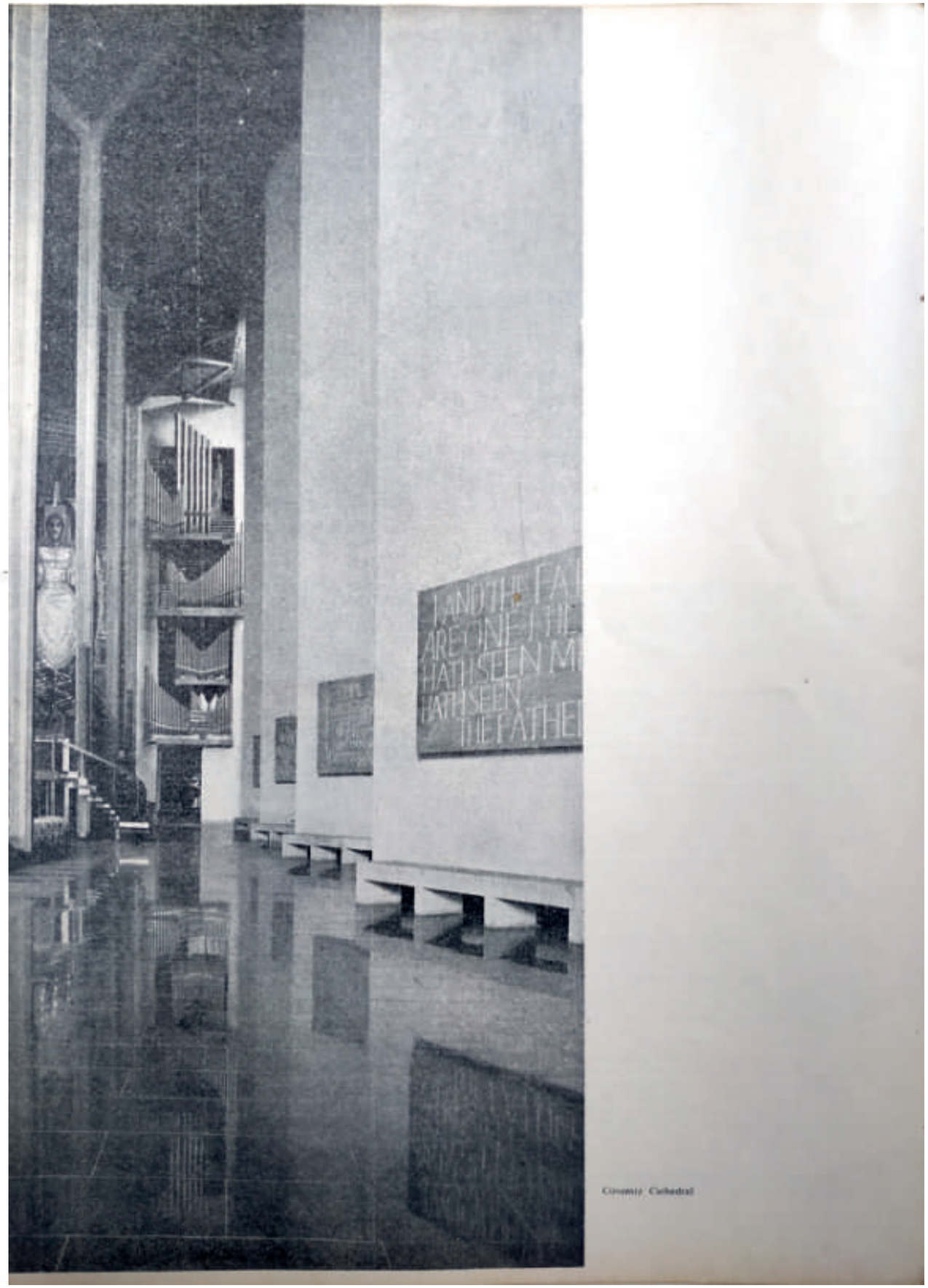
5) Para completar a completa e necessária integração de todos os elementos dentro de um caráter autêntico, sem o que o prédio apenas iria aumentar o rôl de aleijões arquitetônicos pseudo-históricos tão ao gôsto da subcultura do século passado, considero indispensável o recrutamento de uma equipe de pintores, de escultores e canteiros de verdadeira formação helênica da época, a fim de que não resultem caricatas as necessárias decorações pictóricas e escultóricas das colunas, frontões, métopas, tríglifos e demais elementos.

6) Como só é considerada boa arquitetura aquela que se liga intimamente com a época e local de sua construção, tornando-se um reflexo do meio, imponho ainda e com o maior empenho, que se providencie para que num raio de quinhentas passadas em redor do prédio não permaneça nenhuma edificação da cultura ocidental ou moderna e também que neste perímetro não seja permitida a existência ou mesmo o acesso de qualquer elemento geográfico, botânico, zoológico e principalmente humano, diferente dos encontrados na Grécia do século V A.C..

7) Finalmente, mas não de menor importância, considero indispensável ao sucesso dos trabalhos, que providencie a ZM junto a seus engenheiros, mestres e operários, no sentido de que a execução da obra esteja terminada até, no máximo, o fim do século IV A.C., sob o risco de vermos o projeto ultrapassado, sendo construído numa época em que a técnica de construção e a mentalidade dos homens já terá evoluído noutro sentido, pois, se o João de Barro e o Castor seguirão por todo o Tempo construindo da mesma maneira, desde que são animais irracionais, o Homem estará sempre evoluindo, porque é própria do Ser inteligente, a evolução.

Respeitadas as condições acima expostas, creio que poderá a ZM aceitar, sem se desvalorizar, a encomenda, tal como foi feita e contar com a modesta colaboração de seu arquiteto,

Ax. Marcello Accioly Fragelli



Circunvisão Cathedral

A Arquitetura na Grã-Bretanha de Hoje

Nikolaus Pevsner

Professor da História da Arte, Birbbeck College, Londres.

Art Nouveau (ou **Jugendstil**, ou **Stile Liberty** ou **Floreale**) foi o primeiro rompimento com a tradição do historicismo, ou imitação de estilos ou motivos do passado, uma tradição de vários séculos. O rompimento ocorreu por volta de 1890. As novas formas eram fantásticas, como plantas emaranhadas na selva tropical, ou como ondas, chamas e cabelos de mulher. Então, já por volta de 1900, seguiu-se o rompimento com **Art Nouveau** e o estilo do século vinte foi criado. Era o oposto de **Art Nouveau** em tudo, à exceção de uma coisa: também era inteiramente original nas formas que criava. A criação dêsse estilo pertence aos anos entre 1900 e 1914, e alguns dos criadores ainda vivem, notadamente Gropius. O nôvo estilo era, socialmente, uma inovação, assim como formalmente. Socialmente, estabelecia o princípio de que a arquitetura é um serviço, de que satisfazer as necessidades de clientes é mais importante do que expressar-se, de que as funções têm de ser estudadas detidamente, e de que jamais se deve permitir que qualquer forma interfira com o bom-funcionamento de um edifício. Nada deve ser feito para decorar, apenas; nem mesmo os ornamentos de cornija. O fato de que a auto-expressão, no fim e desde o começo, entra no trabalho de qualquer arquiteto digno do nome é, ao mesmo tempo, mais que evidente. Mas não deve ela ter rédea livre; tem de ser contida dentro das sanções do servir. Destes princípios e das formas que engendraram resultaram edifícios como "Bauhaus", de Gropius, a "Casa Suiça", de Le Corbusier, na Cidade Universitária, em Paris, o "Pavilhão Alemão", de Mies van der Rohe, na Exposição de Barcelona de 1929.

Os princípios, e muitas das formas, que nestes anos de um primeiro clímax, por volta de 1925-30, havia sido demonstrado, ainda não válidos. Ainda construímos, regra geral, para satisfazer às necessidades de grupos de pessoas, não de indivíduos, (como o fizeram os arquitetos renascentistas e barrocos), ainda construímos com os mesmos materiais e com as mesmas técnicas, e uma das realizações mais comentadas da arquitetura britânica do após-guerra é, na verdade, uma realização, que pode ser inteiramente definida por essas coordenadas: as novas escolas, primeiro aquelas do Conselho do Condado de Hertfordshire (bem modestas, a maior parte delas), e depois aquelas de outros países (e.g. Nottinghamshire, que recebeu uma das raras e cobiçadas medalhas de ouro na Trienal de Milão, recentemente) e também as de uma variedade de arquitetos particulares. A maior parte delas tem, em comum, uma utilização inteligente de partes modulares e elementos préfabricados e um agrupamento livre, assimétrico, que insiste numa escala em escala humana e superfícies, contexturas e côres amistosas.

Seria um êrro tentar a caracterização do cenário arquitetônico internacional durante os últimos dez ou doze anos, em têrmos do estilo da escola Bauhaus e da nova escola inglêsa. Não há como negar o fato de que uma modificação fundamental mais uma vez ocorreu. Se terá ela tão curta vida quanto **Art Nouveau** ou se realmente definirá a segunda metade do século, comparada à primeira metade do mesmo, ninguém pode dizer. A nova modificação foi em primeiro lugar feita nos edifícios de alguns jovens arquitetos brasileiros, e especialmente Oscar Niemeyer, e ao mesmo tempo ou um pouco mais tarde, em projetos nãoexecutados de Le Corbusier. Hoje em dia, a fantástica igreja e o clube de Pampulha, de Niemeyer, e a capela de peregrinação de Le Corbusier em Ronchamp, são os mais espetaculares exemplos dessa modificação de essência. Pois é de uma modificação essencial que se trata, não apenas uma modificação de maneira: uma volta à auto-expressão, à forma antes da função, à arquitetura pela própria arquitetura, ao apêlo da fantasia. Olhando país por país, os representantes dêsse estilo néo-fantástico podem ser detestados em tôdas as partes: o terminal de TAW em Idlewild, de Saarinen, a Abadia de São João em Collegeville, Minnesota, de Marcel Breuer, a Néo-Liberdade italiana, a Casa do Congresso de Berlim, a futura Casa de Operas de Sydney, os edifícios governamentais de Le Corbusier em Chandigarh, os novos edifícios públicos japonêses. Aí temos uma arquitetura com ângulos agudos, agressivos, e uma saturação de concreto maciço, expressivo e eminentemente dramático ou com curvas largas, tornadas possíveis apenas recentemente, pelas descobertas e explorações de engenheiros de concreto, como o grande Nervi italiano.

Mas aquilo que, em seus edifícios, é ditado pelo raciocínio estrutural, é, com excessiva freqüência, usado por outros por motivos expressionais. A Inglaterra não tem estado na vanguarda dessa modificação, o que é talvez, do ponto de vista de personalidade nacional, bem compreensível. Há edifícios na Grã-Bretanha, nada obstante, que pertencem a essa nova tendência e que só podem ser observados em têrmos pertinentes a ela, especialmente, quanto ao aspecto que na Inglaterra foi chamado Nôvo Brutalismo, i.e., o desejo de um diretismo expressional implacável, o desejo de materiais brutos, nãotratados, e formas duras, maciças, inspirado, êsse desejo, naturalmente, por Le Corbusier, em Chandigarh. As casas de Stirling & Gowan, adjacentes a Ham Common, perto de Londres, foram as primeiras a serem notadas. Edifícios por Howell, Killick & Partridge e por Sir Leslie Martin & Colin Wilson, construídos nos últimos dois ou três anos, ou mesmo ainda em construção ou em fase de projetos, também pertencem a essa nova tendência. Sua fôrça é inegável. Na arquitetura de igrejas, especialmente — e por bons motivos — o nôvo expressionismo encontrou campo fértil. Nesse caso, em que as funções são tão menos complexas e em que a função emocional, de qualquer maneira, têm de ter preferência sôbre tôdas as outras, soluções foram encontradas que vêm sendo observadas no estrangeiro, tanto em têrmos do tradicional longitudinalismo como do novo plano "serviço-in-the-round". Como exemplo da primeira solução, a Catedral de Coventry, de Sir Basil Spence, é, evidentemente, o principal exemplo. Suas paredes de dente-de-serra, permitindo que tôda a luz siga a direção do altar, foram muito imitadas no continente europeu; seu engenhoso e belo agrupamento com a ruína da velha catedral, menos. A formação de grupos de elementos contrastantes é, na verdade, um recurso tipicamente inglês, com a tradição Picturesca do século dezoito por trás do mesmo.



Eastbourne Terrace Development Paddington, London
Arq.: C. H. Elsom & Partners.



Town Centre, Stevenage, New Town Herts 1959
Arq.: L. G. Vincent

Contemplando a modificação que teve lugar e explicando-a ou justificando-a, foi usado e argumentado, por seus adeptos, de que o chamado Estilo Internacional dos trinta era uniforme, regimentado, sem alma e impessoal. Eu não concordaria indiscriminadamente, mas o público em geral, aquele a cujo serviço os arquitetos estavam convencidos de que trabalhavam, concordou e em nenhum lugar aceitou bem tal código arquitetônico, racional e exato. O nôvo estilo surgiu como uma Volta ao Indivíduo e mais reivindicações (embora freqüentemente as do arquiteto e não as do público), mais vivo, mais excitante, e conseqüentemente, também mais humano. De que as fileiras e fileiras de quarteirões de casas orientadas para o ótimo, exatamente idênticas, com projetos idênticamente ótimos dos 1930 poderiam mesmo assumir aparência inumana, ninguém hoje nega, e uma gunnada para algo mais pessoal e, por variedade, mais agradável à vista, tinha de ser esperada.

Entretanto, sustento que não precisava vir em têrmos tão fantásticos, obstinados. A atual função da arquitetura britânica é a de ter desenvolvido outros têrmos, pelo menos tão humanamente atraentes, e certamente mais razoáveis, para satisfazer aos desejos modificados de público e arquitetos.

O primeiro dêsses têrmos é o agrupamento, uma liberdade de agrupamento que torna desnecessárias imprevisões com as unidades individuais, uma vez que a variedade e o conseqüente interêsse são produzidos pela relação de bloco para bloco. A Inglaterra é afortunada, nesse respeito. Construtores tão poderosos e prósperos a ponto de terem invadido o mercado imobiliário de Manhattan, compram um quarteirão inteiro, ou vários quarteirões, em Londres e nas províncias, reconstruindo-os segundo um só e concedendo nas províncias, reconstruindo-os segundo um só e concedendo esquema. O melhor exemplo, até hoje, é o "Eastbourne Development", ao longo da Estação de Paddington, em Londres, por Cecil Elsom, claro, conciso e racional em seus detalhes, mas arrojadamente composto de blocos horizontais e verticais. Outra edificação ainda maior é a de "Notting Hill Gate", em Londres, não tão compreensível como esquema, ainda, quanto poderá sê-lo quando estiver completa. O projeto mais imaginativo, e na verdade, pioneiro, falando internacionalmente, foi o de Sir William Holford, para os recintos da Catedral de São Paulo, com uma plataforma elevada para compras de pedestres e garagens, no nível inferior, e todo o tráfego rodante mantido afastado dos arredores imediatos da catedral. Parte do esquema está agora em construção, um pouco diluído, temse de admitir, mas muito promissor, assim mesmo. Especialmente dramática será a área de "Elephant and Castle", na parte sul de Londres, agora sendo reconstruída segundo nôvo projeto do Conselho do Condado de Londres, em conjunção com arquitetos particulares. A Prefeitura de Londres, desastrosamente reacionária até há pouco tempo, já apresentou esquema de interêsse internacional, para a área de uma rua recentemente aberta, "London Wall", com cinco arranha-céus quase idênticos, colocados livremente, com lajedos igualmente livremente colocados entre êles, separação estrita de tráfego rodoviário e trânsito de pedestres e, por fim, uma área agradável em uma extremidade, com um pequeno lago e restos visíveis da Muralha de Londres, romana, perto de uma igreja medieval. O esquema é conhecido como o Plano Barbican. Ainda aqui, é o agrupamento imaginativo que tem importância. Desenhos complicados são desnecessários. O mesmo procede no campo da habitação, no grande grupo de blocos interligados de apartamentos, em Sheffield, colocados em terreno ingrene, com acesso em diferentes níveis (arquiteto J. S. Womersley) e, em menor escala, das praças do mercado das Novas Cidades, as satélites de Londres, especialmente Stevenage (por L. G. Vincent) e Harlow (por Frederick Gibberd).

As Novas Cidades são, evidentemente, também uma das mais importantes contribuições da Grã-Bretanha. Suas zonas habitacionais são espalhadas, de acôrdo com o princípio das Cidades-Jardim de há sessenta anos — princípio também formulado e aperfeiçoado na Grã-Bretanha. O ideal de viver no campo é universal, na Inglaterra. Se não se tem meios para tal, deseja-se pelo menos ter casa própria, com um jardim particular. As Cidades-Jardim foram planejadas para trazer o campo à cidade. Tinham suas desvantagens, como longas distâncias e a monotonia de escalas. As Novas Cidades tentam evitar êsses defeitos, substituindo quarteirões de casas por residências independentes, ou semi-independentes, e através da mistura de apartamentos e casas. Recentemente, maior efeito compacto foi também tentado, notadamente na Nova Cidade de Cumbernauld (arquiteto Hugh Wilson).

O plano habitacional de maior sucesso até agora, entretanto, é o do Conselho do Condado de Londres, sem dúvida um dos mais bemsucedidos em qualquer lugar, especialmente onde os locais permitam coordenação de arquitetura e natureza. Um local assim é o de Roehampton, entre Londres e Richmond. O projeto, nesse caso, é dos então arquitetos do Condado, Sir Robert Matthew e Sir Leslie Martin e sua brilhante equipe de jovens assistentes. Aqui temos uma zona de quase uma centena de acres, sendo o planejamento uma combinação de cêrca de vinte blocos em tôrres, em três grupos, um muro de cinco lajedos e mais intermediárias de maisonettes (ou duplexes, segundo os norte-americanos) de quatro andares, blocos de apartamentos de três andares, casas, escolas, residências, de um andar para velhos, mansões Georgianas intactas, e as velhas árvores das antigas vilas Vitorianas por tôda parte. Um conjunto foi assim conseguido, que é tanto profundamente inglês — na tradição arquitetônica de um parque pitoresco — quanto enfàticamente moderno, na introdução de variedade, contrastes e efeitos arrojados. Roehampton, esteticamente, e o Departamento de Arquitetura do Condado de Londres, administrativa e socialmente, têm, certamente, algo a ensinar ao resto do mundo. ■

GaleriaGaleriaGaleria

artes visuais

Ferreira Gullar

A PINTURA EM PÂNICO

Flávio Shiró, que se assinava Flávio Tanaka, japonês criado em S. Paulo e atualmente radicado em Paris, expôs na Petite Galerie, mês passado, uma série de pinturas sôbre papel, pertencentes à uma nova fase de sua inquieta experiência pictórica.

Esses trabalhos de Shiró diferem bastante de sua pintura anterior, senão no caráter dinâmico das formas, na intenção figurativa que nelas se esboça. Uma espécie de figuração surrealista, se se amplia a significação do têrmo para além do que normalmente se designa como "pintura surrealista". O surrealismo de Shiró reside no aspecto fantástico das figuras que, sem definição, aparecem em suas telas. São formas ambíguas, que lembram figuras humanas mutiladas ou monstruosas, raízes contorcidas, bichos estranhos, cenas de pesadêlo.

Vemos, assim, repetir-se, neste pintor, o fenômeno que aqui registramos da passagem de Ivan Serpa, do tachismo ao figurativo. E, como Serpa, Shiró inicia sua caminhada para a figura, através da transformação imediata das manchas e traços em monstros, numa identificação fisiognômica. Não é por acaso que isso se dá, uma vez que êsse retôrno à figuração resulta do esgotamento do tachismo e da conseqüente assimilação de seu vocabulário ultra-subjetivo. As manchas sem identificação perderam seu impacto inicial e buscam apoiar-se agora nas situações possíveis ao mundo já conhecido. Esse é o primeiro passo. O passo seguinte, inevitável, é aquêle que já foi iniciado por Serpa: a volta sem dissimulação à figura. Eis porque devemos encarar os trabalhos atuais de Shiró como trabalhos de transição. O retôrno à figura é inevitável.

Shiró ilustra bem a situação atual dos jovens pintores. Sua arte exprime um estado de perplexidade e tensão. A violência das formas e dos ritmos que precipita, volta-se contra seu próprio instrumento de trabalho: é uma retórica dramática, como a aflição de um mudo por se exprimir. A formulação não se dá e resta apenas o próprio espetáculo do homem que tenta falar. Por que isto?

Acredito que todo êsse drama reside na própria situação da pintura ocidental de hoje. O processo de autocrítica da pintura, iniciado com o Impressionismo, desce agora ao nível de autodestruição. O caminho, que ora se esboça, para o figurativo, surge como uma tentativa de reencontrar-se a objetividade perdida, residindo nisso seu aspecto positivo. Não obstante, para que essa objetividade seja retomada, urge superar alguns conceitos básicos da arte contemporânea, que a explicam como fenômeno fechado, autônomo, sem compromisso direto com a realidade social. A prevalecer essa visão teórica, que por sua vez é fruto de tôda uma visão alienada da cultura, a pintura se manterá no círculo vicioso dentro da qual evoluiu até agora, com diferenças sutis em cada fase.

A arte se isolou em si mesma, buscando escapar à derrocada dos valôres em que se apóia o mundo em que ela floresceu. No isolamento, vivendo de suas próprias carnes, chegou ao ponto em que a vemos hoje, em condição de destroços, a gritar do fundo de um poço. Esse poço é o próprio pintor, o indivíduo, o homem só, que nada sabe do mundo, que nada quer saber, que pinta incessantemente aquêle mesmo auto-retrato iniciado por Rembrandt, o marginal. Mas, afundado em seu niilismo, o pintor de hoje já nem se identifica com o seu rosto temporal, seu rosto que os outros vêem, que o liga ainda à vida comum. Busca um rosto não-social, sem feições, disperso em manchas, emoções obscuras. E tôda ligação que então resta entre êle e o mundo real é o valor de suas obras no mercado de arte. E assim a contingência social nega, sem o querer, a realidade do drama fundamental que o faz pintar como pinta.

Estou convencido de que o caminho para a pintura reencontrar a necessária objetividade está na descoberta de uma função para ela hoje, na sociedade. Quem sabe se essa função não está na crítica da sociedade pelos pintores?

Os pintores, hoje, funcionam como **sintomas da sociedade**, indicam sua desagregação interna, surgem como vítimas de uma estrutura desumana. Mas, mesmo essa função passiva já perdeu a fôrça, depois de tanto repetir-se. Urge que os pintores assumam uma posição consciente, crítica, dentro do mundo em que vivem, lembrando-se de que, antes de serem pintores, são homens, membros de uma comunidade. Urge libertarem-se da concepção romântica da arte, que os faz, a qualquer preço, disputarem a "glória" de ser artista. Só a partir dessa visão nova poderão reencontrar o caminho da verdadeira arte, que não pode e não deve ser o sinistro exercício do solipsismo.



Lola... flor proibida

cinema

Carlos Diegues

1. **LUTA PELO CINEMA BRASILEIRO**
2. **DECADÊNCIA DA NV**

1. O primeiro "round" da luta cultural pelo cinema brasileiro já está, a bem dizer, ganho. Filmes de qualidade, alguns até com um tipo de consagração inesperada, são feitos aos montes. Além daqueles que marcaram o primeiro ano (ou safra) do chamado Cinema Nôvo, as novas produções também começam a ser mostradas e a garantir, não apenas um crédito de confiança de público, como também a sua adesão integral. Se filmes como "O Pagador de Promessas", "Barravento", "Os Cafajestes", "Assalto ao Trem Pagador" chamaram a atenção de todos para o fenômeno que podia estar vindo aí, os recentes "Sol Sôbre a Lama", "Seara Vermelha", "Vidas Sêcas" confirmam a existência dêle e a sua radicação no cinema brasileiro.

Mas se a luta cultural é seguida de pleno sucesso, e outro aspecto, o industrial, parece frágil e sem a solidez que um cinema de categoria merece. Os realizadores nacionais enfrentam, nas fases de sua produção, problemas incríveis e inacreditáveis. Primeiro vem a luta pelo financiamento, a desconfiança do capitalista. Depois, levantado o capital necessário, debate-se com a falta de condições técnicas primárias, os elementos organizatórios de uma produção lhes falta e, quando depois de um verdadeiro **tour de force** heróico, o sujeito acaba seu filme, ainda se depara com as peripécias e os percalços de lançamento, exibição, de ressarcimento do que foi empregado (note-se que nem falamos no mínimo de lucro para o revestimento na segunda empreitada).

Um filme como "Vidas Sêcas", por exemplo, de qualidades irrefutáveis, um filme histórico no panorama cultural brasileiro, foi violentamente retirado de cartaz depois de sua primeira e única semana de exibição. Acabou num cineminha de 300 lugares, por honra da firma, e a custa do apêlo público. O que faz com que sejam assim as coisas? O que está acontecendo?

Primeiro, a concorrência impossível com o filme estrangeiro. Este entra no Brasil aos quilos e sem nenhuma dificuldade tarifária. Torna-se mais barato e, portanto, mais negócio para o distribuidor. Em contrafação, o produtor nacional compra sua película virgem (também importada) super-gravada, como se fôsse uma jóia ou gênero de luxo. Os cinemas (quando são honestos e cumprem o decreto do oito-por-um, coisa que não acontece com todos) passam a preferir os VIPs e as Cleopatras, os Bang-bangs e os capa-e-espadas. Quando o produtor consegue exibir seu filme, entra outro problema: o da fiscalização, para ver se realmente o que lhe estão pagando (quase "por favor") corresponde ao público que entrou no cinema. E o famoso adicional, o acréscimo de impôsto no ingresso para reverter em forma de prêmio, vai para as caixinhas, ou desaparece no labirinto de papéis da burocracia oficial.

Enquanto tudo isso acontece, os governos (federal e estadual) permanecem deitados eternamente em bêrço esplendido, com os órgãos que deveriam tratar disso (GEICINE E INCE) entregues a divagações metafísicas e programas absurdos. A permanecer esta situação, podemos ganhar mil Palmas de Ouro, fazer trezentos "Vidas Sêcas", mas o cinema nacional morre (sem ter nascido direito) a curtíssimo prazo. Para evitar que isso aconteça, os cineastas (produtores, realizadores, técnicos, atores) têm se entregado a uma constante luta pelo cinema brasileiro, principalmente através da ABRAF, órgão recentemente criado com vistas à defesa dos interêsses da classe. Veremos o que acontecerá. Ou ganham êsses heróis da cultura brasileira, ou ganha o Sr. Harry Stone com seu séquito de mediocridades de luxo.

2. A "nouvelle vague" teve um sentido histórico. O principal: libertou o cinema de um academicismo conformado e estéril, encontrando na liberdade sintática um nôvo prazer de fazer e ver cinema, somando a isso uma certa perspectiva correta na compreensão do homem moderno e seus problemas. Mas hoje, depois de alguns anos de invasão da nova onda nas telas de todo o mundo, sente-se que um nôvo academicismo foi instalado a pretexto da revolução fílmica. "Lola", de Jaques Demyz, recentemente exibido no Rio e vindo da França com os maiores elogios da crítica européia, é bem um exemplo desta falência.

"Lola", em si, não é nada. Um filme vazio e flutuante, sem nenhuma vontade de revelar, de analisar ou expôr. Um filme simplesmente destinado a ser uma coleção de todos os efeitos nuvelevaguistas de trucagem, montagem e câmera. E, ainda mais, cheio de um bla-bla-bla incrível, pseudo-profundo, de frases-feitas e rebuscadas, mas sem sentido ("O essencial é partir", "O primeiro amor é o único que fica", "Desejar ser feliz já é ser feliz", etc.). Um desperdício enorme do talento de Anouk Aimée que, ainda bem, é grande.

"Lola" é retrato da "nouvelle-vague" hoje — decadente e sem rumos, perplexa depois da primeira noite de amor. Demy, que é um de seus grandes (?) nomes hoje, não passa de um môço cheio de floreados e sem rechelo. Mas audacioso: dedica o filme a Max Arena vinha de obter retumbantes sucessos) estava condenado a atender apenas às exigências superficiais de um público reduzido. Os Ophuls, e que mereceria um processo de perdas-e-danos por parte dos herdeiros do grande cineasta vienense. E como a grande maioria de seus companheiros, Demy está fadado a desaparecer em pouco tempo. Ficarão apenas os que são realmente, os que não se limitaram ao efeito, à "trouvaille", mas que procuram, através de rumos pessoais, encontrar a revelação de problemas densos e situações de profundidade. É o caso de Goddard e Truffaut, e talvez mais um ou dois. O resto será silêncio em breve.

INFORMAÇÕES:

1. **Moacir Santos** muito requisitado para música dos novos filmes brasileiros. Depois de "Seara Vermelha" e "Ganga Zumba", prepara-se para escrever a trilha sonora de "Os Puzis", "Os Vencidos" e "O Beijo no Asfalto".

2. Glauber Rocha montando "Deus e o Diabo na Terra do Sol". Fala-se em performances consagradoras de Geraldo Del Rey e Othon Bastos (aquêle repórter de "O Pagador de Promessas" que agora tem sua primeira grande oportunidade, vivendo Corisco).

3. Os irmãos Santos Pereira iniciarão breve as filmagens de "Grande Sertão: Veredas", o primeiro Guimarães Rosa a ir para a tela.

4. Atrizes brasileiras (principalmente de côr) revoltadas e pensando em desabafo público com a chegada de Sarita Montiel ("La Violetera", "Ultimo Tango", "Rainha do Chantecler") ao Brasil para viver um de nossos personagens históricos de maior riqueza — Chica da Silva. É o subdesenvolvimento e o descaso das autoridades que deixam dona Sarita ferir nosso patrimônio histórico.

5. "Barravento", já selecionado e inscrito, representará o Brasil na importantíssima mostra internacional de Nova Iorque. Só filmes de alta categoria artística.

6. Anselmo Duarte só encontrou circuito de Cinema de Arte para vender o filme nos Estados Unidos. Assim, "O Pagador de Promessas" permanece inédito nos States. ●

teatro

Cleber Ribeiro Fernandes

TENTATIVA DE UM TEATRO POPULAR NO BRASIL

As primeiras especulações sôbre um teatro de cunho ideológico chegaram ao Rio com o Teatro de Arena de São Paulo, em fins de 1958. Embora nem todos os textos montados naquela temporada correspondessem à plataforma do grupo, esta não deixava dúvidas quanto a sua natureza. De qualquer forma, o empreendimento foi de tal modo bem sucedido que chegou-se a pensar, num determinado momento, que o Teatro Brasileiro, dali em diante, não teria outra opção. Uma definição como esta exigia, no entanto, uma sólida base técnica e ideológica. Na falta desta, uma adesão em massa como a que se verificou estava condenada: os grupos que simplesmente **aderiram a moda** logo desapareceram; o teatro convencional, aquêle que se vinha fazendo até então, depois de flertar com o movimento, a êle se opôs ainda que inconscientemente, enveredando pela inconseqüência e pela gratui-

dade (o panorama melancólico que as empresas profissionais hoje oferecem é uma conseqüência direta dessa atitude); o próprio Teatro de Arena ressentiu-se da crise: praticamente dissolvido, retornou a São Paulo onde se recompôs afirmando o sectarismo que o esfacelara; enquanto isso, a ala mais politizada de todo o movimento abandonou provisòriamente os palcos profissionais e transferiu-se para o C.P.C. (1) que vinha de ser fundado, utilizando sua experiência nas atividades teatrais e cinematográficas daquele órgão.

A afirmação de que o setor teatral do C.P.C. é hoje o único divisor de águas visível no Teatro Brasileiro pode parecer, à primeira vista, um absurdo. Seus detratores têm explorado hàbilmente as aparências e acusam a entidade de **abstrata**, criticando o nível artístico insatisfatório de suas realizações. O que há, entretanto, é que o teatro feito atualmente pelo C.P.C. é o único que corresponde ao momento histórico e político que vivemos. Um **adversário ideológico** do grupo, ao criticá-lo, jamais se refere a qualquer espécie de ideologia, preferindo sempre desmoralizar o seu **nível artístico**. Suas restrições sôbre **forma** em verdade dirigem-se a um **conteúdo** que não ousam contradizer. Negando sua validade formal, com isso esperam negar as atividades do grupo in **totum**. Chega-se, assim, a um impasse: uma leal discussão sôbre o C.P.C. não pode fugir aos dois itens, que têm de ser analisados separadamente. Se um acôrdo ideológico está comprometido pela radicalização de ambas as partes, no que se refere ao nível artístico atingido até o presente, os seus dirigentes são os primeiros a lhe reconhecer a insuficiência. Uma pequena história do C.P.C. poderia esclarecer a opinião pública, sempre tão mistificada quando os interêsses **politiqueiros** entram em jôgo.

Os esforços do grupo desenvolvidos nas mais variadas direções têm perseguido uma única meta: encontrar têrmos válidos para a expressão de um teatro popular. A busca não pretende satisfazer-se com uma simples definição. Alguns de seus dirigentes chegam mesmo a temer a consolidação dos preceitos que traria o risco de encerrar prematuramente uma fase experimental. O teatro do C.P.C. foi estruturado sôbre a insatisfação com o teatro que até então vinha sendo feito, um teatro que por melhor sucedido (o Teatro de Arena e seus fundadores sabiam assim o que **não desejavam** mais fazer. Quanto ao teatro popular dos seus sonhos, tratava-se de um terreno totalmente inexplorado.

Como balão de ensaio, o C.P.C. resolveu utilizar suas melhores armas na conquista de novas áreas de público. Remontou-se ao maior sucesso do Teatro de Arena e com "Eles não usam black-tie", de Gianfrancesco Guarnieri, percorreram-se vários sindicatos nas tardes de domingo. Logo verificou-se o equívoco. A classe operária jamais incluira o teatro em suas cogitações, quer como elemento cultural, quer como simples entretenimento. A ver uma peça de teatro na sede de seu sindicato, os operários continuaram preferindo os lazeres a que estavam acostumados e não compareceram. Modou-se o horário e, desta vez, foi a reação do novo público que surpreendeu o C.P.C. As passagens dramáticas que haviam **chocado** o burguês estarrecam no estoicismo do operário que acolheu com um sorriso os dramas que o público da Zona Sul, por exemplo, teria considerado insuportáveis em seu cotidiano. Não terá sido esta conclusão a responsável pelo "teatro circunstancial" que, de resto, já vinha sendo feito. Mas daí em diante, o esfôrço maior concentrou-se neste tipo de representação. O "teatro circunstancial" destina-se a empolgar o público de asfalto com os problemas do momento. Muitos transeuntes terão sido esclarecidos, quase por acaso, sôbre o bloqueio de Cuba, a posição assumida pelo Brasil na Conferência de Punta Del Leste e outras questões, pelos "sketchs" escritos por Oduvaldo Vianna Filho, Joel Barcellos e Armando Costa, e representados quando e onde se fazia necessário.

A primeira "U.N.E. Volante" levou a todo o país o resultado destas experiências. Peças — não mais "sketchs" — foram escritas por tôda a equipe nos moldes do "teatro circunstancial", com vistas às massas provincianas e, principalmente, à juventude estudantil. "Brasil, versão brasileira", "Miséria ao alcance de todos" e o "Auto dos 99%" (sôbre reforma universitária) foram os textos representados em quase tôdas as capitais para um público entusiasta, por um elenco um tanto biscoito mas ardoroso. O teatro do C.P.C. talvez não tenha sido o principal beneficiário desta experiência, mas todo o órgão que deixou em cada cidade visitada uma sucursal. Os frutos desta fase já começaram a ser colhidos. (2)

Entre a primeira e a segunda "U.N.E. Volante", as atividades do C.P.C., embora sem sofrer quebra de continuidade, não acusaram nenhum progresso. Restrito ao "teatro circunstancial", o grupo montou outro sucesso do Teatro de Arena, "Revolução na América do Sul", de Augusto Boal, e o "Auto do Não", colaboração à campanha do plesbicito. Fôra atingida uma fase nitidamente estacionária que, no entanto, pouco durou. Para a segunda excursão, foram convocados apenas os amadores mais experimentados que apareceram ao lado de atores profissionais dirigidos por um diretor também profissional. "O Filho da Besta Torta do Pajeú", texto de Oduvaldo Vianna Filho, dirigido por Carlos Kroeber, levou a todo o Brasil um espetáculo que, sem ser perfeito, acusava progressos técnicos visíveis. O entusiasmo com que foi recebido talvez tenha sido equivalente ao da primeira vez, mas o ardor sectário cedia agora uma larga margem ao aprimoramento artístico.

Tôdas estas experiências — despresadas pela grande imprensa sempre mais interessada no brilho dos "hits" — levaram o grupo a uma decisão que, atualmente, norteia todo o seu trabalho. Terá chegado o momento de "entrar no mercado", de competir com os elencos profissionais, de disputar o público burguês. Para isso está sendo construído um teatro relativamente confortável no segundo andar da U.N.E. O antigo auditório está sendo adaptado pelo arquiteto Milton Feffermann, graças ao apoio do Serviço Nacional de Teatro que, sob a gestão do Sr. Roberto Freire, confirmou as providências que já tinham sido tomadas pelo Sr. Edmundo Moniz. As verbas oficiais estão sendo suplementadas por uma campanha de cadeiras cativas, a exemplo do que já fizeram "O Tablado" e outros grupos. No teatro do C.P.C. serão montados espetáculos capazes de interessar uma platéia mais refinada, baseados em textos coerentes com a linha ideológica do grupo. Para isso serão convocados profissionais que, na medida das conveniências de ambas as partes, constituirão, ao lado dos amadores em fase de aprimoramento, um elenco estável que, só então, poderá ampliar suas pesquisas em matéria de expressão. Enquanto isso, a "carreta" (dispositivo construído a fim de dinamizar o "teatro circunstancial") que, no momento, se encontra inutilizada por motivos técnicos, voltará a servir sua primitiva finalidade. Não só ampliará o alcance do teatro de rua mas levará ainda, aos bairros e subúrbios, as experiências bem sucedidas no palco da Praia do Flamengo.

Com estas providências, o setor de teatro do C.P.C. espera ter se aproximado, o máximo que lhe foi possível até aqui, de seu ideal de teatro popular: preparar, através do teatro circunstancial feito na carreta, as classes menos favorecidas, até aqui alijadas do fenômeno teatral, para que possam assimilar uma forma de teatro mais erudita, ao mesmo tempo em que, realizando esta última forma de teatro tentará não só ampliar o público burguês mas recuperá-lo do gôsto degenerado que lhe vem sendo imposto pela mentalidade exclusivamente comercial dos empresários em atividade.

---

(1) *O Centro Popular de Cultura é um órgão filiado à União Nacional dos Estudantes, tendo por finalidade a divulgação de uma "cultura popular". Suas atividades abrangem quase todos os setores artísticos: música, cinema, teatro, artes plásticas e publicações de natureza política e literária.*

(2) *O C.P.C. de Pernambuco realizou uma modesta temporada no T.N.C. do Rio, no começo dêste ano. O espetáculo, praticamente ignorado pela classe teatral e pela imprensa, resultou na manifestação teatral mais autêntica a que assistimos nos últimos tempos. "As Incelenças", de Luiz Marinho, revela um autor que, sem nenhum favor, pode ser comparado ao Synge de "O Prodígio do Mundo Ocidental" e "Julgamento em Nôvo Sol", texto escrito por vários autores, equilibrou o aspecto didático da tese (reforma agrária) com uma realização artisticamente válida.* ✠

literatura

José Guilherme Merquior

SÔBRE A CRITICA LITERARIA

Não há pessoa interessada em literatura que não tenha ouvido falar das tendências dominantes no campo da crítica moderna. A expressão "new criticism" (às vêzes imbecilmente traduzida por "neo-criticismo") engôba a maioria dessas tendências a partir de um traço comum, que é o primado **do texto** como objeto do estudo e da análise críticos. Como se sabe, a crítica do século XIX, que sucedeu à crítica normativa do classicismo, negligenciou não poucas vêzes o texto literário, para examinar o autor (crítica biográfica, psicologista) ou o ambiente social em que êle se moveu e que refletiu na obra (crítica de inspiração sociológica). Não há, é claro, nada de ilegítimo nesses exames. O que contra êles argumenta a nova crítica é o não terem sido feitos a partir do texto, isto é, sem reconhecimento de que a primeira tarefa da crítica, mesmo se tiver por objetivo a apreensão da presença de social na obra, é enfrentar-se com a própria obra. Ainda que se admita que a obra é um puro signo do social, ainda assim não se poderia negar que, para chegar ao significado dêsse signo, é preciso ler êste último. O texto não pode portanto ser um simples pretexto... prévio, anterior a tudo que se possa ler nêle, o texto tem um primado; é um **a priori** — a que qualquer interpretação será **a posteriori**; recusa-se a ser pretexto e, ponto de partida necessário, só se permite ser pretexto.

Em certos círculos, sobretudo de esquerda, a imagem da nova crítica é sempre a de uma alienação literária. Encara-se a preocupação com o texto como uma estratégia de repúdio à interpretação sociológica. Vê-se na nova crítica um esteticismo, um purismo, uma prática beletrista das universidades americanas. Na realidade, é só uma parte da nova crítica que merece a censura e a acusação de esteticismo. São apenas alguns dentre os "new critics" os suscetíveis de re-

ceber a condenação que merece tôda crítica (literária ou não) que fantasie uma impossível "isenção" em face do mundo ou manifeste a veleidade de contemplá-lo "sem compromisso", como se fôsse possível criticá-lo do lado de fora — condenação onde ressoa a ágil sátira de Marx e Engels contra Bruno Bauer e companhia, reunida no no livro **A Sagrada Familia**, de 1845. Verdade que êsses "alguns" são legião, e das mais fortes, especialmente no conjunto da crítica americana; mas não são todos. O mais errôneo em matéria de apreciação geral das novas correntes de crítica seria identificar, sem mais nem menos, nova crítica e purismo, primado do texto e beletrismo. Freqüentemente, a acusação esquerdista contra a nova crítica incide nesse êrro, tanto mais fàcilmente quanto enorme parte da crítica de esquerda, soi-disant marxista, é uma crítica fossilizada, produto de um materialismo mecanicista e de um sociologismo retardado que remontam a Taine — por sinal, um grandissíssimo reaça positivista.

Corre também contra a atitude básica de explicação de texto da nova crítica a velha desconfiança dos que acham que a poesia é inefável, ou seja, que nenhuma crítica, nenhuma análise conseguiria jamais compreender, em têrmos racionais, o solene e essencial "mistério" da poesia. Tais amantes do indizível, alminhas pleines de délicatesse, extasiados diante da "faísca do gênio", consideram Édison um animal ("gênio e 5% de inspiração e 95% de transpiração" — não fôsse êle, por função, um antiobscurantista!...), e acreditam inútil todo e qualquer esfôrço para analisar o poema, desmontá-lo mesmo, embora apenas para compreendê-lo, para fazer da leitura algo mais próximo da própria confecção, da própria construção do poema que, como é sabido, só muito raramente "desce" pronto na cabeça privilegiada do "mago" autor. No fundo, os partidários do inefável, apaixonados do silêncio, amorosos do sagrado, são pessoas que entendem poema e crítica como funções irracionais, "iluminadas"; crença muitíssimo de acôrdo com uma subjacente concepção igualmente irracional do homem e da História. Mas foi a um crítico racional que o grande Goethe dirigiu essas palavras, a melhor resposta a êsses místicos sacerdotes do Inexprimível: **Não fique desencorajado por ter de tomar o poema como se êle fôsse feito de pedaços. Não conheço outra maneira de progredir de uma vaga para uma específica apreciação.**

A conquista de uma nova consciência crítica nascida do reconhecimento do texto como base de tôda interpretação é com grande felicidade adaptável, assimilável e uma verdadeira compreensão sociológica de literatura (que não se confunde com o sociologismo, simples redução mecânica do estético às "condições" de gênese da obra). Através da síntese das duas atitudes — atenção ao texto e atenção ao social — é possível comprovar quanto a leitura crítica é leitura de uma inserção, a inserção da obra num contexto humano e social o entendimento do texto como expressão esclarecedora de um mundo em relação ao qual, dialèticamente, as palavras do poema são ao mesmo tempo explicadas e explicadoras. A literatura não se reduz a condições sociais preexistentes, mas não porque ela refuja, ou escape, ao condicionamento concreto da sociedade — ela não se reduz, porque justamente exprime êsse condicionamento, no duplo sentido de lhe dar forma e de lhe dar combate. A segunda parte é característica de nossa época. Ambas, comuns a uma literatura criadora (que só uma crítica produtiva pode compreender) dotada de consciente e obstinada modernidade. Conversaremos ainda sôbre a situação da crítica — a nossos leitores por acaso regulares, avisamos apenas que nossa conversa sôbre os temas estéticos de W. Benjamin, interrompida por esta página sôbre a crítica, será também retomada em ocasião próxima. *

música

Nelson Lins de Barros

BOSSA NOVA MEDIEVAL

(Sexto de uma série de artigos sôbre os problemas da música através de sua história)

Deve parecer estranho um movimento de arte nova em plena Idade Média, para os que ainda consideram êsse período da história como uma longa noite negra. Mas é também estranho que êsse movimento, de tanta importância para a música, tenha aparecido mais de cem anos antes das correspondentes transformações artísticas do Renascimento. E' o caso de perguntar: Foi a Ars Nova um movimento realmente revolucionário? um salto qualitativo na evolução da música? algo que no tempo correspondeu a uma equivalente transformação social? E ainda: Houve, no Renascimento, nova revolução musical comparável às grandes transformações da época? ou foi a Ars Nova um advento do Renascimento musical? e nesse caso, porque a antecedência de mais de um século?

A Ars Nova teve as características de um movimento revolucionário. Cresceu das raizes inconformistas do Organum e acumulou fôrças com o desenvolvimento do Organum à Polifonia. Ganhou conteúdo popular através da influência da música dos trovadores. E transformou as bases da nossa música ocidental. Foi um salto qualitativo. Um dos três grandes marcos da história da música: a Ars Nova, no século XIV, a Nuove Musiche, no século XVII e a New Music, no século XX. Mas vamos ver o que foi essa bossa nova.

No início do século XIV, um movimento de renovação veio tumultuar a música já tão incontrolada do segundo têrço do período gôtico europeu. O descontrole, naturalmente, refere-se ao poder cada vez menor da Igreja sôbre os artistas que conquistavam cada vez mais liberdades. Os padres viam apavorados o desenvolvimento da polifonia, o desmoronamento do sistema modal e as inovações de tôda espécie que só podiam resultar na destruição da ordem estabelecida, sagrada e eterna, como era desejável. E o pior era a influência cada vez maior da arte profana vinda dos campos da Provença. Feitas as concessões umas sôbre as outras e a contra-gôsto, a música chegou ao fim do século XII convulsionada mas com esperanças de estacionamento. No entanto, os músicos não estavam satisfeitos. Pelo contrário, tinham agora elementos e fôrça para o grande salto.

Por volta de 1300, autores como Walter Odington e Marchetto de Pádua começaram a escrever sôbre as inovações que estavam aparecendo. Mas foi Philippe de Vitry que batizou o movimento com a publicação de seu trabalho intitulado "Ars Nova", mais ou menos em 1325. Os músicos que participaram do movimento passaram logo a chamar a bossa velha de Ars Antigua. A Ars Antigua incluía quadrados como Franco, Petrus de Cruce e os respeitáveis mestres da Escola de Notre Dame; Leoninos e Perotinos. Entre os compositores BN estavam naturalmente Philippe de Vitry, Marchetto de Pádua, Giovanni da Cascia, Jacopo da Bologna, o grande Landino, muitos outros e, acima de todos, Guillaume de Machault, o papa da bossa nova.

As transformações trazidas foram da maior importância. Em primeiro lugar, o uso do rítmo binário, uma contribuição popular, através da arte-provençal. O único ritmo admitido oficialmente era o ternário (porque eram 3 as pessoas da santissima trindade). A Igreja lutou até o fim contra o ritmo duplo da Ars Nova. Os intervalos harmônicos de têrças e sextas, também condenados, passaram a ser considerados iguais ou mesmo superiores aos intervalos perfeitos de quartas, quintas e oitavas. Êsses intervalos de têrças e sextas continuaram a ser a base da harmonia até nossos dias. Foi abolido o movimento paralelo das melodias em intervalos de quintas e oitavas. Essa proibição foi válida até o século XIX. Dissonâncias (da época) passaram a ser usadas com maior audácia e bom gôsto. A melodia ganhou em contôrno e clareza de desenho. A estrutura rítmica adquiriu incrível avanço e sentido moderno. A música passou a ser sincopada. A técnica do contraponto atingiu sua tôda independência e passou a dominar. Desenvolveram-se e surgiram formas musicais como a chanson balladé, a ballata, a caccia, etc, muitas delas derivadas da música dos trovadores. E ainda muitas e muitas outras inovações: A música ficta, ou música falsa, uma maneira pela qual o sistema modal ainda restante foi totalmente destruído pelo emprêgo sistemático de sustenidos e bemois. A partir da Ars Nova, as antigas escalas ficaram reduzidas pràticamente às nossas atuais escalas maior e menor. Outra inovação: o faulx bourdon. Na realidade tratava-se de um subterfúgio para enganar as leis eclesiásticas que tentavam impedir o desenvolvimento harmônico em intervalos considerados dissonantes. O uso do faulx bourdon desenvolveu a percepção dos acordes em terça, base da harmonia até hoje. Tem ainda a inovação do hexacorde com o uso dos nomes das notas pelas quais nós as conhecemos até hoje: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si. Êsse sistema simplificou a arte do solfejo e contribuiu no desenvolvimento da notação musical. E como foi grande o avanço da notação musical. Mas o ponto de maior importância em todo movimento da Ars Nova foi o de dar à música uma direção não eclesiástica. Eclesiástica querendo dizer, na época, oficial, e tendo em vista que desde Roma, desde a Grécia, a música era controlada pelo Estado, pode-se concluir que foi a partir da Ars Nova que a música ganhou sua independência social.

Assim foi o movimento da Ars Nova. Agora como explicar que isto tenha acontecido na música em pleno período Gótico, um século e meio antes do Renascimento? Na época, princípio do século XIV, o processo social e artístico não estava naturalmente parado. Havia, na realidade, uma preparação geral para o Renascimento: a queda do poder papal (o exílio do papa em Avinhão de 1309 a 1376); o fortalecimento cada vez maior do mercantilismo e das cidades; as grandes revoltas camponesas; um princípio de luta entre os reis e os barões (começo do Parlamento inglês, em 1265, e dos Estados Gerais na França, em 1302); e as guerras, as sempre guerras da Idade Média. Era um estado de ebulição. Entretanto, essa acumulação de fôrças só iria resultar nos grandes acontecimentos do Renascimento mais de um século depois.

O movimento da Ars Nova levanta o problema da evolução da música dentro do processo da evolução geral da sociedade. Mas para compreender melhor êsse problema e talvez tirar algumas conclusões, o mais certo é analisar o que foi o próprio Renascimento, o que vamos procurar fazer (tendo em vista o espaço e minha vocação pelo suspensa) no próximo número. *

MOVEIS E EQUIPAMENTOS

DO ATELIER DE ARQUITETURA

BERNARDO DE FIGUEIREDO

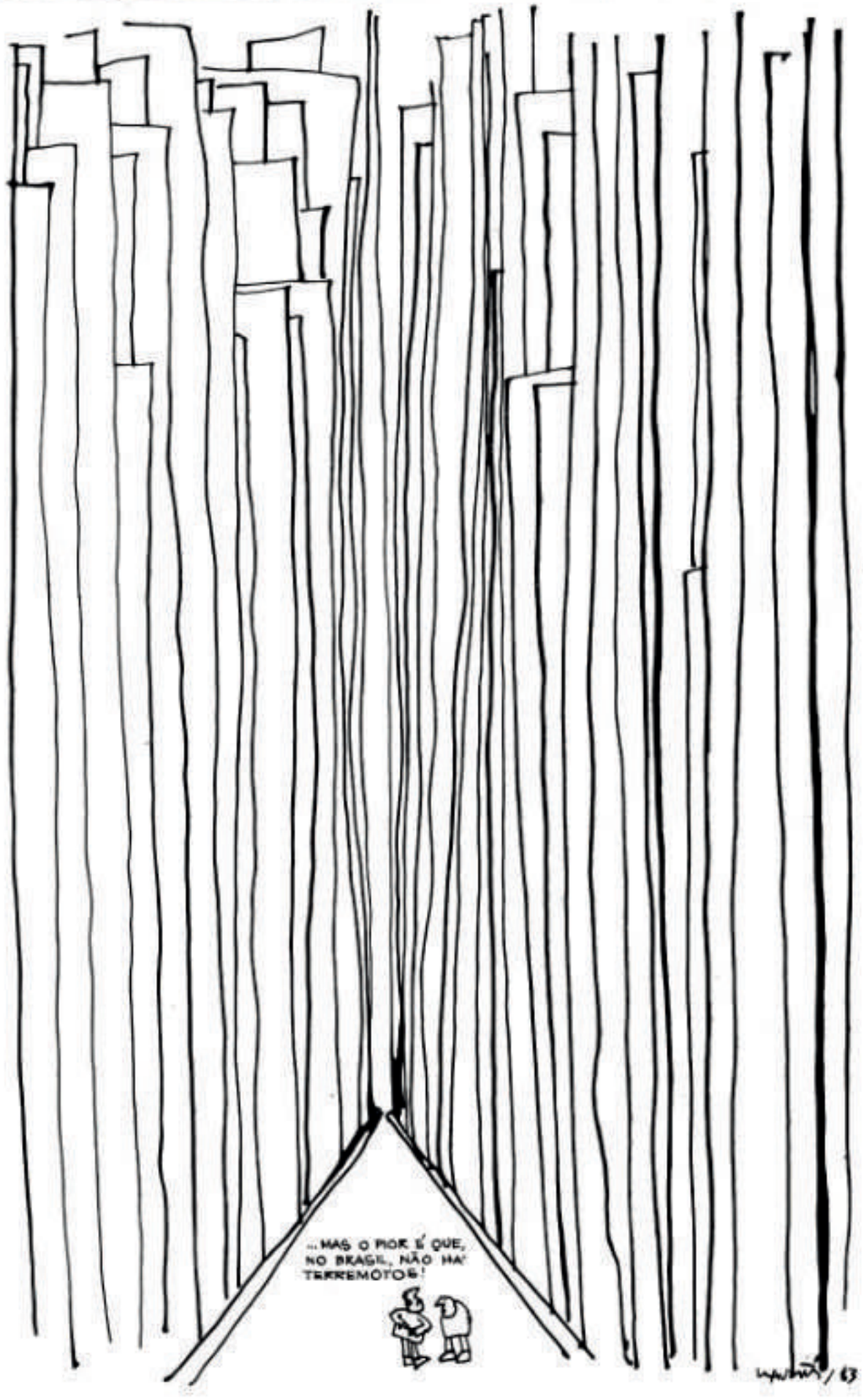


RIO — EXPOSIÇÃO E VENDAS — Chica da Silva

av. copacabana, 1146 - tel. 27-0700 - aberto todas as noites até 22,30 hs.

SÃO PAULO — REPRESENTANTE • SPRENGEL •

praça franklin delano roosevelt, 235 - tel. 34-2917 - centro - horário comercia



Construções de Ar

Arq. *Witold Szolginia*

Edifícios feitos de ar? Poderia parecer que é nossa intenção pilheriar com os leitores. No entanto, o ar serve como material de construção e é amplamente utilizado nessa função para diversos fins.

Até há pouco, o ar como elemento de construção desempenhava uma função passiva. Utilizavam-no e continuam utilizando-o, como isolante térmico e acústico. A parede feita de tijolo ôco, graças ao ar que se encontra na cavidade e no entalhe, impede com bastante eficácia a penetração do frio e dos ruídos no interior. As mesmas propriedades tem a camada de ar entre os vidros duplos de uma janela.

EXPERIÊNCIA E FUTURO DAS CONSTRUÇÕES PNEUMÁTICAS

De alguns anos para cá começou-se a utilizar o ar na construção como elemento ativo. Em relação a isto surgiu um nôvo ramo da construção que, se bem que, sem nome ainda estabelecido, convencionou-se chamar de "construção pneumática".

Esta classe de construções se realiza em forma de abóbada. Para encher e manter em posição fixa o envolvimento de tal abóbada, é suficiente que a pressão no interior seja algo maior do que a de fora. Basta aumentar a dita pressão em alguns milésimos de atmosfera — com respeito à pressão exterior — para que a abóbada possa resistir à ação dos ventos mais fortes. Mas para que esta construção se mantenha em posição invariável, é necessário assegurar uma pressão uniforme no interior. Para isso emprega-se um compressor de ar que possa funcionar periòdicamente ou em forma permanente segundo as características da abóbada: forma, dimensões, número de aberturas, etc.

Com o decorrer do tempo, verificou-se que o nôvo método de construção resulta particularmente útil e econômico nos casos em que se requerem grandes recintos que possam ser trasladados. Trata-se, sobretudo, de pavilhões para feiras e exposições, mercados salas de espetáculos e desportos, armazéns e depósitos, galpões, alpendres, etc.

Em vários países estudam-se novas possibilidades para o emprêgo do ar como material de construção. Provàvelmente, dentro em breve poder-se-á estender enormes, finíssimas e transparentes abóbadas por cima de estádios a fim de proteger os competidores e milhares de espectadores da ação dos agentes atmosféricos. Ainda mais, os especialistas em construção pneumática prevêm que, em futuro não muito distante, será possível cobrir com uma abóbada transparente grandes extensões de terreno, por exemplo: aldeias, bairros e inclusive cidades inteiras... Conforme vemos, as perspectivas são verdadeiramente fantásticas.

UM PAVILHÃO E UM TEATRO AMBULANTE

A construção pneumática também teve início na Polônia. Êste fato pode ser motivo de orgulho, porquanto a Polônia é o quinto país do mundo — sendo os quatro anteriores os Estados Unidos, a União Soviética, a Alemanha Federal e a França — que empreendeu experiência nesse terreno.

O primeiro projeto de construção pneumática na Polônia data de seis anos atrás, e se deve aos arquitetos Zofia e Tadeusz Janowski, e ao construtor Antoni Tarczewski. Esta equipe projetou uma construção muito original com coberturas "pneumática" para que servisse de pavilhão polonês na Exposição Mundial de Bruxelas, em 1958. O projeto não chegou a realizar-se porquanto a Polônia desistiu de participar daquela Exposição.

Um ano mais tarde, a Associação de Arquitetos Poloneses organizou um concurso para o projeto de uma sala de espetáculos de fácil montagem para o teatro ambulante de Mazowsze. A êste concurso foram apresentados dois projetos de construções pneumáticas. Um dêles foi premiado, mas parece que sua realização ainda demorará algum tempo.

GALPÃO PNEUMÁTICO

Em contrapêso, dentro de muito pouco tempo será realizado outro projeto de construção pneumática. A Emprêsa de Construções Experimentais vai erguer no nôvo bairro de Sluzewiec, em Varsóvia, o protótipo de um depósito de cimento numa construção pneumática de uma só massa. No bairro citado acima, a construção servirá de pavilhão de exposições. O projeto é obra de uma equipe de profissionais varsovianos: Andrzej Boltuc, arquiteto; Antoni Tarczewski, engenheiro-construtor; Kazimierz Gutkowski, engenheiro-mecânico; e Jerzy Iskra, engenheiro-químico.

Feitos os cálculos e os estudos necessários, determinou-se que a forma mais apropriada para esta construção será a de um hemisfério de 20 metros de diâmetro na base e 10 metros de altura, com entradas em forma de "comportas pneumáticas" de 3 metros de largura por 2,5 de comprimento e 2,8 de altura. A superfície utilizável do pavilhão é de 314 metros quadrados; o volume, 2.126 metros cúbicos; e a superfície da abóbada, 658 metros quadrados. Para "encher" a abóbada bastará elevar a pressão do ar no interior em apenas 0,008 de atmosfera.

Segundo vemos, a diferença entre a pressão do ar dentro e fora da construção será quase imperceptível. O leitor poderia perguntar como se apresenta o problema do inevitável escape do ar desde o interior, já que o pavilhão tem duas entradas. Resulta que a velocidade de escape será pequena não ultrapassando de alguns poucos metros por segundo, graças a que as ditas entradas estarão protegidas por "comportas pneumáticas" especiais. A reposição das perdas de ar e o sustento de uma pressão constante e uniforme no interior se efetuará mediante um ventilador de grande rendimento, se bem que de pouca fôrça (bastará um motor de 2 HP), munido de um regulador automático.

AULA ESCOLAR EM UM COGUMELO

Os autores do projeto descrito prosseguem estudando outras possibilidades de construções pneumáticas. Pròximamente, no bairro de Wola em Varsóvia, será realizado um projeto experimental de escola de uma só aula que, por sua forma curiosa, foi denominado "cogumelo".

Esse "cogumelo" com uma sala de aula para 40 alunos se compõe de uma construção "convencional" cilíndrica de 10 metros de diâmetro. O teto dessa construção, em forma de uma abóbada pneumática tem uma base circular de 15 metros de diâmetro. Sendo o diâmetro do recinto menor do que o da abóbada, esta protege também da chuva e do sol determinado espaço ao ar livre em redor do edifício. A abóbada é sustentada nas paredes do recinto formando como que um chapéu parecido com a parte superior de um cogumelo de grandes proporções.

A base da abóbada que servirá de teto da sala de aula constituindo ao mesmo tempo um excelente isolante térmico, será feita de lã de vidro e recoberta de ambos os lados com fôlhas de polietileno.

Segundo mencionamos, os autores de projetos das primeiras construções pneumáticas na Polônia continuam realizando estudos intensos, investigações e experiências relativas às possibilidades dêste nôvo método. As realizações dessa equipe de especialistas estão sendo aproveitadas e ampliadas por outros arquitetos, como é o caso do engenheiro Bohdan Koy que projetou últimamente armazéns portuários de construção pneumática em Gdansk. ●

DESTAQUE

25 ANOS DE ACRÓPOLE E UMA MENTALIDADE PUBLICITÁRIA

Comemorando o 25.º aniversário ACRÓPOLE publicou um número especial (295/297) dedicado à cidade de Paulo. Um roteiro da arquitetura contemporânea de SP foi encartada edição. O roteiro traz um mapa da ade onde estão assinaladas as 52 as destacadas pelos arquitetos ardo Corona e Carlos Lemos. Um ma de Guilherme de Almeida abre revista que contém vários estudos re o complexo urbano da capital deirante. O professor Aziz Nacib Sáber, geógrafo, escreveu dois en-os: "O sítio urbano inicial da aglo-ração paulistana" e "Originalidade sítio da cidade de São Paulo". O ar-teto Luiz Saia publica "Notas para eorização de São Paulo" e o arqui-Jorge Wilheim discorre sôbre "São lo: seus pontos de encontro".

ARQUITETURA saúda os 25 anos ACRÓPOLE e compreende seu jus-rgulho em atingir tal idade. O meio sileiro não é dos mais propícios à licações de arquitetura. Êste fato testado pela resenha, apresentada número de aniversário de ACRÓ-LE, das vinte e duas tentativas fei-neste gênero no Brasil. Vinte e s e não vinte e três, pois conside-os o "Boletim do IAB-GB", "IAB-ANABARA" e "ARQUITETURA" a mesma e única iniciativa Cons-r que hoje, apenas cinco das ten-vas documentadas por ACRÓPO-conseguem ter existência mais ou os perene, é suficientemente la-tável e desanimador. "Arquitetura Engenharia", "Módulo", "Habitat", rópole" e "Arquitetura" são as as revistas de arquitetura com cir-ção no país. No entanto, quatro arquitetos, oito escolas de arquite-e três a quatro mil emprêsas de strução levariam a supor um qua-um tanto diferente para o merca-de publicações de arquitetura, pla-amento urbano e equipamento in-or. Os órgãos especializados em licidade e a média do industrial sileiro animados por uma mentali-e que nos parece um tanto míope curam atingir não o profissional especifica e emprega materiais em ntidade maciças e sim um determi-o cliente na grande massas dos lei-s da grande imprensa.

ausência de uma verdadeira com-ção no mercado de materiais e ipamentos para construções — ven-se fàcilmente, na maioria das vê-tudo o que se produz — evitou, agora, que fôsse realmente com-vado o desacêrto desta mentalidade licitária. Mentalidade atrasada de se um século e que despreza o vei-o específico e direto, cujo alvo é o público especializado e que realmente pesa na venda macica dos produtos industriais para construção, para preferir outros, gerais e inespecíficos, dirigidos ao chamado grande público, na esperança de obter aqui e ali vendas isoladas. Anunciam cimento, ferro, materiais para pisos e revestimentos, tijolos ou elevadores como se anunciassem objetos de uso exclusivamente pessoal ou familiar.

O desenvolvimento industrial e o conseqüente aumento do volume de construções, o aparecimento de novos materiais e novas técnicas, e por certo, o exemplo dos publicistas de outros países vêm, de pouco tempo para cá, modificando esta mentalidade arcaica e conduz já os programadores de publicidade à uma mudança de orientação na qual se busca uma linha mais objetiva. Assim é que, timidamente, começam a anarecer os textos e os "lay-out" dirigidos ao arquiteto. Nestes anúncios sente-se, agora, a preocupação de mostrar ao homem que especifica e ao qual é indispensável o conhecimento do que a indústria produz, certas qualidades invisíveis ao grande usuário e que para o arquiteto são de fundamental importância. Desaparecem então os apelos destinados a sensibilizar mais fàcilmente a dona de casa ou um eventual cliente não técnico, para dar lugar a enfatização de elementos capazes de induzirem o arquiteto a preferir, dadas as suas qualidades intrínsecas, êste material ou equipamento e não outro de características similares. Abram os senhores programadores de publicidade qualquer publicação estrangeira de arquitetura. Escolham ao azar. O Forum (EUA), Casabella (Itália), Zodiac (Suiça), Architecteture d'Aujour'dui (França), Arquitetura (Portugal), Calli (México), Architectural Design (Inglaterra) ou qualquer outra e reparem no padrão técnico dos anúncios ali publicados Notem o cuidado em apresentar as características que realmente contam para quem vai julgar, escolher e especificar os materiais.

M.N.B.

sigla que representa

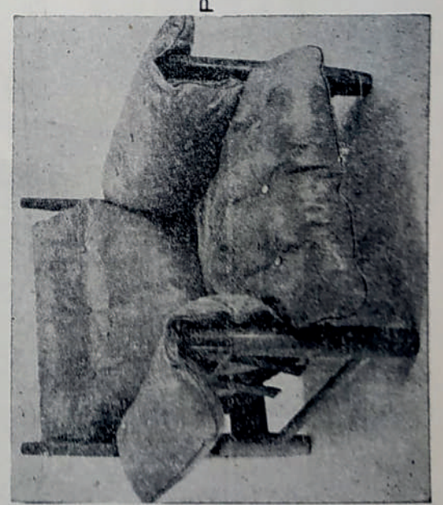
PRESTIGIO INTERNACIONAL EM EQUIPAMENTO DE INTERIORES

PRIMEIRO PRÊMIO IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE MOBILIÁRIO 1961 SÃO PAULO

oca arquitetura interiores s.a.

RUA LOURENÇO MACHADO 67 PRADO CENTRAL 27-0034 CAIXA POSTAL 5.678 SÃO PAULO

POLTRONA



OS ARQUITETOS E AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE SÃO PAULO

A "Última Hora" (SP, 14-9-63) publicou um trabalho do arquiteto Jorge Wilheim sôbre a posição dos profissionais de arquitetura e do **IAB-SP** ante o pleito eleitoral para a formação da nova câmara municipal e os problemas urbanos da capital bandeirante.

JW ressalta, com muita propriedade, que a participação do **IAB** não pode ser traduzida em têrmos de apoio pessoal a candidatos ou partidos, porém deve estar constituída numa ação incisiva e em plano político, sem perder as características profissionais e apartidárias.

Jorge Wilheim propõe em seu artigo, "São Paulo: seus pontos de embarque", discutir a **relação entre transporte urbano e plano diretor**.

Começa sugerindo uma autocrítica que, a nosso ver, não cabe apenas aos nossos colegas paulistas. Assim, a pergunta: **qual foi até agora nossa posição**, deveria ser colocada ante todos nós. Diante dos problemas urbanos que afligem tôdas as nossas cidades, animados pelo "desejo de transformar a cidade a partir de uma **visão global**, desconfiamos sempre de tôda iniciativa parcial de melhoria urbana. Freqüentemente, a miopia dos proponentes dessas melhorias parciais era de desesperar e, em lugar de apoiar medidas limitadas parecia-nos mais positivo limitarmo-nos a aproveitar a ocasião para uma denúncia, agitando novamente nosso querido **slogan**. O **slogan**, lá como aqui, no Recife ou em Pôrto Alegre é um só: **precisamos de um plano diretor**.

Aí surge uma **situação-problema** que envolve tôda a problemática da luta dos arquitetos brasileiros por melhores condições de vida para os habitantes dos nossos centros urbanos, porque, no dizer de **JW**, "a se manter a posição omissão-denúncia, nenhum resultado se obterá; pois, mesmo que independam dos arquitetos as decisões fundamentais no caso, — os escassos resultados obtidos com esta posição parecem evidenciar sua falta de objetividade. Que posição, então, poderemos adotar se quisermos dar alguma contribuição? E, em nível mais restrito, como abordarmos o problema imediato de transporte e do plano diretor sem cairmos no polo oposto, isto é, no imediatismo?"

Entrando no problema peculiar de São Paulo, **JW**, analisa, nos limites possíveis de uma publicação para grande público, a maneira pela qual São Paulo se metropolisou: "a comercialização do café, as estradas de ferro, a imigração maciça, o acúmulo de capitais, determinaram o brusco aumento da cidade e o gradativo loteamento das chácaras e fazendolas que separavam São Paulo do Triângulo dos numerosos núcleos em redor". O pouco de organicidade resultante dessa forma rápida de "metropolização" devem-se, "às diretrizes adotadas para o transporte: o eixo Leste-Oeste das estradas de ferro "Lapa-Centro-Penha e Guarulhos); a penetração da estrada do mar (Ipiranga a ABC) e das estradas do Sul (Consolação, Pinheiros etc. e Santo Amaro)".

UNIDADES DE VIZINHANÇA

JW, confronta a seguir os conceitos mais correntes da literatura urbanística que "objetivando cidades mais humanas, busca êste "humano" no bom relacionamento de vizinhos, provocando proximidade, coesão social, distâncias curtas entre residências e trabalho ou ensino etc." — nos quais êle vê "a visão humanista de Le Corbusier de 1920", — com a realidade da cidade de São Paulo. Dêste confronto fica patente o subjetivismo dos conceitos pois "não se deve confundir distância física com **distância social**. Uma "vizinhança" física não acarreta, fatalmente, maior **coesão social** entre seus habitantes. Num edifício de apartamentos podem coabitar centenas de famílias — que se desconhecem, não havendo qualquer coesão social. A distância social identificar-se-ia com distância física somente se a cidade fôsse um aglomerado de aldeias; pois nestas existe uma **vida comunitária** proveniente de posição fixa de seus componentes. Ora, a cidade é fruto típico de uma organização social superior, mais complexa. O cidadão urbano não vive em simples comunidades e sim numa sociedade, com tudo o que se infere desta definição. A coesão social não se dá mais em função de sentimentos comunitários e sim por meio de **livre associação de interêsses**; êsses interêsses, hoje em dia, prendem-se fundamentalmente ao **trabalho**. (É fácil verificar quão maior é a coesão, por exemplo, em um sindicato do que numa sociedade de amigos de bairro" ...).

COESÃO URBANA

JW assinala, entretanto, que seria errôneo e superficial limitar os aspectos da coesão social de uma sociedade urbana à comunidade de interêsses relacionados com o trabalho. Outros interêsses existem e êle os aponta: as atividades infanto-juvenis — "desde o ensino até à recreação: recanto infantis, parques lúdicos, clubes públicos, bibliotecas juvenis etc. Os adolescentes podem igualmente ter certa coesão, especialmente na parte desportiva e competitiva". **O abastecimento doméstico**, "atividade principalmente feminina e que promove certa comunidade de interêsses em determinados pontos urbanos como feiras-livres, mercados, centros de compras etc.". **Locais de reunião**, "para debates espetáculos ou comícios; assim como a coesão espiritual fixada de certa forma geral em tôrno de encontros domingueiros na **igreja**". Finalmente, **JW** cita o aspecto a que se prende especificamente o seu trabalho: os **pontos de embarque** e o problema da ligação domicílio-trabalho.

TEORIA E PRÁTICA

Tentando solver a contradição evidente entre a conceituação teórica e a

NOVO SIFÃO COMPACTO INDU

PARA LAVATÓRIOS E PIAS

Único que pode ser instalado em conjuntos de louço, sem ser necessária a remoção do pedestal para limpeza.



PATENTE DEPOSITADA

• FUNDIDO PELO PROCESSO SHELL MOLDING

• PERFEIÇÃO - ESMERO - QUALIDADE

1680

INDU

INDU COMPANHIA INDÚSTRIA METALÚRGICA
RUA NERVAL GOUVEIA, 273 - TEL. 27-9900
CENTRO: AV. RIO BRANCO, 151 - S/1002 - TEL. 42-5518
RIO DE JANEIRO GB

realidade urbana — que torna impossível a divisão da "planta de São Paulo em utópicas unidades, levando em consideração (como rezam os manuais) "x" habitantes por escola, "x" minutos entre domicílio e trabalho, — Jorge Wilheim propõe que "se parta das características reais de metropolização de São Paulo, reconhecendo a existência de bairros, vilas e jardins que integram a cidade, tentando apenas melhorar, por meio de um plano diretor, sua integração urbana e criar condições para existência daquelas facetas de coesão social que reconhecemos possíveis e desejáveis numa vizinhança". A partir daí o autor evidencia a importância do transporte no planejamento metropolitano de São Paulo, citando um outro aspecto que, dadas as atuais condições de habitação existentes no país, não deve ser peculiar ùnicamente à capital bandeirante: a mobilização da população dá-se mais em função da mudança de emprêgo do que em função da mudança de residência. Êste fato, aliado aos já citados, ao preço dos terrenos urbanos que torna impossível, para a maioria da população a concretização de qualquer sonho de moradia própria, e a outros fatores, demonstra fàcilmente o quanto de utópico existe na desejável proximidade domicilio-trabalho. **JW**, afirma mesmo que os compromissos da estrutura urbana vão ao ponto de tornar impossível esta proximidade como premissa de qualquer plano diretor. Êstas considerações levam **JW** a reconhecer no transporte uma primordial importância na vida urbana. Sua problemática, parece-lhe, atualmente, mais grave do que a própria carência habitacional.

TRANSPORTE: FATOR DE INTEGRAÇÃO URBANA

"... o habitante de uma metrópole não se satisfaz com a limitação do bairro domiciliar; o usufruto da totalidade da cidade e a concentração de certa rerecreação passiva tìpicamente urbana (estádios, cinemas, teatros, clubes etc.) leva-o a expandir sua atividade sôbre a cidade tôda; **sua identificação é com os aspectos metropolizadores**, com os pontos de encontro de seu bairro e com os grandes corações metropolitanos". **JW** acha que a importância do transporte urbano como fator de integração leva-o a merecer um estudo sociológico mais profundo, pois, em São Paulo, os meios de transporte "significam não apenas uma forma de ligação entre domicílio e trabalho mas, muito além, uma forma de integração dos paulistanos em sua cidade, um modo de assimilação de um pouco do todo urbano na vida cotidiana de cada habitante."

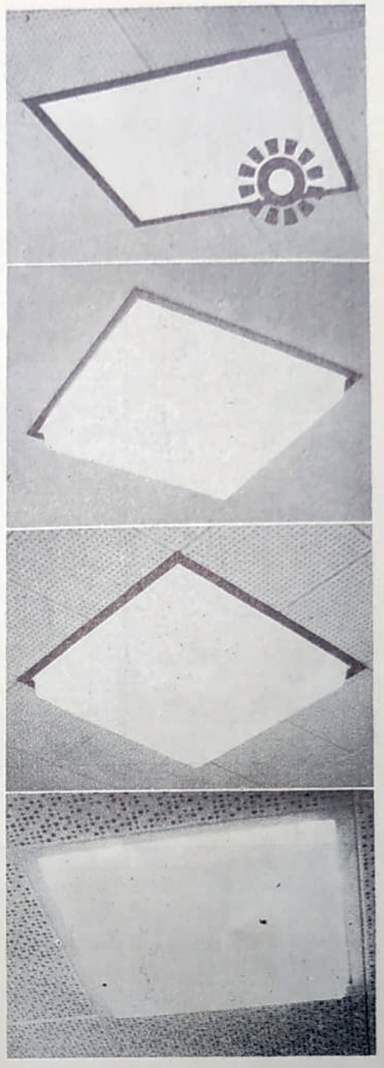
PONTOS DE EMBARQUE

"... o transporte é um dos fatôres que dão coesão social a uma unidade de vizinhança, sendo ainda fator de integração na vida social da cidade, uma projeção de cada habitante no nível metropolitano". Daí decorre a importância dada pelo autor, "no planejamento ou no remanejamento urbano, aos **pontos de embarque**, pontos finais de linhas de transporte. Diversas características paulistanas dão a êstes pontos uma grande complexidade e riqueza de possibilidades ao planejador. O ponto de embarque é, também, o ponto ideal para o centro de compras do bairro: (duma forma geral, o ponto de troca ou quebra de transporte é sempre mais indicado para o abastecimento: êle pressupõe proximidade do domicílio e é passagem obrigatória e diária). Os pontos de embarque identificam-se freqüentemente em São Paulo com os corações e pontos de encontro dos diversos bairros e vilas. Esta identificação não é acidental. (...) ... preexistindo nos bairros os pontos de embarque é provável que, ao remanejarmos cada setor da cidade, sejamos levados a estabelecer corações e pontos de encontro, **a partir de posição dos pontos de embarque.** Condições topográficas e outras já indicam certas direções inevitáveis para o transporte urbano; e, desta forma, inúmeros pontos de embarque em bairros já têm sua posição espontâneamente indicada. Mas o atual abandono da cidade ao mais total espontaneismo, acarreta conseqüências gravíssimas em tôrno dêsses pontos de embarque; sua imediata valorização dá-lhe densidade, edifícios altos, concentração de comércio, congestionamento e valorização imobiliária, conseqüente dificuldade de desapropriação e, portanto, comprometimento definitivo." **JW** mostra-nos um quadro já bastante familiar: o das cidades brasileiras, "sob o olhar pasmo e inoperante das autoridades", perdendo tôda a possibilidade de serem.

O QUE FAZER

Fechando o seu trabalho **JW** sugere algumas medidas de ordem prática na luta por uma melhor ordenação das cidades brasileiras. Em primeiro lugar êle cita a "orientação indicada pelo Seminário de Habitação e Reforma Urbana de que para, alcançarmos resultados concretos, devemos, nós arquitetos, saber traduzir conceitos urbanísticos em temas reivindicatórios; a pressão popular poderá produzir resultados urbanísticos em tempo mais curto e cabe aos profissionais envidar esforços para uma orientação correta. Em segundo lugar, poderíamos tornar patente aos futuros vereadores que a classe dos arquitetos, através do IAB, está disposta a participar da vida municipal e assessorar a futura câmara na medida de suas capacidades. Em terceiro lugar, fazermos sentir aos responsáveis pelo planejamento municipal que êles podem contar com a colaboração maciça da classe no sentido de se criarem condições para um plano diretor. Em quarto lugar, fazer sentir aos podêres municipais a necessidade de equipar sua estrutura técnica, melhorando vencimentos, aumentando seus quadros ou contratando equipes de arquitetos, objetivando remanejamentos urbanos. Em quinto lugar, evidenciar a importância do transporte e a primazia dos pontos de embarque nos remanejamentos parciais. Finalmente, sugerir às escolas de arquitetura maior preocupação e estudo dos problemas urbanísticos típicos do país e da cidade de São Paulo."

M.N.B.

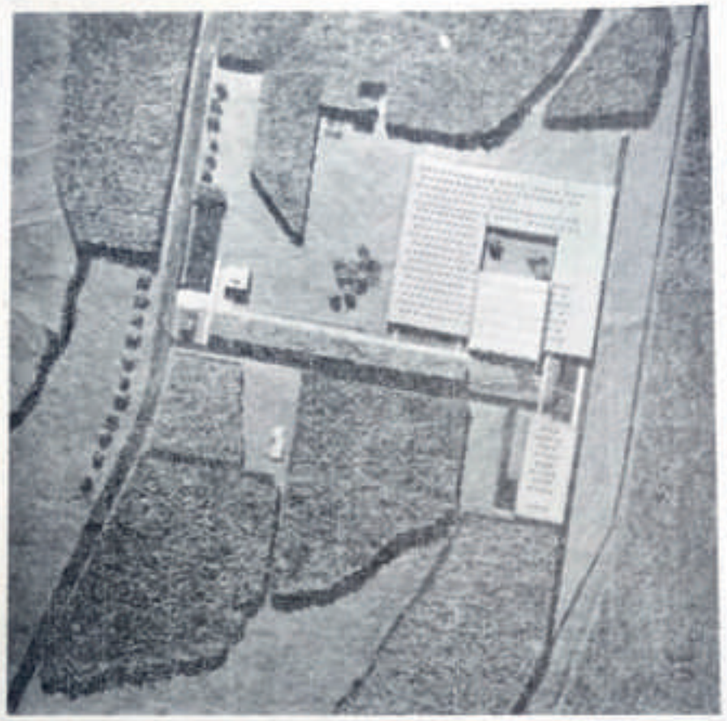


LUMINÁRIAS "DECORLITE" EM PLÁSTICO ACRÍLICO

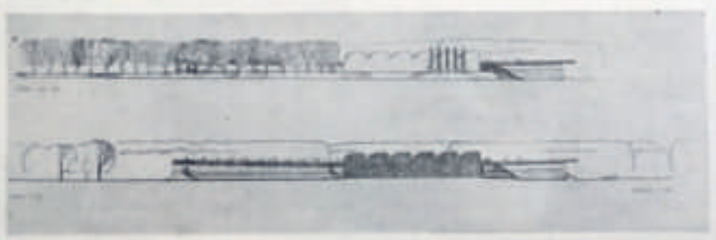
para embutir em:
eucatex (liso)
gêsso corrido
eucatex (bandeja)
placas de gêsso

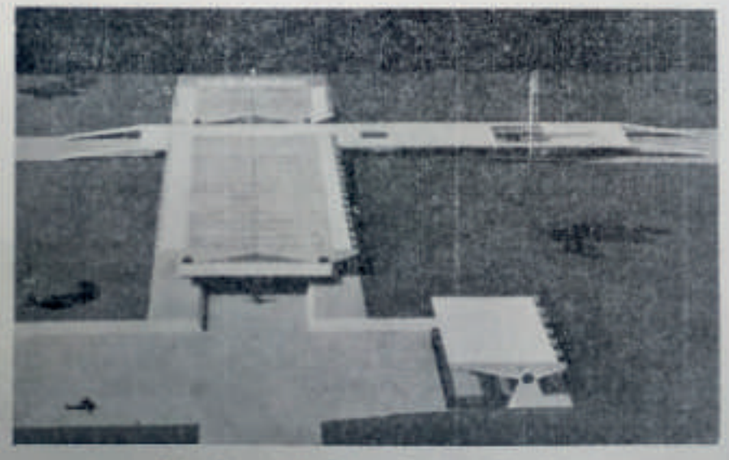
DECOR NEON S.A.

departamento de vendas:
av. nilo peçanha 12, grupo 423
Tels.: 22-9079, 42-0549, 52-4838



Prêmio Governador do Estado — Fac. de Arq. da Academia de Belas Artes de Varsóvia, Polônia





Prêmio Projeto de São Paulo — Faculdade da Univ. Mackenzie

Notícias

HABITAÇÃO E REFORMA URBANA NA FNA.

O Diretório Acadêmico Atílio Correia Lima promoveu no final de setembro uma semana de debates sôbre a Habitação e Reforma Urbana. Foi preparada uma exposição sôbre o tema dêste problema básico do desenvolvimento sócio-econômico brasileiro. A mostra que pretende ser o núcleo inicial de uma exposição maior e mais completa, foi preparada a base do texto do recente Seminário de Habitação e Reforma Urbana promovido pelo IPASE e pelo IAB, e de elementos gráficos que denunciam os aspectos mais graves da questão brasileira de moradia. O **DAACL** pretende ainda fazer desta exposição uma exposição-volante que seria exibida em outras unidades universitárias, acompanhada de palestras e debates sôbre Habitação e Reforma Urbana.

Dentro do programa da semana estiveram na **FNA** para tomar parte num debate representantes do **IAB-GB.** Os arquitetos Antônio Pedro Alcântara, Dora Alcântara, Maurício Nogueira Batista e Rufio Macedo Machado, membro da Comissão de Habitação do **IAB-GB**, fizeram um relato sucinto das teses discutidas no s.HRu. O arquiteto Antônio Pedro Alcântara discorreu sôbre duas experiências que vem sendo executadas no Nordeste. A experiência pilôto de Cajueiro Bêco, com a utilização de premoldados de taipa, processo estudado pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi, com a colaboração de uma equipe de alunos da Escola de Arquitetura da Universidade de Pernambuco. E a experiência da SUDENE no Maranhão, com um plano de colonização dos mais interessantes.

VII BIENAL — ESCOLAS DE ARQUITETURA

Concorreram aos prêmios do Concurso de Escolas de Arquitetura da VII Bienal de São Paulo, 34 escolas de diferentes países. O tema proposto era o de "projetar a instalação industrial completa de uma fábrica, com funcionamento que ocupe no mínimo quinhentos operários. O tema exigia ainda que fôssem resolvidas as necessidades complementares, como administração, assistência médica, social etc. e que solução proposta estivesse "justificada e dedicada para terreno existente e indústria de interêsse localizada em cada país concorrente".

Julgamento

O julgamento dos trabalhos apresentados iniciou-se no dia 12 de setembro e prolongou-se até o dia 15. Compunham a Comissão Julgadora os arquitetos: Acácio Gil Borsoi (IAB-PE), Jorge Wilheim (IAB-SP), Maurício Nogueira Batista (IAB-GB), Miguel Pereira (IAB-RGS) e Oswaldo Correia Gonçalves (IAB-SP).

A Comissão Julgadora segundo os critérios adotados para apreciação dos trabalhos (conceituação do problema), implantação do terreno; clareza de funcionamento, estrutura, adequação e

beleza dos espaços internos e externos; coerência entre concepção e resultado plástico; proposições inovadoras que reflitam realidades objetivas), selecionou os dois trabalhos que a seu ver mereciam receber os dois prêmios.

Prêmio Governador do Estado — Cr$ 600.000,00 — Foi escolhido o projeto (tecelagem) da Faculdade de Arquitetura da Academia de Belas Artes de Varsóvia — Polônia, de autoria de Piotr Perepiys e Boguslaw Kujawsky. **"que soluciona o tema proposto a partir de cuidadoso e sóbrio estudo urbanístico, apresentando excelente implantação e flexibilidade, solução estrutural simples e espaços apropriados, cuidado e equilíbrio na solução dos aspectos humanos da fábrica e unidade plástica; a ligação entre os setores "sêco" e "molhado" da linha de produção e conseguida com grande simplicidade, sendo no entanto, discutível o apoio das cascas de cobertura em elementos pertantes de material diverso.**

Prêmio Prefeito de São Paulo — Cr$ 300.000,00

Concedido ao trabalho apresentado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, São Paulo — Brasil (Indústria Aeronáutica) de autoria de A. Cardellini, B. Bianco, J. Magalhães, J. Villa e W. R. Maffei". **"O projeto apresenta uma boa conceituação, posição equilibrada, excelente implantação, grande coesão e unidade, ótimo funcionamento e espaços adequados à função; sua estrutura é expressiva merecendo, no entanto, reparos pela solução forçada do escoamento de águas pluviais; criticou-se, também, a rigidez planimétrica acarretada pela solução estrutural e pela busca de unidade formal."**

Referência Especial

A Comissão Julgadora destacou um outro trabalho fazendo-lhe uma referência especial: o projeto apresentado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo — Brasil, de autoria de A. Martino, J. Sovoy de Castro e M. Gorowitz que tiveram a colaboração do Laboratório de Hidráulica da Universidade de SP, e do engenheiro hidráulico Roberto Max Hermann. No seu destaque o Juri acentuou: **"o tema adotado, (... usina hidrelétrica) limitando a participação humana no processo industrial, excluiu da comparação aquêles aspectos de um projeto fabril que se relacionam com operários (circulação, repouso, etc.) destarte, foge o projeto claramente do programa, impossibilitando parte da comparação necessária ao julgamento. Os autores devem ter sentido tal fato, ao proporem uma unidade de habitação que, a não ser como acampamento na fase da construção, não se relaciona com a indústria proposta e sim com uma eventual zona industrial a qual, porém, não é justificada no trabalho. O projeto, porém, simboliza com raro brilho a participação do arquiteto como profissional apto a elaborar projetos em que preponderam os aspectos técnicos, conferindo-lhe tanto riqueza plástica como valor humano. A excelência das soluções plásticas e a beleza do partido adotado, fazem êste projeto merecedor de ampla divulgação".**

Sugestão à Bienal

A Comissão Julgadora, ao encerrar seus trabalhos considerando a função educativa dos concursos de escalas de arquitetura promovidos pela Bienal, resolveu sugerir à direção da Bienal:

a) a divulgação de fotografias dos trabalhos expostos, principalmente os vencedores;

b) o envio a tôdas as escolas participantes, da ata da **CJ**, fotografias ou microfilmes dos dez projetos finalistas com vistas ao melhor aproveitamento dos estudantes.

c) Esforços junto a revistas especializadas industriais para que publiquem os projetos classificados, especialmente os vencedores, afim de contribuir na afirmação do arquiteto no setor da arquitetura industrial.

PRESIDENCIA DO IAB

O arquiteto Jorge Machado Moreira assumiu a presidência do IAB, e nela permanecerá durante a ausência do arquiteto Ícaro Castro Melo que viajou para participar do VII Congresso da U.I.A., em Cuba, e das Jornadas de Arquitetura do México.

ARQUITETO BOLSISTA

O Govêrno brasileiro contemplou o arquiteto turco Bertan Mestci com uma bôlsa de estudos em nosso país.

Atendendo a uma solicitação feita o IAB está procurando conseguir para o arquiteto Mestci trabalho em escritórios de arquitetura. Qualquer informação neste sentido poderá ser dada pelo telefone 57-5366.

DEPARTAMENTO DE EDIFICAÇÕES FECHA ARQUIVO

O IAB-GB tem recebido reclamações e protestos de arquitetos pelo fato de terem sido fechados os arquivos do Departamento de Edificações da SOP. Segundo as informações prestadas o Arquivo encontra-se fechado desde 5 de setembro de 1962. Esta ocorrência tem prejudicado sensivelmente não só os profissionais como os proprietários de terrenos da **GB**, uma vez que o próprio Departamento exige dos proprietários informações sôbre projetos ou construções existentes ou havidas nos terrenos para dar seguimento aos atuais projetos. O IAB-GB entrou em entendimentos com o Diretor de Edificações para tentar uma solução para a indispensável reabertura dos arquivos.

SECRETARIA DE SAÚDE — CONVENIO

A **SSA** informou ao IAB-GB de que a escolha dos arquitetos aos quais serão confiados os projetos, reformas e adaptações referidas no ofício de 16/VII/1963, está dependendo de decisão do Governador do Estado.

A Secretaria de Saúde comunicou também ter escolhido, baseado em pedidos de indicação de arquitetos feitas anteriormente, o arquiteto Mário Torquato Pinheiro para projetar o nôvo Laboratório de Produtos Terapêuticos (contrato celebrado com a SUSEME em 2/VIII/1963 e publicado no D. O. de 6/VIII/1963) e o arquiteto Ary Garcia Rosa para projetar o nôvo Instituto de Hematologia (contrato com a SUSEME, assinado em 22/VIII/1963 e publicado no D. O. de 27/VIII/1963).

IAB-MG — NOVA DIRETORIA

Eduardo Guimarães é o nôvo Presidente do IAB-MG. A Diretoria liderada por EG, tem como metas a construção da sede do departamento que "será o ponto de encontro de arquitetos e artistas", e estabelecer convênios para indicação de arquitetos, nos moldes adotados pelo IAB-GB, com a Prefeitura de Belo Horizonte e com o Govêrno do Estado de Minas.

CLUB DA ORLA — SP

Os arquitetos ISRAEL SANKOUSKY e JERÔNIMO BONILHA foram os vencedores do concurso de anteprojetos para o CLUB DA ORLA que será construido em Guarujá.

A Comissão Julgadora do concurso, estava constituida pelos arquitetos Vilanova Artigas, Joaquim Guedes e Oswaldo Bratke.

BELO HORIZONTE PREPARA MAPA ACÚSTICO

O ruído urbano tem-se transformado em preocupação constante para os que lidam com questões relativas ao planejamento de nossas cidades. Infelizmente, esta preocupação não atingiu, ainda, os setores responsáveis pela Administração Pública e pelo bem-estar da coletividade. Até agora, as iniciativas no sentido de estudar o ruído urbano e coibir suas distorções, com raras exceções (Prefeitura de São Paulo, entre elas) partiram sempre de pessoas e órgãos não diretamente ligados aos Governos das cidades. O Engenheiro Péricles Silva, livre docente da Escola de Arquitetura da UMG, está preparando, inclusive com a participação dos alunos de Arquitetura, o Mapa Acústico da Cidade de Belo Horizonte. A iniciativa é das mais importantes e merece integral apoio de todos os que lutam por condições de vida menos brutais e mais humanas para as populações urbanas do Brasil.

CONCURSO TEL-AVIV-YAFO

Foi encerrado o julgamento do Concurso Internacional de Planejamento para a Area Central de Tel-Aviv-Yafo — Israel. Concorreram 152 trabalhos de arquitetos de quase todos os países. O Juri classificou em **primeiro lugar** (50.000 Libras Israelenses) o trabalho dos arquitetos Alexandre Frhr. V. Branca e Fred Angerer de Munique que tiveram como colaboradores Gerd Feuser e o engenheiro Hanajorg Zeitler; **segundo prêmio:** (30.0000 L. I.) arquiteto Jan Lubicz-Nycz, ARIBA, de São Francisco.

O Juri decidiu não outorgar o terceiro prêmio (20.000 L. I.) resolvendo juntar a sua dotação à destinada às menções (30.000 L. I.) distribuindo o total, (50.000 L. I.) igualmente entre os seguintes concorrentes:

1) arquitetos Van den Broek e J. B. Bakema — Rotterdam.
2) arquiteto Paul Lalics — Viena.
3) arquitetos Barbara Perchal, Jerzy Plesner, Mieczyslaw Turski — Krakow.
4) projeto apresentado pela Seção Polonesa da U.I.A. — Varsóvia, cujo envelope de identificação não trouxe os nomes dos autores.
5) arquiteto Nachum Zolozov — Tel-Aviv.
6) arquiteto Leopoldo Gerstel — Haifa.

Cartas

ARQUITETURA:

Na bibliotecа da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo — USP — conhecemos a ótima revista que V. Sa. dirige, cujas qualidades a recomendam como leitura obrigatória "também" para os alunos (como é o nosso caso). Portanto, vimos solicitar, por uma deferência de V. Sa., nos seja enviada a revista, que em boa hora o IAB-GB lançou e entrega aos arquitetos brasileiros.

As. Paulo Lúcio de Brito (3.º ano) — Rua Rio Grande, 490 - S. Paulo 8; e René Antônio Nenken (5.º ano) — Rua Arruda Alvim, 110 - S. Paulo — 9.

ARQUITETURA:

Tenho recebido com assiduidade a sua revista. Considero-a como a melhor publicação no género editada no Brasil. Dois aspectos desta revista merecem destaque: o interêsse e a objetividade com que encara os problemas brasileiros e o fato de ser uma revista aberta a todos os profissionais de arquitetura e não o veículo de promoção de uns poucos.

Estou inteiramente à sua disposição para obtenção de dados, informações ou outros elementos, aqui na Bahia.

Está de parabéns o IAB da Guanabara por esta publicação.

As. arquiteto Paulo de Azevedo — Av. Estados Unidos — Edif. Cidade de Aracajú — sl1.005 — Bahia.

* O colega **PA** pode começar desde já a nos enviar dados, informações, fotos e mais o que julgar de interêsse para arquitetos. Estamos preparando nova seção, **PAINEL** destinada a cobrir todo o fato arquitetônico brasileiro.

ARQUITETURA:

Quien le escribe ésta carta es un estudiante ecuatoriano de la Universidad de Recife, que está interesado en adquirir el número de la revista ARQUITECTURA donde salió editado um articulo sobre la reciente visita del arquitecto francés Le Corbusier a ciudades brasileñas. Motivos personales me obrigan a hacer-le esta solicitud y además aprovecharia para pedirle pleno conocimiento de las posibilidades de ganar una suscripción de su catalogada revista, que la considero un medio más donde el estudiante de arquitectura profundizara sus conocimientos y observará en mejor forma los problemas que se presentan en la vida profesional.

As. Germán Delgado Roloños — Caixa Postal, 376 — Recife — PE.

ARQUITETURA:

Sendo de grande interêsse para esta obra, pelos seus artigos, dados técnicos e informações publicadas, muito apreciaríamos receber regularmente os números da revista ARQUITETURA.

As. Maurício A. Augusto da Silva — Eng.º-Chefe da Obra de Construção da Refinaria Gabriel Passos (Petrobrás) — R. dos Caetés, 530 - 2.º andar — B. Horizonte.

ARQUITETURA:

Quero agradecer, pelo presente, o recebimento de ARQUITETURA, revista que depois de lida foi devidamente encaminhada à Biblioteca desta Escola.

Ressalto que, a par de excelente feição gráfica, contém a publicação do Instituto de Arquitetos do Brasil — Departamento da Guanabara, matérias de real interêsse para os que se dedicam ao estudo da arquitetura.

As. Prof. Vitoriano Gonzalez y Gonzalez — Vice-Diretor em Exercício — Escola de Engenharia — Paraíba.

ARQUITETURA:

pelo material didático, humano e social que traz em suas páginas será mais um fator decisivo para o estudo dos problemas nacionais bem como uma fonte de pesquisa para os trabalhos de nossos estudantes.

As. Rogério S. Lima — Assessor Cultural — Centro Acad. da Esc. de Eng. R.G.S.

* Não tem sido outro, **RSL**, o nosso esfôrço e o nosso intuito.

ARQUITETURA:

A União Portuguêsa dos Estudantes no Brasil, no intuito de colocar à disposição dos leitores da biblioteca "Dr. Azeredo Perdigão", obras e revistas de alto nível técnico e científico, tendo sido a revista ARQUITETURA uma das mais solicitadas pelos seus leitores. Outrossim, esclarece a Vs. Sa. que, depois de exposta em seu salão e à medida da chegada de novos números, os números atrasados serão remetidos para diversas Faculdades e Institutos Técnicos portugueses, de quem, também, tem recebido insistentes pedidos de remessa de revistas de nível de ARQUITETURA, esperando, dêsse modo, contribuir para a difusão da cultura brasileira em Portugal.

As. Anacleto Abreu Raimundo — Diretor Dep. Intercâmbio; e Afonso F. Rocha — 2.º Vice-Presidente — UPEB — R. Buenos Aires, 119 — 4.º andar.

* Seria de todo interêsse, AAR, fazermos um maior intercâmbio de publicações brasileiras e portuguêsas. As revistas portuguêsas (Arquitectura e Binário, entre elas) têm ótimo padrão, mas são pouco conhecidas pelos arquitetos brasileiros.

ARQUITETURA:

Tendo conhecido há pouco a revista mensal do IAB-GB, ARQUITETURA, afirmo-lhes que muito me interessou, pela sua excelente coordenação geral, com uma variedade de temas, que na realidade, possibilitam a nós, arquitetos, uma continua atualização nos setores: arquitetônico, artístico, político, social, etc. A sua leitura contribui eficientemente para o aprimoramento de nossa profissão.

As. arquiteto Egídio Antônio dos Santos Filho — CREA - 1758 — DP — R. Siqueira Bueno, 138 — Belenzinho — SP.



GIANFRANCO

Reprodução de obras antigas e modernas

Colocação em:
- murais
- biombos
- armários

R. Hilário de Gouvea, 66 S.L. 210 rec./tel. 37-5857 (esq. Av. Copacabana)

Proteja sua Propriedade Contra o Fogo



EXTINGUEM INCÊNDIOS AUTOMÁTICAMENTE

Descontos de até 60% nos prêmios de seguro-incêndio.

RESMAT LTDA.

Av. Graça Aranha, 333 — s/506
Cx. Postal 1556-ZC-00
Tel.: 42-1278

ARQUITETURA:

Sendo de grande interêsse para esta Biblioteca, vimos solicitar a V. S. que nos seja remetido regularmente o periódico ARQUITETURA, editado pelo órgão que V. S. dirige.

As. Maria do Carmo Pontes Lyra — Bibliotecária — Univ. do Recife.

ARQUITETURA:

Para melhor desempenhar minha função de Engenheiro da Divisão de Planejamento da Obra de Construção da Refinaria Gabriel Passos, gostaria de receber regularmente a revista em epígrafe.

As. Hélio Navarro dos Santos — Rua Sulinas, 2.212 — Sta. Tereza — Belo Horizonte — MG.

ARQUITETURA:

Engenheiro civil recém-formado, acho-me a frente do Serviço de Obras da Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni e cada vez mais empolgado e interessado nos problemas de Arquitetura e Urbanismo. A nossa cidade está em fase de grande expansão que precisa ser bem orientada tècnicamente. Visitando a Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais fiquei deveras entusiasmado com os artigos e a montagem da Revista ARQUITETURA e nela encontrei tudo aquilo que necessitava para estar sempre em dia acompanhando o desenvolvimento da técnica arquitetônica.

Gostaria sobremodo de receber esta Revista bem como os seus números atrasados que poderiam ser endereçados ao Serviço de Obras da Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni, o que muito nos honraria.

As. Engº Gilberto Otoni — Serv. de Obras da Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni.

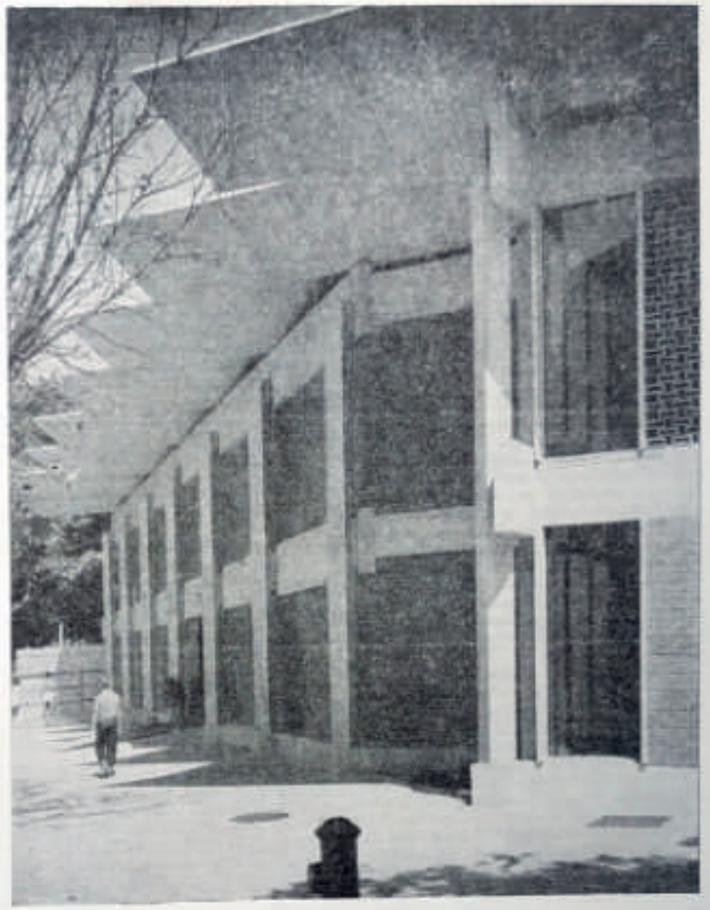
● Sua carta dá-nos aquela sensação profundamente estimulante de missão cumprida. Temos lutado desde os primeiros números de nossa revista por difundir conceitos capazes de criarem uma nova mentalidade em face dos problemas urbanos e de habitação de nossas cidades. Vamos providenciar a remessa dos números atrazados ainda disponíveis e incluí-lo em nossa lista de pessoas que recebem ARQUITETURA. Esperamos ter, breve, notícias de suas atividades à frente do SO da PMTO.

ARQUITETURA:

Vimos por meio desta expressar nosso entusiasmo com relação à publicação que Vv. Ss. dirigem, da qual somos leitores assíduos.

Nossa admiração, pelo trabalho realizado prende-se ao fato de ter sido tomada pelos Srs. uma orientação sadia no sentido do debate e esclarecimento das causas fundamentais que condicionam a realização da Arquitetura brasileira.

As. Arq. Zena Giacomet
Arq. Paulo José Gandolfi
Arq. José Galbinski
Arq. Julio A. Alves Tedesco
Secretaria das Obras Públicas — R. Siqueira Campos, Pôrto Alegre, RGS.



Super Mercado Disco em Ipanema
Estrutura Modular em concreto aparente
Alvenaria de tijolo à vista
Esquadrias pré-fabricadas em concreto, coladas com Colmat

Projeto e construção da

cobe

Companhia Brasileira de Estruturas
Rua do Carmo 9 / 8.º - 52-2190

Diretor Presidente:
Engenheiro civil: Fabio Ribeiro de Oliveira

Diretores:
Engenheiro civil: Celso Bulhões Carvalho da Fonseca
Arquiteto: Arthur Licio Pontual

Legislação

GB
NÚCLEOS INDUSTRIAIS

Decreto "N" n.º 37 — de 3 de agôsto de 1962

Estabelece condições para a criação de Núcleos Industriais, e dá outras providências.

A necessidade da expansão racional das indústrias exige, igualmente, a sua fixação em locais mais consentâneos com o seu uso específico;

E' preciso dar-se maior flexibilidade à localização das indústrias;

Torna-se imprescindível que as atuais instalações industriais não venham a ser tolhidas em sua expansão;

E' de considerar-se a importância de uma política expansionista com respeito à criação de um parque industrial, ao mesmo tempo que não se deve prescindir das condições de segurança e defesa das regiões onde será o mesmo criado ou ampliado;

E' mister incrementar-se o fomento à indústria, especialmente nas fábricas já instaladas e em notória fase de expansão, permitindo-se o aumento das instalações e o reaparelhamento das mesmas.

Isto pôsto:

O Governador do Estado da Guanabara no uso da atribuição que lhe confere o inciso 1.º do art. 30 da Constituição do Estado, decreta:

Art. 1.º — Os terrenos onde estão instaladas, atualmente, fábricas ou oficinas fora das zonas industriais, serão considerados núcleos industriais (NI), devendo ser a delimitação dêsses núcleos estabelecida por Decreto do Governador do Estado, mediante pedido feito por meio de requerimento do proprietário, obedecidas as seguintes disposições:

I — Não virem a prejudicar, comprovadamente e de qualquer forma, a vizinhança, hospitais e escolas das imediações;

II — Não prejudicarem condições paisagísticas, panorâmicas ou biológicas locais;

III — Trabalharem efetivamente na indústria mais de 25 (vinte e cinco) pessoas;

IV — Não ocasionarem a carga e a descarga de mercadorias incômodo ao trânsito de veículos no logradouro;

§ 1.º — As explorações de substâncias minerais do solo e do subsolo poderão se beneficiar das vantagens dêste artigo, independentemente do disposto no inciso III, a juízo da Comissão a que se refere o art. 6.º.

§ 2.º — As indústrias dotadas de um alto grau de automatização poderão, a juízo da Comissão a que se refere o art. 6.º, prescindir o índice previsto no inciso III.

§ 3.º — A delimitação de núcleos industriais fica condicionada ao interêsse que a expansão da indústria instalada possa representar ao incremento do parque industrial do Estado, a juízo da Comissão a que se refere o art. 6.º.

Art. 2.º — Em qualquer local do Estado da Guanabara, fora das zonas industriais, poderão ser delimitados núcleos industriais provisórios (NI-P), destinados à futura instalação da indústrias, desde que obedecidas as seguintes disposições:

I — Não virem a prejudicar comprovadamente e de qualquer forma, a vizinhança, hospitais e escolas das imediações;

II — Não prejudicarem condições paisagísticas, panorâmicas ou biológicas locais;

III — Indicarem a natureza e os tipos das indústrias a serem futuramente instalados;

IV — Não ocasionarem a carga e a descarga de mercadorias incômodo ao trânsito de veículos no logradouro;

V — Obedecerem aos projetos de alinhamento aprovados.

§ 1.º — O NI-P terá validade pelo prazo de 1 (um) ano a partir da data da sua aprovação pelo Governador do Estado. Findo êste período e não tendo sido iniciadas as obras de construção da fábrica ou oficina, perderá o decreto da delimitação eficácia caducando a concessão, voltando o terreno a ter as suas características primitivas de uso.

§ 2.º — Durante o período de vigência prevista no parágrafo primeiro o terreno só poderá ser objeto de doação, venda, promessa de venda e hipoteca a firmas industriais, ad referendum da Comissão a que se refere o art. 6.º. O desrespeito às disposições dêste parágrafo implicará na caducidade do NI-P.

Art. 3.º — Após a conclusão das obras, o núcleo indústria, provisório (NI-P) será transformado em núcleo industrial (NI), se a indústria instalada satisfizer as exigências do art. 1.º.

Art. 4.º — Ressalvado o disposto no § 2.º do art. 2.º enquanto não forem terminadas a construção e a instalação da nova indústria, comprovadas pelo "habite-se" fornecido pelo Departamento de Edificações, o imóvel não poderá ser vendido.

Art. 5.º — A concessão do núcleo industrial caducará quando deixar de funcionar a indústria que motivou essa concessão.

Parágrafo único — Será permitida a substituição das razões comerciais, desde que não seja modificado o tipo da indústria aprovado.

Art. 6.º — Fica criada Comissão constituída pelo Chefe de Serviço de Instalações Industriais do Departamento de Edificações, do Chefe da Divisão de Planejamento do Departamento de Engenharia Urbanística e de um representante da COPEG (indicado pelo Secretário da Economia), para estudar e dar parecer sôbre os pedidos de delimitação de núcleos industriais e demais pedidos na conformidade do presente decreto.

Parágrafo único — os pareceres dêsse órgão deverão ser justificados, e, em caso favorável serão submetidos à consideração do Sr. Secretário de Estado de Obras Públicas, que os encaminhará a julgamento do Sr. Governador para que seja estabelecida a delimitação, através de decreto, na conformidade do art. 1.º.

Art. 7.º — Não serão permitidas no Estado da Guanabara indústrias de fabricação de pólvora, fogos de artifícios, explosivos, substâncias agressivas ou munição.

Art. 8.º — Êste decreto entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 3 de agôsto de 1963; 75.º da República e 4.º do Estado da Guanabara.

Ernâni Cravo Peixoto
Carlos Lacerda

GB

DECRETO "N" N.º 10 — De 22 de junho de 1963

Modifica os limites da II e III Regiões Administrativas, e dá outras providências.

Para atender alterações causadas no tráfego, escoamento de águas pluviais e conservação de logradouros decorrentes da próxima entrega à população do túnel Santa Barbara e obras complementares e havendo necessidade de, para isso, ser alterado o que sôbre o assunto dispõe o Decreto número 1.656, de 24 de abril de 1963.

O Governador do Estado da Guanabara, no uso de suas atribuições legais, e tendo em vista o que estabelece a Lei n.º 263, de 24 de dezembro de 1962, decreta:

Art. 1.º — A II Região Administrativa passa a ter os seguintes limites: do mar pela Praça 15 de Novembro (incluída), passando pelas ruas Borja Castro, Praça Sérvulo Dourado, Rua do Mercado, Travessa Tinoco, Rua Visconde de Itaborai, Praça B. de Ladário, Rua 1.º de Março, Rua Dom Gerardo, daí ao início da Avenida Rio Branco (tôdas incluídas), excluindo a Praça Mauá, seguindo pela Rua do Acre, Rua Leandro Martins, Rua dos Andradas até o fim da Rua Júlia Lopes de Almeida, Rua da Conceição, Rua Senador Pompeu, Rua do Camerino, Largo dos Estivadores, Rua Barão de São Felix (tôdas incluídas); daí ao tronco principal da E.F.C.B. e por êste até a Rua Marquês de Sapucaí; por esta (excluída) à Rua Frei Caneca, Rua Riachuelo, Largo dos Pracinhas, Avenida Mem de Sá, Rua Visconde de Maranguape, Largo da Lapa, Rua da Lapa, (tôdas incluídas); daí pela Avenida Augusto Severo (excluída) ao eixo da Rua Mestre Valentim no prolongamento da Rua Teixeira de Freitas. Do eixo da Rua Mestre Valentim, em linha reta ao Obelisco da Avenida Rio Branco; dêste alinhamento em ângulo de noventa graus à Avenida Beira-Mar, por esta em direção ao Aeroporto até a Avenida Silvio de Noronha (ambas incluídas); por esta no seu primeiro alinhamento ao mar e daí pela orla marítima até a Praça 15 de Novembro (incluída), ponto de partida.

Art. 2.º — A III Região Administrativa passa a ter os seguintes limites: da esquina da Rua Conde de Lage com a Rua da Glória, Rua da Glória até a Rua da Lapa (trecho incluído), Rua da Lapa, Rua Visconde de Maranguape, Avenida Mem de Sá, Largo dos Pracinhas, Rua Riachuelo, Rua Frei Caneca (tôdas excluídas) até a Rua Marquês de Sapucaí; por esta (incluída até o tronco principal da E.F.C.B.; por êste cortando a Avenida Francisco Bicalho (no viaduto) seguindo pela Rua Elpídio Boa Morte (incluída) até o Viaduto de São Cristóvão na Praça da Bandeira (esta incluída); seguindo pelas ruas do Mateso (incluída), Barão de Itapagipe até Joaquim Pizzarro (trecho incluído), Joaquim Pizzarro (incluída), por esta subindo pelo espigão em direção ao Sumaré; pela Estrada do Sumaré, Estrada Dom Joaquim Mamede (ambas excluídas) até a Rua Almirante Alexandrino; por esta passando pelo Largo do França (ambas incluídas) até a divisa do terreno número 567 (incluído) subindo pela divisa e pelo espigão do Morro da Nova Cintra até o seu ponto mais alto (cota 260,7); daí para descer em direção à Rua Pedro Américo; por esta (excluída) e pela Rua Santo Amaro (incluída), Rua do Catete (excluída), Rua da Glória até a Rua Conde de Lage (trecho excluído), ponto de partida.

Art. 3.º — Ficam transferidos para a III Região Administrativa os Serviços de Natureza Local compreendidos na área da II Região Administrativa que ora se transfere.

Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 5.º — Este decreto entra em vigor a partir da data de sua publicação.

Rio de Janeiro, junho de 1963; 75.º da República e 4.º do Estado da Guanabara.

Carlos Lacerda
Raphael de Almeida Magalhães.

Bôlsa de Materiais

01 — Materiais de Cerâmica
02 — Materiais de cimento-amianto e premoldados
03 — Materiais de madeira
04 — Materiais metálicos
05 — Materiais plásticos
06 — Materiais químicos
07 — Materiais de vidro
08 — Equipamentos
09 — Materiais Diversos
(Preços médios nos revendedores do Rio em 30-9-63).

01 — MATERIAIS DE CERÂMICA

Azulejos brancos (11x11 e 15x15)	Cr$	1.860,00	m²
Azulejos côr (11x11 e 15x15)	"	2.225,00	m²
terminais (boleados), brancos	"	350,00	m²
terminais (boleados), côr de 11x11	"	630,00	m²
calhas internas e externas brancas 15 cm	"	270,00	ml
idem idem idem idem 11 cm	"	315,00	ml
idem idem idem de côr 15 cm	"	375,00	ml
idem idem idem idem 11 cm	"	535,00	ml
Banheiras brancas 4 1/2'	"	31.500,00	uma
Banheiras brancas 5'	"	36.000,00	uma
Banheiras brancas 51/2'	"	41.250,00	uma
Banheiras de côr 4 1/2'	"	41.900,00	uma
Banheiras de côr 5 1/2	"	56.200,00	uma
Bebedouros em louça brancos	"	9.210,00	um
Bebedouros em louça em côr	"	12.300,00	um
Bidês brancos 3 furos	"	6.810,00	um
Bidês de côr 3 furos	"	8.700,00	um
Ladrilhos cerâmico sextavados vermelhos	"	1.540,00	m²
Ladrilhos cerâmicos sextavados em côr	"	3.100,00	m²
Ladr. cerâmicos retangulares vermelhos	"	1.560,00	m²
Ladrilhos cerâmicos retangulares em côr	"	3.036,00	m²
Ladrilhos cerâmicos quadrados sulcado vermelho	"	1.850,00	m²
Ladrilho cerâmico quadrado sulcado em côr	"	3.070,00	m²
Ladrilho cerâmico quadrado boleado verm.	"	120,00	pç
Ladrilho cerâmico qudrado boleado côr	"	165,00	pç
Ladr. cerâmico p/piso industrial verm.	"	2.850,00	m²
Ladrilho cerâmico	"	145,00	pç
Ladrilhos de porcelana (quadrados, hexagonal e octogonal) em côres	"	2.750,00	m²
Ladrilhos de porcelana (quadrados, hexagonal e octogonal) em côres	"	1.480,00	m²
	"	110,00	pç
Lajota decorativa	"	3.300,00	um
Lavatórios de côr 18x11 (1 furo)	"	8.150,00	um
Lavatórios brancos 23x17 (1, 2 e 3 furos)	"	10.420,00	um
Lavatórios de côr 23x17 (1, 2 e 3 furos)	"	2.100,00	m²
Litocerâmica acanalada (normal)	"	2.300,00	m²
Litocerâmica — Placa de 300x60x60	"	4.310,00	um
Mictórios (centro) brancos	"	4.620,00	um
Mictórios (centro) de côr	"	23.450,00	um
Mictórios (sifonados) brancos	"	33.510,00	um
Mictórios (sifonados) de côr	"	1.980,00	m²
Mosaico cerâmico vermelho	"	5.354,00	m²
Mosaico cerâmico verde	"	63,00	uma
Telha de barro (marselha)	"	75,00	uma
Telhas de cerâmica (marselha)	"	87,00	uma
Telha de cerâmica colonial	"	81,00	pç
Tijolo cerâmica prensado (simples)	"	61,00	pç
meio curto	"	59,00	pç
canto redondo			
Vasos Sanitários (vitrificados, autosifonados, de côr)	"	8.710,00	um
Vasos sanitários (branco)	"	4.210,00	um

02 — MATERIAIS DE CIMENTO-AMIANTO E PREMOLDADOS

Basculantes de concreto armado 60x90x5	Cr$	4.100,00	pç
50x75x5	"	4.000,00	pç
Caixilhos de concreto 14,5x15x5, fixos.	"	2.400,00	pç
20x20x5 c/ 2 rebaixos	"	1.530,00	pç
50x50x50 fixos	"	620,00	pç
1,08x28x10 c/ 2 rebaixos	"	1.420,00	pç
Elementos vasados de concreto, quadrados 13x20x10	"	82,00	pç
14x26x8	"	76,00	pç
30x60x15	"	315,00	pç
Elementos vasados de concreto sextavado 12x8x8	"	55,00	pç
sextavadinho 14x16x8	"	54,00	pç
Elementos vasados de concreto triangular 19x19x26x8	"	68,00	pç
Elementos vasados de concreto 49x50x8 venez	"	458,00	pç

03 — MATERIAIS DE MADEIRA

Chapas de madeira compensada (especial) à prova d'água, 220x160		Cr$	570,00	m²
pinho — 4mm		"	770,00	m²
pinho — 6mm		"	1.250,00	m²
pinho — 12mm		"	1.610,00	m²
pinho — 15mm		"	2.200,00	m²
pinho — 20mm		"	2.800,00	m²
pinho — 25mm		"	879,00	m²
cedro — 4mm		"	1.280,00	m²
cedro — 6mm		"	2.255,00	m²
cedro — 8mm		"	2.255,00	m²
cedro — 10mm		"	3.146,00	m²
cedro — 15mm		"	4.187,00	m²
cedro — 20mm		"	4.581,00	m²
cedro — 25mm		"	5.970,00	m²
cedro — 30mm				
Chapas de madeira compensada (comum), 220x160		Cr$	230,00	m²
pinho — 3mm		"	300,00	m²
pinho — 4mm		"	435,00	m²
pinho — 6mm		"	580,00	m²
pinho — 8mm		"	720,00	m²
pinho — 10mm		"	1.320,00	m²
pinho — 20mm		"	1.650,00	m²
pinho — 25mm		"	735,00	m²
cedro — 4mm		"	930,00	m²
cedro — 6mm		"	1.225,00	m²
cedro — 10mm		"	1.645,00	m²
cedro — 15mm		"	2.060,00	m²
cedro — 20mm		"	2.625,00	m²
cedro — 25mm		"	1.255,00	m²
peroba — 4mm		"	1.500,00	m²
peroba — 6mm		"	1.675,00	m²
Peroba — 8mm		"	1.840,00	m²
peroba — 10mm		"	3.000,00	m²
peroba — 20mm		"	3.670,00	m²
peroba — 25mm				
Chapas de fibra de madeira tipo Eucatex		Cr$	625,00	m²
couro	3,5mm	"	680,00	m²
canelado	3,5mm	"	650,00	m²
frisado	3,5mm	"	680,00	m²
lapidado	3,5mm			
Chapas Eucatex para forros				
isolante bisotado	12mm 60 x 60	Cr$	800,00	m²
isolante	8mm 122x244	"	880,00	m²
	12mm 122x244	"	880,00	m²
	12mm 122x122	"	1.000,00	m²
isolante revestido	12mm 122x244	"	1.000,00	m²
	12mm 122x305	"	1.250,00	m²
betumado	12mm 122x244	"	2.500,00	m²
	24mm 122x244	"	500,00	m²
piso flutuante	12mm 122x122	"	1.780,00	m²
acústica A	19mm variável	"	1.840,00	m²
acústico B	19mm variável	"	1.840,00	m²
acústico C	19mm variável	"	1.890,00	m²
travertino	19mm variável	"	500,00	m²
frigorífico	1/2" 122x244	"	860,00	m²
	1" 122x244	"	1.295,00	m²
	1 1/2" 122x244	"	1.720,00	m²
	2" 122x244	"	2.900,00	m²
	3" 122x244	"	3.440,00	m²
	4" 122x244	"	5.020,00	m²
	54mm 122x122	"	1.940,00	m²
durotermic	19mm 120x240	"	3.010,00	m²
	31mm 120x240			
Chapas Neoplan (Bernini)		Cr$	620,00	m²
6mm		"	1.300,00	m²
17mm		"	1.400,00	m²
18mm		"	1.500,00	m²
20mm		"	1.490,00	m²
22mm		"	1.800,00	m²
25mm		"	2.100,00	m²
30mm		"	765,00	m²
Eucatex Azulejo 3,5mm		"	765,00	m²
Eucatex Lambri 3,5mm				
Lambris Compensados 0,07 cm.				
pinho faqueado		Cr$	2.142,00	m²

descascado	"	1.428,00	m²
imbuia	"	2.142,00	m²
amendoim	"	2.142,00	m²
cedro	"	2.142,00	m²
marfim	"	2.142,00	m²
cerejeira	"	3.620,00	m²
jacarandá	"	4.000,00	m²
fantasia	"	4.165,00	m²
canherade	"	1.785,00	m²
Compensados 0,12 cm.			
pinho faqueado	Cr$	1.985,00	m²
pinho descascado	"	1.757,00	m²
imbuia	"	1.975,00	m²
amendoim	"	1.975,00	m²
cedro	"	1.975,00	m²
marfim	"	1.590,00	m²
cerejeira	"	3.685,00	m²
jacarandá	"	3.685,00	m²
Maciços			
pinho de riga	Cr$	15.000,00	m³
cedro amazonas	"	2.700,00	m²
goncale alves — peroba	"	2.900,00	m²
jacarandá	"	7.000,00	m²
cavitiva	"	4.050,00	m²
marfim	"	2.500,00	m²
Parquet em peroba do campo ou sucupira 0,067x0,134	"	2.140,00	m²
0,077x0,402	"	2.650,00	m²
Parquet em amarelo artim, macacauba ou tauiuva 0,067x0,134	"	2.800,00	m²
0,067x0,402	"	3.158,00	m²

05 — MATERIAIS PLASTICOS

Chapas plásticas (Formiplac) brilhantes 1,5 m	Cr$	4.300,00	m²
meio fôscas	"	4.500,00	m²
fôscas	"	4.500,00	m²
Pias plásticas	"	8.900,00	m²
Pisos plásticos de luxo (colocado)	"	2.200,00	m²
anti-derrapante	"	1.900,00	m²
semi-áspero	"	1.900,00	m²

Tampos para vasos sanitários (Goyana)	"	5.600,00	um

06 — MATERIAIS QUIMICOS

impermeabilizante de pega normal	"	87,00	kg
impermeabilizante de pega rápida	"	142,00	kg
impermeabilizante de pega ultra rápida	"	176,00	kg
mastique elástico p/calafetar a frio (preto)	"	121,00	kg
(cinza)	"	237,00	kg
Repelente de água ("Repelaqua")	"	1.935,00	3,6 l
tinta protetora para concreto	"	122,00	kg
tinta protetora para fachadas	"	119,00	kg
líquido incolor para fachadas	"	267,00	kg
tinta asfáltica de proteção, tipo Proko	"	81,00	kg

07 — MATERIAIS DE VIDRO

Pastilhas de vidro			
Miscelânea MC	"	1.115,00	m²
Miscelânea MS	"	870,00	m²
Reflex	"	1.280,00	m²
Vipax Especial	"	2.325,00	m²
Vipax Standard	"	1.430,00	m²
Telhas de vidro (marselha)	"	420,00	uma

08 — EQUIPAMENTOS

Exaustores domésticos standard	Cr$	29.670,00	um
doméstico luxo	"	34.500,00	um
comerciais 250 mm	"	34.500,00	um
comerciais 400 mm	"	40.650,00	um
Aquecedores elétricos cap. 30L	"	41.100,00	um
cap. 80L	"	66.500,00	um
cap. 100L	"	78.400,00	um
cap. 200L	"	166.000,00	um
cap. 300L	"	245.000,00	um
cap. 500L	"	367.000,00	um
Aquecedores a gás (branco)	"	33.350,00	um
Aquecedores a gás (em côr)	"	38.400,00	um
Fogões a gás (encanamento) 4 bôcas	"	33.890,00	um
6 bôcas — 523	"	112.560,00	um
Fogões a gás (engarrafado) 4 bôcas	"	49.245,00	um
(c/instalação de 2 botijões), 6 bôcas	"	110.850,00	um

Serraria Santana Ltda.

COMPENSADOS EM GERAL

DURATEX — FORMIPLAC E EUCATEX

MADEIRAS E MATERIAIS PARA MARCENARIAS E CONSTRUÇÕES

21 ANOS DE TRADIÇÃO E BONS SERVIÇOS

Rua Santana, 149/151 Rio de Janeiro — Telefone 23-6131

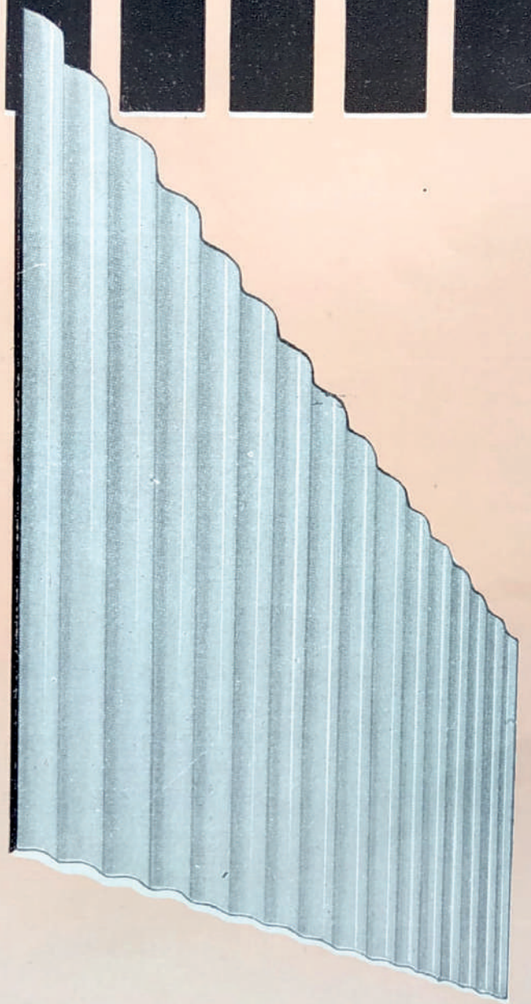
fatima fatima fatima fatima fatima
fatima fatima fatima fatima fatima



arquitetura interiores
r. domingos ferreira, 221 - b. GB

CHAPAS

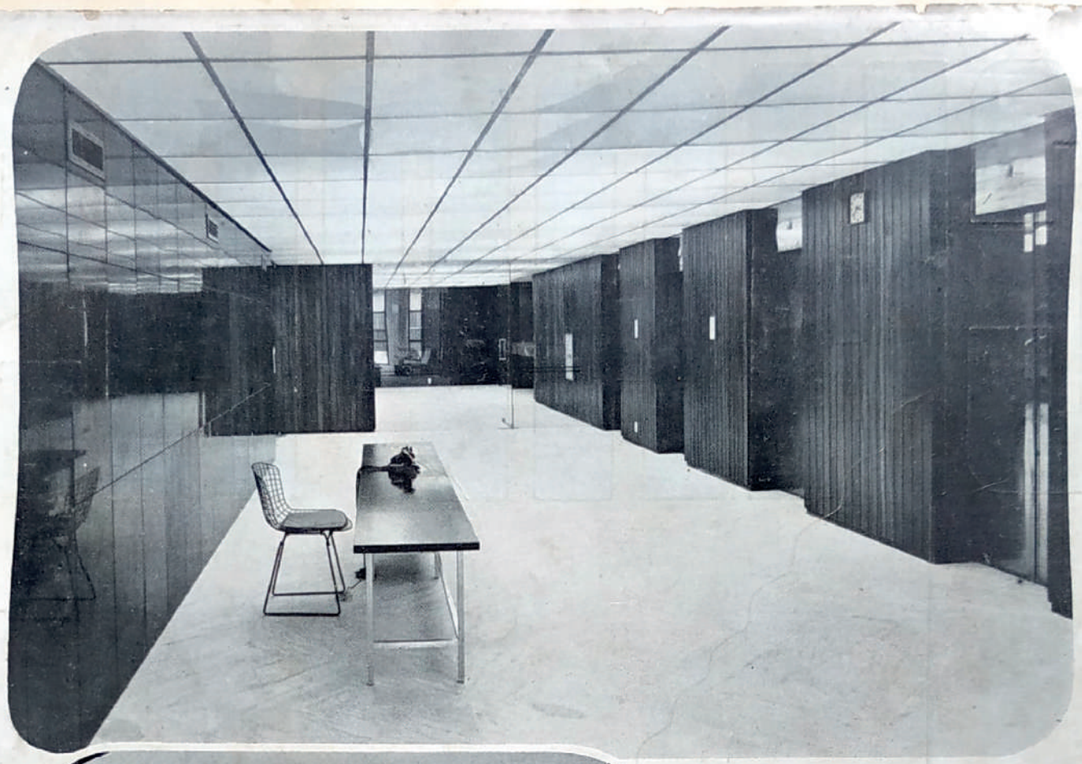
DE ALUMÍNIO CORRUGADAS PARA COBERTURAS





Companhia Brasileira de Alumínio
RUA RIZKALLAH JORGE, 50 - 11.º ANDAR - SÃO PAULO

CBA



1.ª FIGURA:

HALL NOBRE DO EDIFÍCIO DA CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ — RUA DA CANDELÁRIA, 66 — RIO DE JANEIRO — GUANABARA.



2.ª FIGURA:

EDIFÍCIO DA CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ — ARQUITETOS: M. M. M. ROBERTO — CONSTRUTORES: SEVERO E VILLARES S/A.

NESTE EDIFÍCIO ACHAM-SE INSTALADOS 5 ELEVADORES ATLAS COM CAPACIDADE PARA 16 PESSOAS CADA, VELOCIDADE 150 m.p.m. MÁQUINA SEM ENGRENAGEM, DE CORRENTE CONTÍNUA, COMANDO ELETRÔNICO TIPO SUPER TRAFIC — COM VOZ FANTASMA — CABINAS DE AÇO INOXIDÁVEL E PORTAS DE BRONZE.

ELEVADORES ATLAS

SILÊNCIO - CONFORTO - SEGURANÇA - DURABILIDADE